

SEÇÕES

Editorial

Artigos e Ensaaios

Poesia

Ficção

Outros Textos

Discursos

Registro

Pesquisa Iconográfica



Guriatã é um pássaro pequeno, muito encontrado outrora nas fazendas da Região Cacaueira da Bahia. Tem o dorso negro-azulado brilhante, a ponta das asas é de um castanho-claro, lado inferior amarelo. Mancha amarela na fronte. Imita o canto de outros pássaros. Muito apreciado para ser criado em gaiola. Por sua versatilidade de pássaro cantante e por ser raro encontrá-lo hoje, a Academia de Letras de Itabuna presta singela homenagem, tomando emprestado o nome dele para batizar sua Revista.

(Nota de Cyro de Mattos)



Guriatã



Guriatã

REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA

Maio de 2015 – Nº 1 – ISSN 2446-5615

REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA – Nº 1 – 2015



**PATRONO DA ACADEMIA
DE LETRAS DE ITABUNA**

ADONIAS FILHO

**DIRETORIA DA ACADEMIA
DE LETRAS DE ITABUNA**

Presidente

Sônia Carvalho de Almeida Maron

Vice-Presidente

Ceres Marylise Rebouças de Souza

1ª Secretária

Lourdes Bertol Rocha

2º Secretário

João Otávio de Oliveira Macedo

1º Tesoureiro

Rilvan Batista de Santana

2º Tesoureiro

Gustavo Fernando Veloso Menezes

Diretor da Biblioteca

Cyro Pereira de Mattos

Diretor da Revista

Ruy do Carmo Póvoas

Diretor de Arquivo

Marcos Antônio Santos Bandeira

Diretora de Projetos e Pesquisas

Janete Ruiz de Macedo

Diretor de Ações Culturais

Jorge Luiz Batista dos Santos

Diretora de Comunicação

Sione Maria Porto de Oliveira

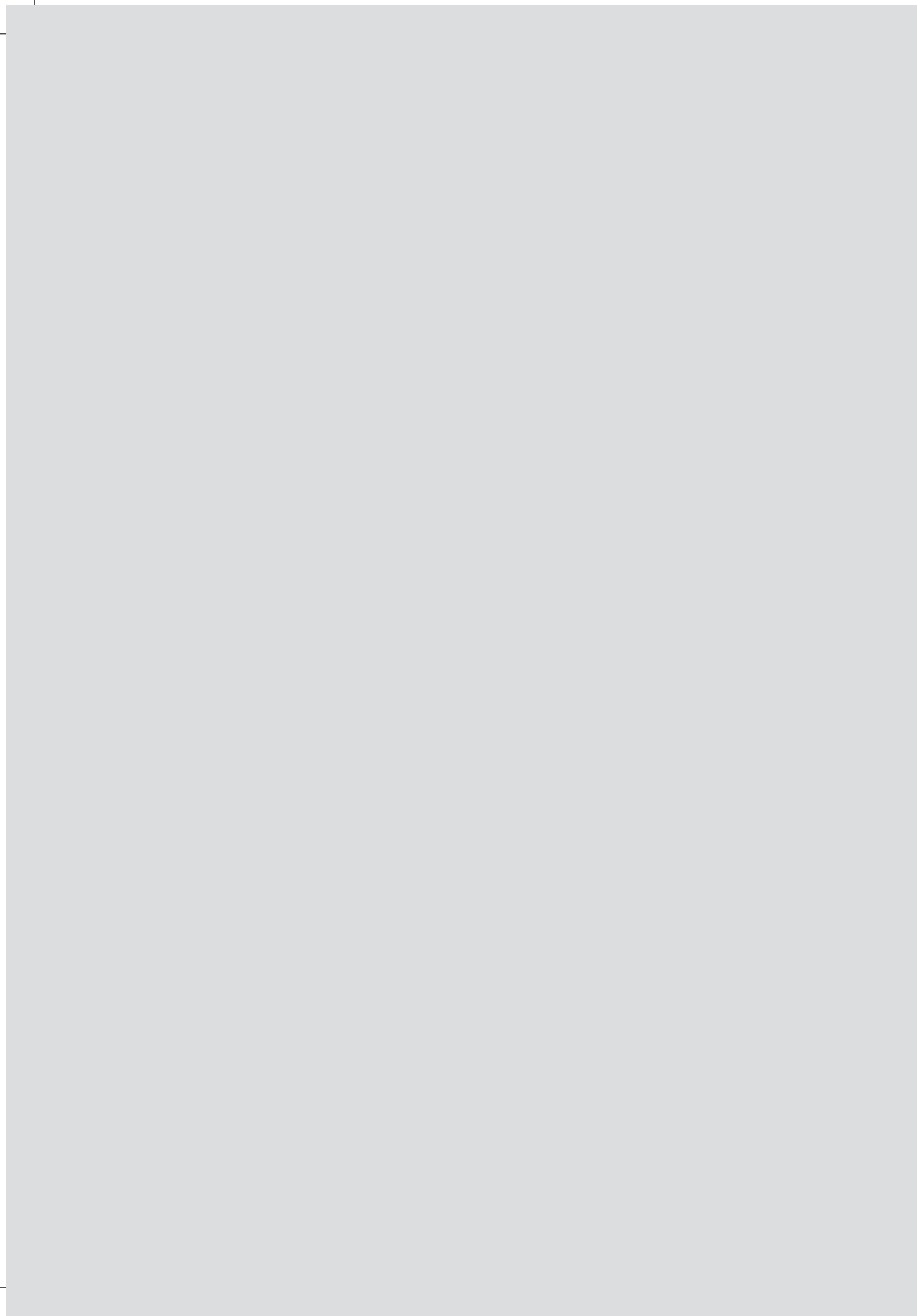
Diretora de Informática

Raquel Silva Rocha



Guriatã

REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA





Guriatã

REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA

Maio de 2015 – Nº 1 – ISSN 2446-5615

Bahia, Itabuna
2015

Copyright © 2015 by Academia de Letras de Itabuna (ALITA)

Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito dos autores.

Presidente da Academia de Letras de Itabuna

Sônia Carvalho de Almeida Maron

Diretor da Revista

Ruy do Carmo Póvoas

Conselho Editorial

João Otávio de Oliveira Macedo

Lurdes Bertol Rocha

Raimunda Alves Moreira de Assis

Raquel Silva Rocha

Sione Maria Porto de Oliveira

Coordenador e Produtor Editorial

Cyro de Mattos

Diagramação

Samuel Tabosa de Castro

A ideia do nome Guriatã para a revista e a da capa e contracapa com o pássaro é do acadêmico Cyro de Mattos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Guriatã - Revista da Academia de Letras de Itabuna

Publicação da Academia de Letras de Itabuna (ALITA). Itabuna-Bahia: Libri Editorial; maio de 2015.

164 p. : il. ; 22 cm.

ISSN 2446-5615

1. Literatura brasileira. 2. Contos. 3. Poesias. 4. Iconografia. I. Título.

CDU: 82.34; 82-1; 7.04

SUMÁRIO

EDITORIAL

Mensagem.....	9
<i>Sônia Carvalho de Almeida Maron</i>	
À Comunidade	11
<i>Ruy Póvoas</i>	

ARTIGOS E ENSAIOS

A Voz de Uma Mulher Grapiúna: Valdelice Pinheiro.....	15
<i>Maria de Lourdes Netto Simões</i>	
Memória da Educação em Itabuna: (Re) contando a história	21
<i>Raimunda Assis</i>	
A Literatura e Nossa Identidade Negra.....	36
<i>Jorge Luiz Batista dos Santos</i>	
A Saga do Cacau em Terras Sul-Baianas.....	41
<i>Lurdes Bertol</i>	
Máscaras	46
<i>Consuelo Pondé</i>	
O Adolescente em Conflito com a Lei.....	49
<i>Marcos Bandeira</i>	
Redes Sociais e “Comportamento de Manada”	53
<i>Celina Santos</i>	
Violência Urbana	55
<i>Sione Porto</i>	

POESIA

Ao Rapaz Que Se Parecia com Deus	61
<i>Florisvaldo Mattos</i>	
Poema Nada Executivo.....	62
<i>Telmo Padilha</i>	
Canto a Nossa Senhora das Matas.....	63
<i>Cyro de Mattos</i>	
Testamento	66
<i>Valdelice Soares Pinheiro</i>	
Na Condição do Existir	67
<i>Walker Luna</i>	
Conselho	68
<i>Firmino Rocha</i>	
Longo Curso	69
<i>Renato Prata</i>	
A Visita a Itabira.....	70
<i>Aleilton Fonseca</i>	
Passarinhando	71
<i>Ceres Marylise</i>	

FICÇÃO

Telefone de Dar Corda.....	75
<i>Hélio Pólvora</i>	
Pedras Redondas	78
<i>Aramis Ribeiro</i>	
O Caso Maria Cearense	84
<i>Cyro de Mattos</i>	

OUTROS TEXTOS

Adonias Filho, Patrono da Alita: Um Mestre das Letras do Cacau.....	91
<i>Silmara Oliveira</i>	
Os Códigos da Pele	94
<i>Ruy Póvoas</i>	
Carta Para Valdelice.....	99
<i>Sonia Maron</i>	
Todos os Miseráveis	103
<i>Raquel Rocha</i>	

DISCURSOS

Recepção a Aramis Ribeiro Costa	111
<i>Antonio Lopes</i>	
Discurso do Rio Cefiso	116
<i>Aramis Ribeiro Costa</i>	
Uma Nova Academia de Letras	120
<i>Marcos Bandeira</i>	
Adonias Filho Lembrado.....	124
<i>Ruy Póvoas</i>	
Em Nome dos Fundadores.....	127
<i>Cyro de Mattos</i>	

REGISTRO

Academia de Letras de Itabuna e o Centenário de Jorge Amado.....	139
Academia de Letras de Itabuna Dá Posse a Aleilton Fonseca, Jorge Luiz Batista dos Santos e Silmara Oliveira.....	140
Comemoração do Dia da Consciência Negra no Terreiro Ilê Axé Ijexá Orixá Olofun	140

Academia de Letras de Itabuna na Abertura dos Trabalhos da Academia de Letras da Bahia	141
Encerramento do Mandato do Primeiro Presidente Marcos Bandeira	142
Posse do Escritor Hélio Pólvora	143
Academia de Letras de Itabuna Homenageia Ruy Póvoas por Seus 70 Anos.....	144
Novos Membros Tomam Posse na Academia de Letras de Itabuna	145
Cadeiras, Novos Ocupantes e Seus Patronos.....	145
A Magia do Encontro no Dia da Consciência Negra em Itabuna: Academia de Letras de Itabuna e Terreiro Ilê Axé Ijexá Orixá Olofun	146
A Presença de Ivete Sacramento no Dia da Consciência Negra em Itabuna...	146
Lançamento do Livro de Poesia <i>Corpo e Alma</i> de Sione Porto	148
Academia de Letras de Itabuna e Memorial Adonias Filho em Itajuípe Prestam Homenagem ao Seu Patrono.....	148
Ceres Marylise Lança Primeiro Livro de Poesia em Ubaitaba	149
Cyro de Mattos Lança na Academia de Letras da Bahia Seu Primeiro Romance.....	150
Romance <i>Os Ventos Gemedores</i> de Cyro de Mattos Lançado em São Paulo na Casa das Rosas	151
Academia de Letras de Itabuna Comemora o Dia da Consciência Negra na Sede do Montepio dos Artistas.....	152
A Partida do Escritor Hélio Pólvora.....	153
Eco da Poesia de Valdelice Soares Pinheiro.....	154
Quadro Social da ALITA	157

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Os Membros Fundadores da Academia de Letras de Itabuna (ALITA), Em 19 de Abril de 2011	161
Primeira Cerimônia de Posse dos Membros da Academia de Letras de Itabuna (ALITA)	162
Algumas Fotos de Alitanos e Eventos.....	163

EDITORIAL

Mensagem

O estilo contundente do filósofo alemão Arthur Schopenhauer ao manifestar sua opinião sobre as revistas literárias no feitiço por ele idealizado, em seu livro *A Arte de Escrever*, coloca o instrumento que divulga a produção literária dos membros das academias de letras como o filtro para a sublitteratura, uma espécie de contenção para a divulgação de obras de valor duvidoso, que ele considera “desperdício de tinta de nosso tempo” (2012, p. 70). Tal comentário partiu de um pensador que viveu de 1788 a 1860 e chega aos nossos dias com o matiz da atualidade.

A crítica impiedosa de Schopenhauer, fustigando com rigor o que é considerado prejudicial, em sua análise, serve como um alerta para as instituições que ensaiam os primeiros passos como a Academia de Letras de Itabuna – ALITA, no momento em que se apresenta aos leitores através da revista *Guriatã*. Sem almejar a perfeição idealizada pelo exigente e inflexível escritor, impossível de ser alcançada, busca reunir a melhor produção dos membros da instituição nas páginas de um meio de divulgação das atividades acadêmicas, apresentando-as à comunidade na mensagem maior de união e congraçamento que deve nortear o trabalho de quantos mourejam no mundo das letras.

A mensagem de uma academia de letras voltada para a “preservação da memória da cultura nacional, especialmente a cultura de Itabuna e de toda a Região Sul da Bahia”, como proclama o art. 4º do nosso Estatuto, não pode limitar-se às reuniões formais de discussões estéreis e inúteis entre quatro paredes onde nascem e na maioria das vezes são sepultadas, sem encontrar ressonância nas mentes jovens e ávidas de conhecimento, juventude que precisa de um ideal com o timbre da imortalidade.

A presença da juventude em uma academia de letras é uma garantia à sua condição de instituição destinada a uma prolongada existência, ou mesmo à tradicional imortalidade. Esta certeza conduz

a Academia de Letras de Itabuna – ALITA a religar saberes, reunindo escritores, poetas, jornalistas, cineastas e psicanalistas, atores e educadores, idosos, pessoas de meia idade e jovens. Em verdade, grande número de fundadores e membros efetivos devem a sua formação às salas de aula do Ginásio Divina Providência e à Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna, hoje Universidade Estadual de Santa Cruz. Registre-se, por oportuno, que a Universidade Estadual de Santa Cruz foi o patrimônio real e palpável dado à “civilização do cacau” para preservar; quanto ao colégio responsável pela base do ensino fundamental e médio propiciado à maioria dos acadêmicos apresentados nesta revista – alguns conhecidos além fronteiras – foi destruído materialmente, como se a memória de uma cidade não tivesse registro na mente dos cidadãos de bem.

Esta revista nasce com o propósito de enfrentar o desafio consubstanciado na defesa dos valores que servem de alicerce não somente às academias de letras: são valores necessários à promoção de um mundo mais ético e mais justo, onde a liberdade de expressão cumpra o seu verdadeiro papel. É a voz de uma academia de letras que traz uma proposta de fraternidade e união. Quem sabe, encontraremos olhos para ver e ouvidos para ouvir nossa mensagem.

Sônia Carvalho de Almeida Maron
Presidente da Academia de Letras de Itabuna

EDITORIAL

À Comunidade

A **Revista Guriatã** foi criada em obediência aos Estatutos da ALITA, para divulgar a produção literária e artística de seus membros, também oportunizar espaço e publicação para outros artistas, escritores e poetas grapiunas não congregados à ALITA, e estudiosos da produção literária de um modo geral. A publicação configura-se num espaço aberto ao debate de ideias, às discussões e à compreensão das múltiplas abordagens sobre a Literatura, bem como a circulação da produção literária grapiuna inédita. **Guriatã**, portanto, quer se constituir um espaço de interlocução e construção de conhecimentos e intercâmbios de experiências literárias, mormente a produzida na Região Sul da Bahia.

Guriatã comporta textos de natureza literária, artística e ensaística, contos, poemas, entrevistas, resenhas e textos de crítica literária, de caráter inédito. Seu projeto gráfico inclui imagens, e fotos e tem periodicidade anual.

Itabuna acaba de comemorar seu primeiro centenário de emancipação política. Partimos de um simples burgo de penetração à beira do rio Cachoeira e chegamos a construir uma universidade. Saímos de uma simples vila e alcançamos o foro de cidade polarizadora da Região Sul da Bahia. A produção literária de alguns de nossos prosadores e poetas circula no mundo, traduzida em vários idiomas. Nos mais diversos campos da Arte, temos artistas laureados de maneira expressiva, vários deles no Brasil e no exterior. Isso tudo nos diz do dinamismo de um povo, dos intentos de uma sociedade que se volta para a sensibilidade. Sentir também faz parte da natureza do grapiúna.

Em vista disso, um grupo formado por homens e mulheres preocupados com os destinos de Itabuna resolveu constituir uma academia de letras. O objetivo maior é que a referida instituição seja voltada para o fazer e para o viver artístico das Letras produzidas na Região Sul da Bahia, bem como venha agregar pessoas dedicadas à

construção do conhecimento nas áreas das Ciências Humanas e que tenham uma produção de livros, artigos e ensaios, com reconhecimento inquestionável.

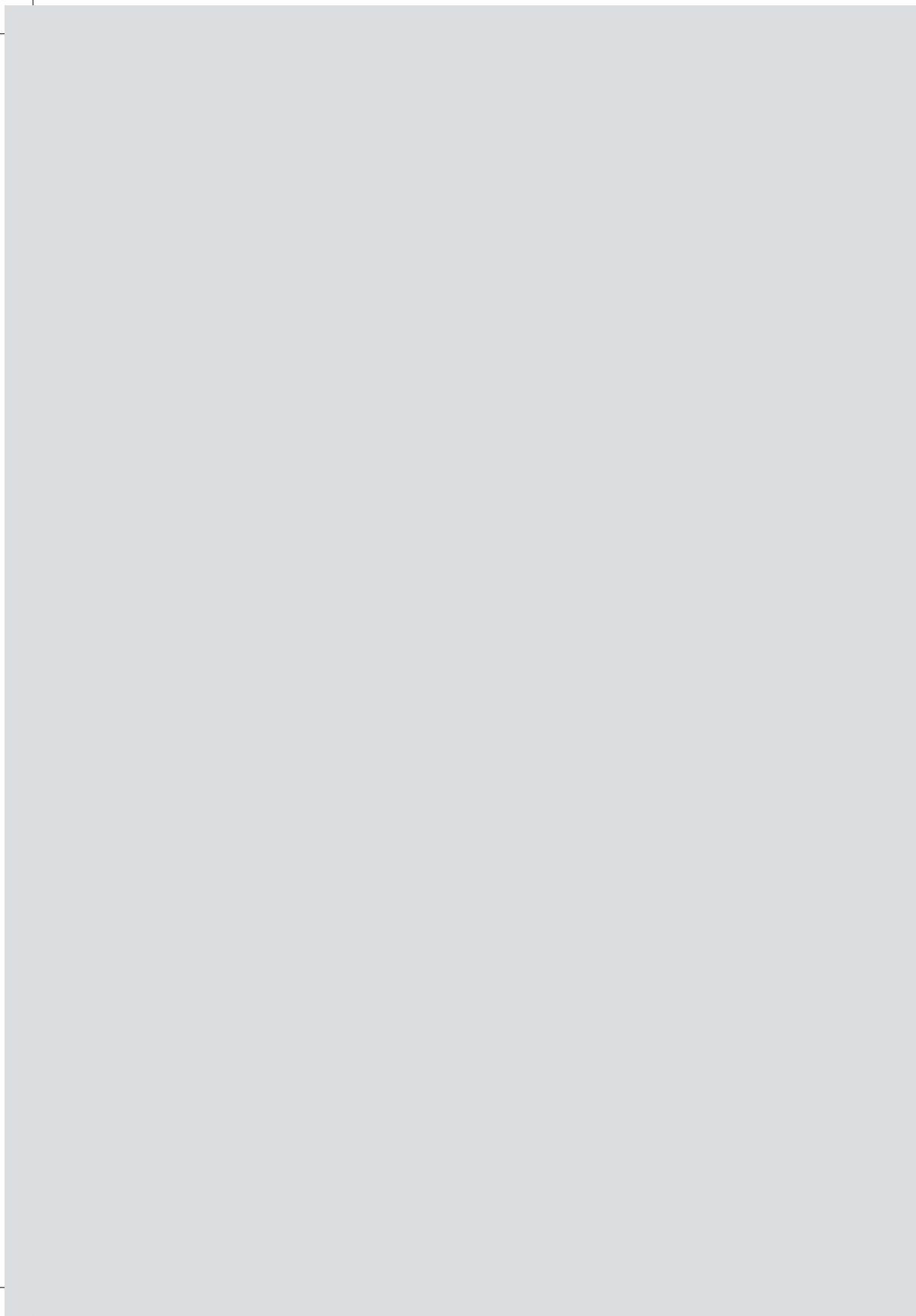
Resolvemos designá-la como ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA - ALITA, dado que assim já emerge fortalecida pelo envolvimento de seus fundadores e fundadoras com Itabuna, por sua produção e pela constante dedicação que, em maior número, essas pessoas sempre tiveram para com as Letras. A Academia assim pensada se pretende soberana, livre e autônoma. Seu compromisso maior é com a pessoa humana, com o progresso das Letras na Região Sul da Bahia.

Foram criadas 40 Cadeiras e cada uma delas tem como patrono um vulto que, antes de morrer, deixou em suas pegadas a demonstração do bem querer pelo Sul da Bahia, por nosso Estado e pelo Brasil, como resultado da expressão do talento na sua produção escrita. Dessas cadeiras, 15 já foram ocupadas e as demais estão em vias de ocupação. Também foi eleita a sua primeira Diretoria que tem à frente o acadêmico Marcos Antônio Santos Bandeira e a acadêmica Sônia Carvalho de Almeida Maron, Presidente e Vice-presidente, respectivamente.

A Academia de Letras de Itabuna - ALITA tem como patrono o consagrado escritor Adonias Filho. Por fim, enfatizamos que a nova Academia é patrimônio do itabunense, do grapiúna, da comunidade do Sul da Bahia. Por isso mesmo, contamos com o apoio desta sociedade, razão maior de ela ter sido criada.

Ruy Póvoas
Editor da Revista

ARTIGOS E ENSAIOS



A Voz de Uma Mulher Grapiúna: Valdelice Pinheiro

Maria de Lourdes Netto Simões

Em 2002, publiquei a **Expressão Poética de Valdelice Pinheiro**, resultado da pesquisa realizada no âmbito da orientação de iniciação científica na Universidade Estadual de Santa Cruz. O estudo ocupou-se do acervo inédito de Val, como carinhosamente a chamávamos. A sua Voz nos foi revelada através de poemas, crônicas, textos filosóficos, desenhos. Foi um trabalho extremamente prazeroso e necessário; forma de dar maior visibilidade à expressão daquela mulher grapiúna, nascida no chão do cacau.

Aqui, como um convite, trago uma pequena mostra da sua expressão poética, publicada pela EDITUS.

*Não há tempo para o poema e o poeta dura
e um dia morre no corpo de sua carne, para ser apenas o instante,
maior que o tempo, no corpo de seu verso. (p. 30)*

Professora e filósofa, Valdelice Pinheiro afirmava não querer simplesmente fazer poesia, mas ser poeta no gesto diário de viver.

*Ninguém me mande deixar nada, nem me obrigue às construções
convencionais - não quero fazer parte do passado. Por isso escrevo.
A poesia não fica, a poesia é. Nenhum poeta fica no que escreve,
porque todo poeta é o que escreve. (p. 16)*

Nascida em Itabuna (Bahia), tendo vivido muito ligada ao campo e às roças de cacau, a sua poesia é perpassada por essas vivências.

*Eu vim
de noites úmidas,
quando as sementes
fecundavam
o corpo virgem
da mata.*

*Eu vim
da branca paisagem
de pequenas flores
germinando ouro
no ventre
dos cacauais.*

*E acordei na manhã
dos deuses,
no mundo
do chocolate. (p. 65)*



Eminentemente filosófica desde o seu processo de enunciação até a concretude da sua formulação, muitas vezes antecede o processo de produção uma reflexão filosófica. A presença de Deus na sua obra não se faz por crença religiosa, mas por uma postura filosófica e de fé; assim, está na base do seu fazer poético.

Nesse sentido, textos filosóficos são verdadeiras matrizes de poemas ou de prosas poéticas:

No começo não era o caos, o nada, mas a Unidade, a Perfeição, a ordem absoluta no Todo, no Em Si (primordial), eterno.

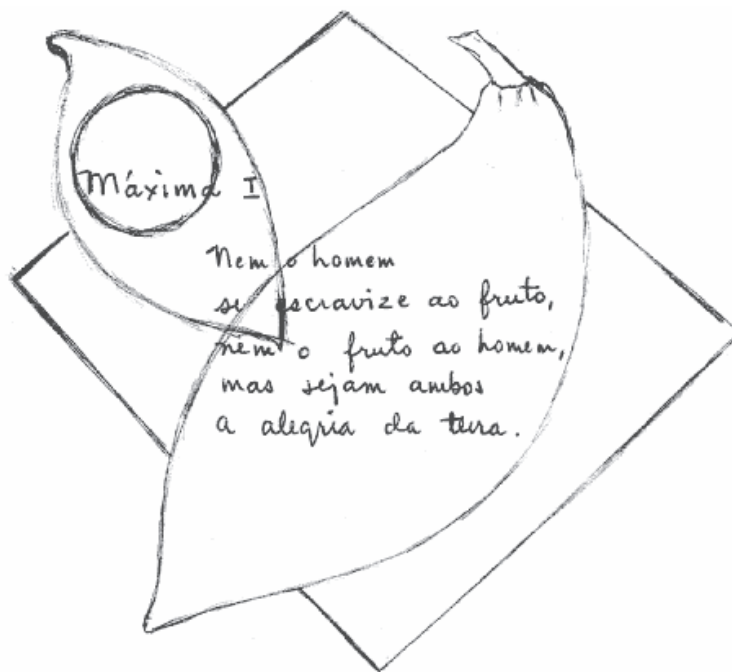
A Perfeição absoluta explode. E a explosão é do espírito, da consciência, para criar-se a si mesma.

Deus, portanto, essa Existência Anterior, não criou do nada, mas CRIA de si mesmo, explodido. Criar é explodir-se no Ser. (p. 132)

Filtradas pela palavra poética, observações vivenciadas são universalizadas em temática reflexiva, recorrente às questões relacionadas a valorização da natureza, desigualdade social, liberdade, simplicidade do existir, amor universal, necessidade da igualdade entre os homens.

*Os vagalumes desta noite
iluminam minha noite
e me emprestam
sua luz e suas asas.
Então, feliz,
a estrada clareada,
eu vou te ver. (p. 98)*

O repertório que utiliza denuncia a sua objeção ao mando, às desigualdades sociais próprios do contexto grapiúna, da conquista das terras do cacau, do desbravar das matas, do mando dos coronéis, do poder do mais forte.



(p. 94)

Termos fortes e duros não fazem parte do seu repertório, pois “é preciso vencer o pudor da palavra, o pudor da verdade como poesia exata”. Aliás, neste sentido Valdelice diz ter o lirismo covarde dos burgueses: “revolucionária sentada, fumando tranquilamente [...] cigarro multinacional, comendo um frango defumado também multinacional [...] quer a linguagem desejando a Paz, a Justiça, a igualdade dos homens, mas [...] tremendo de medo daquele que virá com fuzil na mão, buscar [...] a prestação de contas, marginal ou patriota!”

*Entre a inocência
dos dedos do menino
e o revólver
na mão do assassino,
há sempre um espaço
de nada,
um trágico destino.
Nem escola,
nem casa,
nem terra,
nem pão.
Quando a inocência
dos dedos do menino
se quebra
na mão engatilhada
do assassino,
perde-se a paz,
porque um homem escapou
de seu menino. (p. 77)*

A sua poesia é também expressão da sua esquizofrenia assumida. Admite isso, entendendo-a como uma viagem. Nos processos de elaboração mental, considera, ainda, as respostas do corpo aos reclamos da mente como somatização: “Tomar no corpo as porradas da mente...[...] O homem é um animal que se inventa e, inventando, se desconhece” (p. 145). Para Val, escrever é libertar-se.

Escritos de auto-interpretação são explicativos do seu processo poético e podem ser tomados como uma proposta de teoria da poesia. O texto nasce do silêncio, diz a poetisa, de uma voz interior impulsionadora. Essa Voz (com maiúscula), diz ela, não “a simples voz, um som emitido pela competência do aparelho fonador, mas a Voz, a VOZ, aquilo que sem dúvida não me antecipa, mas é certamente o que me diz. A Voz... Esse silêncio que chega aflito, precisando do grito, tem que inventar o som...” (p. 136).

O processo de surgimento do poema passa pela fase do que chama de “mundo das ideias”, fase essa expressada através de desenhos. São retas, curvas, espirais que dão surgimento a inesperadas formas e em seguida ao poema. Nesse instante, “a voz tira a lógica, o juízo, desregula o comportamento do vocabulário” (id). Assim nasce o poema:

*Se a carambola
tivesse dedos
tocaria Mozart.
Certamente.* (p. 91)

O processo *criador* (termo que prefere a *produtor*) muito tem de arrebatador e inexplicável. É fruto da VOZ que “no poema ou no gesto, cria o ‘milagre’ humano... A palavra é apenas via, instrumento, acidente...”, quando o deslizar do lápis sobre o papel faz o desenho ser poema.



(p. 116)

Assim, poesia e desenhos (rabiscos) expressam a sua forma de comunicar. Compondo um processo artístico que ultrapassa a palavra para uma comunicabilidade visual; a sua poesia brota dos rabiscos. Dessa forma, arte pictórica e arte poética somam-se numa expressão que fala por várias linguagens. Poesia de versos curtos, tituladas ou não; rabiscos tracejados ou definidos, sempre em grafite, fazem o seu texto leve, visual, rápido, múltiplo. Fazem a sua poesia comunicativa e bela. A revisitação filosófica sobre temas que transcendem fronteiras faz a sua Voz profunda, crítica e questionadora. Universal.

Memória da Educação em Itabuna: (Re) contando a História

Raimunda Assis

Fontes documentais e depoimentos de pessoas mais velhas residentes no Município de Itabuna, nas primeiras décadas do século XX- período em que a cidade passava por grandes transformações sociais e econômicas – nos permitiram constituir um panorama geral da sociedade itabunense destacando particularmente, questões relativas a educação no período entre 1906 a 1930.

A nossa intenção é narrar alguns aspectos da organização e funcionamento da educação no Município, tomando como ponto de partida, as primeiras escolas instaladas em locais alugados ou cedidos pela comunidade e, que ao longo do tempo, sofreram alterações e trouxeram novas conformações decorrentes do processo histórico.

Como síntese de todas as informações colhidas, muitos fatos puderam ser construídos. Não se trata de, linearmente, “contar uma história”, mas buscar entendê-la, a partir do seu movimento de transformação pela ação do homem, ainda que na maioria das vezes possa ser imperceptível aos nossos olhos.

No início do século XVI, a posse das terras da Região Sul da Bahia pelos portugueses já era uma realidade, implantada através das Capitânicas de São Jorge dos Ilhéus e Porto Seguro por ordem do Rei de Portugal, D. João III, doadas aos Senhores: Jorge de Figueiredo Correia e Pero do Campo Tourinho respectivamente, os quais não vieram tomar posse das suas terras e administrá-las. Somente no final do século XIX, o Governo Imperial, por meio de movimentos migratórios tentou fixar o homem nestas regiões povoá-las e desenvolvê-las distribuindo lotes de terras para o plantio da lavoura do cacau, que tivera início as margens do Rio Pardo, no atual Município de Canavieiras. O solo

fértil para esta cultura propicia o seu rápido desenvolvimento, firmado pelo excelente produto de exportação, o cacau, sendo considerada uma das regiões mais produtoras da Bahia.

O progresso originário do cacau provocou mudanças na configuração política, social e econômica da Região. E, as lideranças políticas do Arraial de Tabocas lideradas por José Firmino Alves, iniciam um movimento de emancipação política em 1897 que veio a culminar em 28 de julho de 1910, com a lei sancionada pelo então, Governador João Ferreira de Araujo Pinho, elevando o Arraial de Tabocas a condição de cidade, tendo como primeiro Intendente, o engenheiro Olyntho Leone.

O novo Município começava a apresentar um desenvolvimento importante no campo econômico, reconfigurando o seu perfil de bases rurais para uma sociedade urbanizada. Em meio as transformações físicas da cidade, coma aberturas de ruas, calçamentos, redes de esgoto, luz elétrica, água, hospedaria para os negociantes, também havia preocupações com a educação escolar. Os seus habitantes, os governantes, a Igreja, enfim, a sociedade em geral preocupavam-se com os altos índices de analfabetismo da cidade que eram superiores aos da população baiana aproximando-se de 81, 61% da população (SILVA, 1997).

Assim, defendia-se a ideia da educação como fator de desenvolvimento e modernização local; diziam que o incremento educacional era fundamental para assegurar à cidade a posição de referencia que ocupava frente aos demais municípios da Região. De acordo com Andrade (1968), a primeira escola de Itabuna foi instalada no local denominado de Burundanga (hoje, Bairro Mangabinha), lá ministrava aulas a Prof.^a Maria Rosa de Jesus. A escola era particular, mantida pela família do Coronel Firmino Alves, para prover as necessidades dos seus familiares e das famílias mais abastadas da cidade. Certamente, a escola funcionava numa sala na casa do professor, conforme o costume da época, não oferecendo as condições necessárias a uma prática pedagógica apropriada.

Segundo os dados levantados por Assis (2006), o processo de ampliação da rede escolar do Município começou a ocorrer logo após a sua emancipação política em 1910 e, desde já havia uma demanda

maior que a oferta e, a cada ano, procurava-se ampliar. O maior índice oferecido foi de 40,75% entre os anos 1916 e 1920. Mas, ainda assim, as escolas criadas eram insuficientes para atender a demanda de crianças em idade escolar, que aumentava cada vez mais, atingindo um percentual de 70% na década de 1930.

A organização do ensino seguia as orientações do Governo Federal expressa através da nova Constituição Republicana de 1891, a qual definia a obrigatoriedade e a gratuidade do ensino primário, tendo o Estado por seu fiador. Ao ser promulgada a Constituição Baiana de 1891, o artigo 6º da lei definiu que o ensino primário seria de competência dos Municípios e, caberia a eles criar, manter e fiscalizar o ensino primário. Com esta transferência de responsabilidades para os municípios, muitas dificuldades foram enfrentadas, que iam da falta de dados marcos legais até a falta de recursos para a manutenção do ensino.

Em meio a esse cenário da falta de uma legislação própria no Município para organização do ensino e superação dos problemas educacionais, de modo especial, o analfabetismo, o Código de Postura Municipal de 1908, no capítulo IX, artigo 56º, definiu:

As escolas e colégios deste Município obedecerão ao regulamento do ensino estadual, sendo fiscalizados pelo Intendente. Art. 57. Fica proibido o funcionamento de escolas e colégios particulares, sem licença do Intendente. §1. As referidas escolas ou colégios não poderão ser mistas. Pena 30\$000 (trinta reis) e fechamento imediato.

A partir daí, o Governo Municipal regulamentou o ensino, através do projeto de Lei nº 29 de 08 de março de 1909.

[...] No artigo 3º do Projeto de Lei, rezava: as três escolas Municipais que funcionam dentro do perímetro urbano da Vila, são consideradas de 3ª classe e perceberão seus professores o vencimento de um conto e seiscentos mil reis (Rs 1:600;\$000) anualmente.

Parag. 1º. As dos arraiares de Ferradas e Catulé, considerados de 4ª classe perceberão o vencimento de Rs1:400\$000 (um conto e quatrocentos mil de reis), anualmente.

Parag. 2º. Os Professores municipais que provarem no fim de cada ano letivo o aproveitamento dos seus alunos, a juízo de uma comissão examinadora nomeada pelo Intendente, receberá uma gratificação de Rs 200\$000 (duzentos mil reis).

Art. 4º arbitrada a quantia de Rs. 3:000\$000, para aluguel das cinco casas escolares a razão de Rs. 600\$000, anualmente e mais R\$ 500\$000 para instalação da escola do arraial do “Catolé”.

Art. 5º Para manter a disposição da presente Lei, já foi votada no atual orçamento a verba de Rs. 12:400\$000 (doze contos e quatrocentos mil reis), conforme a Lei Nº 27 de 02 de dezembro de 1908. Cap. V Art. 7º e § 1º.

Art. 6º Fica o professorado municipal, obrigado a manter nas escolas, aulas de ginásticas e exercícios físicos;

Art. 7º Fica o Intendente autorizado contratar com pessoas competentes para educar em exercícios militares e esgrimas os alunos das escolas do sexo masculino, quer Municipal e quer estaduais com o ordenado de Rs100\$000, mensais.

Art. 8º Revogam-se as disposições em contrário.¹

As fontes documentais e as informações colhidas nos depoimentos permitiram-nos elaborar um panorama geral organização do ensino no período de 1906 a 1930. Nas primeiras décadas, tinha-se somente o curso primário fundamental com duração de 06 anos em regime de tempo parcial; obrigatório para crianças de 07 a 13 anos. A organização do curso primário compreendia dois níveis: o curso primário elementar, com quatro séries iniciais e o curso primário complementar, com duração de 02 anos. A passagem de um nível para outro da escolarização era feito por meio de um processo rigoroso de avaliação, realizado por uma Banca Examinadora.

1 Livro de Ata do Conselho Municipal de Itabuna de 23/03/1909 folha 49.



Figura 1 – Prédio da antiga Maçonaria Areópago Itabunense onde funcionou a primeira escola infantil de Itabuna-1926

Fonte: Acervo da Fundação Henrique Alves de Itabuna

A educação infantil e o ensino noturno, nesse período, não foram assumidos pelo poder público. Foi a sociedade civil organizada local quem desenvolveu as primeiras iniciativas neste nível de ensino. A primeira escola Infantil de Itabuna foi a *Escola Catharina Paraguassú*, criada em 1926, e funcionava num salão da Loja Maçônica Areópago Itabunense, que, além do curso infantil, oferecia o curso elementar. Tinha como regente da escola, a professora Helena Barbosa, e o seu diretor era o Dr. Claudionor Alpoim.

O ensino noturno, também, passou por esta falta de atenção do poder público, muito embora, o índice de analfabetismos fosse superior a 70% da população adulta. As iniciativas identificadas eram também da sociedade civil que, em convenio com a prefeitura, assumia o compromisso de fornecer conhecimentos aos alunos trabalhadores, quase sempre do sexo masculino, para maiores de 16 anos e que não pudessem frequentar aulas no período diurno.

A primeira escola noturna de Itabuna foi implantada pela **Sociedade Monte Pio dos Artistas**, instituição beneficente fundada em 01 de novembro de 1910, por iniciativa dos artistas que visavam prestar serviços educacionais, artísticos (filarmônica) e manter uma caixa funerária para os seus associados. Essa Instituição mantinha uma escola noturna, gratuita, com subvenção concedida pelo município, no valor de cento e cinquenta mil réis (150\$000) mensais. Nesse sentido, a sua funcionalidade ficava a depender da “boa vontade” das administrações públicas municipais em liberar ou não os recursos, havendo um pacto entre o público e o privado. Tomamos como exemplo desse acordo, a solicitação da Sociedade Monte Pio dos Artistas a Prefeitura para a restauração da subvenção que já recebia com regularidade há mais de 09 anos pela prestação de serviços educacionais à sociedade local, em especial ao ensino noturno, conforme pedido abaixo:

[...] cuja subvenção sempre foi aplicada no funcionamento de sua escola noturna, onde compareciam, com regular frequência, meninos pobres e carentes das primeiras luzes do espírito. Parecer: O ato da administração passada cassando a contribuição mensal de (200\$000) duzentos mil reis, para o fim alegado, foi mais uma força que se veio conjugar para a propaganda do analfabetismo. O homem moderno, por si ou em direção de homens, tem o máximo do seu esforço voltado para a campanha ao analfabetismo, para a difusão da Instrução único meio mais viável da mocidade atingir a perfeição. Somos, portanto, de parecer, que sejam restaurados os duzentos mil reis de subvenção mensal para a manutenção da escola noturna da “Sociedade Monte Pio dos Artistas” desta cidade, julgando, entretanto, que o seu magistério deve ser exercido por um diplomado.²

As escolas existentes na época eram isoladas, reunidas e grupos escolares. No Município, a predominância eram as isoladas, constituída de uma única sala em que o professor ministrava aulas para alunos de diferentes séries e níveis (classes heterogêneas, multisseriadas). Das 42 escolas da rede municipal de Itabuna, 40 eram classificadas

2 Ata da 13ª Sessão Ordinária do Conselho Consultivo do Município de Itabuna em 14/11/33 folha 30/ v 1932/1933.

em escolas isoladas; 02 eram escolas reunidas. Quanto aos grupos escolares, o município só veio a ter um prédio escolar dentro dos padrões modernos, na modalidade de educação graduada, em 1931, o Colégio Lucia Oliveira. Era prefeito do município, nessa época, o Sr. Glycerio Esteves de Lima, o Intendente Interino da Bahia, o Sr. General Raimundo Barbosa.

A quantidade de vagas era suficiente para atender as crianças em idade escolar dos 07 aos 14 anos. Os dados levantados apontam que na década de 1930, tinha-se uma demanda potencial de 7.428, que correspondia a 60,95% alunos e, a oferta era de 2.900, um percentual somente de 39,05%. Provavelmente, as crianças que ficavam sem estudar eram os filhos dos trabalhadores pertencentes às classes populares (ASSIS, 2006).

O depoimento do jornalista, Otoni Silva (1999), deixa claro a quem a escola se destinava, fortalecendo a hipótese levantada de que o acesso à educação nessa época era privilégio dos filhos das classes abastadas e os provenientes das classes média e alta, segundo relato abaixo.

[...] A educação não era para todos... Naquela época só os afortunados tinham direito à educação. As famílias que tinham recursos mandavam os seus filhos para Salvador, se formavam lá... A classe média, naquele tempo, era classe digna, você distinguia melhor. Hoje é o cansaço, o sacrifício, naquele tempo não; você exercia sua profissão e mantinha seus filhos no colégio... O pobre mesmo, não estudava, não.

A figura do professor é algo a destacar. O magistério era reconhecido como uma profissão “digna e edificante”, cujos professores gozavam de grande prestígio social. Alunos da época, como Otoni Silva e Elza Cordier, caracterizaram os seus professores através de depoimentos com as seguintes expressões: “Bacharel em Direito; grande orador; grande pesquisador; grande professor de francês; colégio de família intelectualizada; notável filólogo; homem culto”. Essas referências demonstram o prestígio social e a cultura geral de que eram possuidores os professores da época e que, por sua vez, faziam parte da plêiade de pessoas ilustres da localidade.

Realizamos o levantamento, em documentos oficiais, dos professores da rede de ensino de Itabuna (1906/1930) com suas respectivas qualificações e onde lecionavam, exposto no quadro abaixo:

Relação de Professores 1908 a 1926

NOME	DATA*	REDE	FORMAÇÃO
Adalgisa Araújo	1928	Particular	n.d**
Adolfo Silva	1922-30	Particular	Aluno-mestre
Albertina Barbosa	1928	Municipal/Particular	Aluna-mestra
Albertina Cavalcante de Oliveira	1917	Municipal	Leiga
Alberto Soares	1923	Particular	n.d-
Alice da Silva Ferreira	1923	Municipal	Aluna-mestra
Alice Pinto Leite	1928	Particular	n.d
Alice Rocha	s.d.	Particular	Aluna-mestra
Álvaro Passos	s.d.	Particular	n.d
Alzira Pain Pires	1923	Particular	Aluna-mestra
Amália Ferreira Loréns	1908	Municipal	Aluna-Mestra
Amélia Leira Lopes	1919	Municipal	Aluna-mestra
América Freire	1917	Municipal	Leiga (esc. datilog.)
América Guimarães	s.d-	Particular	Aluna-mestra
Américo Guimarães Costa	1925	Particular	Padre
Anita Albernaz Leite	s.d.	Particular	Aluna-mestra
Antonieta Guimarães	1917	Municipal	Leiga
Arminda Costa	1928	Municipal	Aluna-mestra
Áurea Alberica Alves Leite	1919	Municipal	leiga
Brasília Baraúna de Almeida	1919	Particular/Municipal	Aluna-mestra
Brasília Ferreira Pinto	s.d-	Municipal	Leiga
Carlos Zinzerman	s.d	Particular	Padre
Claudionor Alpoim	1926	Particular	Médico
Etelvina de Araújo Mendonça	s.d	Estadual	Aluna-mestra
Euclides Dantas	s.d.	Particular	n.d
Euthalia Maria de Oliveira	1917	Municipal	Leiga
Guilhermina Cabral	1928	Municipal	Leiga
Helena Barbosa	1928	Municipal/Particular	Aluna-mestra
Joana Bastos	1909	Municipal	Aluna-mestra
José Carlos Moreira Ayres de Almeida	1917	Municipal	Leigo
José Sá de Nunes	1908-	Estado	Bacharel
Julia Guimarães Costa	1925	Particular	Aluna-mestra

NOME	DATA*	REDE	FORMAÇÃO
Julieta Mota	1928	Municipal	Leiga
Julio Virgílio de Lima	1917	Municipal	Bacharel
Leonor Santos Pacheco	1928	Particular	Aluna-mestra
Lindaure Brandão	1925	Municipal/Particular	Aluna-mestra
Lucia Oliveira	1909	Estadual	Aluna-mestra
Luiz Alves Linguon	1917	Municipal	Leigo
Manuel Guedes Galvão	1914	Municipal	Bacharel
Maria Amélia A Santana	1914	Particular-	n.d-
Maria Amélia Bastos	1910	Particular	Aluna-mestra
Maria Conceição Bonfim	1928	Particular	Aluna-mestra
Maria da Luz Alves da Silva	1928	Particular	Aluna-mestra
Maria de Alseria	1914	Municipal	n.d
Maria do Carmo Ferreira	1910	Particular	Aluna-mestra
Maria dos Anjos	1928	Particular	Aluna-mestra
Maria Isaura Pereira da Silva	1919	Municipal/Estadual	Aluna-mestra
Maria José Borba Tourinho	1917	Municipal	Aluna-mestra
Marieta Galvão	1914	Municipal	Bacharel
Mathildes da Silva Pacheco	1919	Particular	Aluna-mestra
Otacíana Heráclia F. Pinto	1928	Municipal/Particular	Aluna-mestra
Raimundo Guimarães Costa	1926	Particular	
Rosa de Lima Guimarães	1908	Municipal	Aluna-mestra
Sancha Galvão	1928	Particular	Aluna-Mestra
Teodora Moreira Santos	s.d-	Particular	Aluna-mestra
Valentim da Costa Lima	1914	Municipal	Aluno-mestre

Fontes: Atas do Conselho Municipal de Itabuna (1910/1930)

Livro de Registro de Leis do Município de Itabuna de 1908/1916, gestão Olyntho Leone, nº 1 Menezes, Moacir Garcia de (entrevistado em 23/11/99)

Observações:

(*) Data registrada nos documentos.

(**) n.d. (não declarada) - s.d. (sem data)

O número de professores apontados acima era insuficiente para atender as necessidades da rede de ensino e, segundo a legislação vigente, o ingresso na carreira do Magistério público somente seria permitido, ao professor diplomado em Escola Normal. Esta determinação se constituía numa dificuldade para os governos municipais, uma vez que, precisava-se ampliar a rede escolar para atender as crianças e não existia na cidade o profissional habilitado, segundo o que determinava a lei.

Em razão da falta de professores licenciados, os poderes executivo e legislativo passaram a descumprir a legislação. E, o ingresso na carreira do magistério público municipal ocorria por indicação, ou seja, o nome do professor era encaminhado ao Conselho Municipal para ser apreciado pelos Conselheiros, e, em seguida, o Intendente era autorizado a fazer a nomeação. Fato este, que resultou no aparecimento da figura do “professor leigo”, representando quase que a metade do quadro de professores. Dos 22 professores, 10 eram leigos (ASSIS, 2006).

A atitude de infração a legislação pelos governantes locais abriu a possibilidade de ampliar o número de escolas no Itabuna. A partir de então, o número de professores foi ampliando-se e, ao ingressarem na carreira do magistério municipal, habilitavam-se, inicialmente, a ensinar na zona rural, deslocando-se para os distritos e vilas, não obstante recebiam salários inferiores aos colegas professores que lecionavam na cidade.

A problemática da falta de professores formados em cursos de magistério primário perdurou por muitas décadas na Região. Vindo a surgir a primeira escola de Ensino Normal no ano de 1920, em Ilhéus, o Instituto Nossa Senhora da Piedade, e que, ainda hoje, é referência. E em Itabuna, no ano de 1934, quatorze anos depois, com o Colégio Divina Providência. Fica evidenciado, portanto, a complexidade da problemática educacional na Bahia. E, dentro desse quadro, pode-se estimar a tamanha gravidade dos dados educacionais no sertão baiano neste período em estudo.

Pelas lembranças, advindas de experiências pessoais ou decorrentes de relatos dos depoentes, referentes ao pensamento pedagógico e aos recursos materiais para o trabalho escolar, depreende-se que, em Itabuna, houve intenções de promover a renovação escolar em busca da superação do arcaísmo do sistema educacional vigente, atitude demonstrada tanto pelos professores quanto pelos governantes. Estes atores sociais procuraram seguir as “inovações pedagógicas” implantadas no sistema educacional brasileiro sob a influência dos ideais da Escola Nova. Em um relatório do Intendente Manoel da Fonseca Dórea (1917), percebemos a influência dos ideais dos movimentos renovadores da educação dos

anos 20. O Intendente afirma que “[...] o problema capital da instrução Municipal é principalmente o de sua organização racional sob uma feição integral e uniforme com adaptação de métodos modernos, observação rigorosa dos preceitos higiênicos e, sobretudo, o de sua instalação decente e cômoda”³ (grifo nosso).

Percebemos, através deste exemplo, qual o pensamento pedagógico reinante, daí a primeiras escolas a introduzir os novos métodos de ensino foi a Escola Americana da Professora Sancha Galvão. Mestre formada pela Escola Normal Instituto Ponte Nova (Ba,1906) de missionários presbiterianos norte-americanos com experiência profissional adquirida nas escolas missionárias, pagas pelas Igrejas Batistas. Segundo, o seu livro de memória, a professora iniciou a sua escola em Itabuna em 1925, com pessoas de sua família. Ela descreve os primeiros tempos da implantação da Escola Americana, recorrendo sobre a singularidade do momento histórico:

[...] No princípio daquele ano, resolvi começar a escola com os três. A salinha da frente podia comportar umas oito ou dez crianças. Maneco fez duas carteirinhas de caixão de querosene. Comecei a ensinar aos três. Em pouco tempo espalhou-se que eu era professora e que ensinava pelos métodos americanos, que já havia ensinado em diversos lugares, etc. (grifo nosso)

Dr. Rulfo Galvão, um médico conceituado que tinha sido casado a primeira vez com uma moça professora que tinha estudado na Escola Americana Taylor Egídio, na Bahia, começou a fazer propaganda deste método. Os filhos dele do segundo casamento eram pequenos e os do primeiro, Alberto e Orlando Galvão, estavam todos no ginásio na Bahia. Havia um negociante muito rico, Sr. Martinho Conceição (era até o proprietário da nossa casa), que tinha vários filhos pequenos e veio falar-me para ensinar à mais velha, menina dos seus seis anos. Disse-lhe que não tinha mobília. Pediu-me o modelo de uma carteira para ele mandar o oficial lá tomar as medidas e fazer uma para a filha. (grifo nosso)

Foram chegando alunos; os pais iam fazendo a propaganda. Já havia carteiras pelo corredor, crianças pela sala de jantar e o pior era que eu não podia rejeitar, porque pediam, imploravam, diziam:

3 Ata da 5ª Sessão da 1ª Reunião Ordinária do Conselho Municipal de Itabuna em 14/03/1917.

Ponha aí o meu, num cantinho.
E, assim, ia cedendo [...].

E, complementa adiante:

[...] Cresceu bastante o prestígio da Escola Americana. No segundo semestre já não havia lugares nas duas salas para os alunos. A minha casa ficava perto da escola; eu tinha uma classe para a salinha onde tinha sido a primeira escola [...] (Galvão, 1993:103/104).

Em função desta realidade educacional, a reforma de ensino implantada nos vários Estados, também chegou à Bahia no ano de 1925, apoiada na perspectiva de “escola primária integral”, idealizada por Anísio Spínola Teixeira, definida no artigo 65 da Lei nº 1.846 que colocava a organização curricular a partir dos métodos modernos da escola nova. A despeito das intenções, não foi possível assegurar que houvesse uma alteração nas práticas pedagógicas tradicionais das escolas locais. Parece-nos que se encontravam longe disso, uma vez que permaneciam praticando os mesmos métodos de avaliação.

Para se ter uma ideia, os exames escolares eram coordenados pelo Delegado Escolar que constituía uma “Banca Examinadora”, composta geralmente de 4 membros, formada por professores, autoridades e intelectuais da cidade, nomeados pelo Juiz de Direito da Vara e Crime. Um artigo publicado no jornal “A Época,” de circulação local em 1929, informava sobre a maneira como o sistema era organizado:

O Dr. Otaciano de Carvalho Lopes, Delegado Escolar deste município está organizando a lista das comissões que devem funcionar nos exames das escolas públicas da cidade e do interior a se realizar no corrente mês.⁴

Um artigo do jornal (1928) apresentava a programação prevista para os exames finais e elogiava os esforços dos professores itabunenses pelo bom desempenho das crianças nos exames finais, conforme se vê logo abaixo:

4 Jornal “A Época” nº 516 em 02 de novembro de 1929.

Tiveram início no dia 12 corrente os exames de promoções finais das escolas primárias deste município. No dia 12 foram examinados os alunos das escolas do Monte Pio dos Artistas regida pela professora Maria dos Anjos e das professoras Brasília Baraúna, Alice Cordier Pinto, Maria da Luz, da Cidade, e Adalgisia Araújo, de Mutuns.

No dia 13 foram examinados os alunos das escolas regidas pelas professoras Lindaure Brandão, Alzira Pacheco, Armindo Costa e Guilhermina Cabral.

No dia 21, foram examinadas as crianças das escolas “Aurora Juvenil” dirigida pela professora Julieta Mota e das professoras Albertina Barbosa, Lúcia S. Oliveira, na Cidade, Leonor Santos, de ferradas, e Teodora M. Santos, de Macuco.

No mesmo dia foram submetidos a exame os alunos do colégio “10 de Janeiro” dirigido pela professora Alzira Pain Pires.

No dia 22 foram examinados os alunos da Escola Americana e do colégio “Catharina Paraguassú” dirigidas respectivamente pelas professoras sancha Galvão e Helena Barbosa.

No mesmo dia, submeteu-se a exames os alunos das escolas regidas pelas seguintes professoras: Maria Conceição Bonfim, Alice Ferreira e Otaciana Pinto.⁵

A professora Lindaure Brandão (1999), destacada Diretora do Colégio Divina Providência, ocupou o cargo durante o período de 1944 a 1981, descreve o processo avaliativo.

Primeiro os alunos faziam uma prova escrita. Se passassem na escrita iriam para a prova oral. O ensino era muito puxado. Os pais pressionavam muito os filhos para passarem de ano. Quando passavam era aquela alegria e se perdiam era uma tristeza. (entrevista concedida em 26/10/1999).

Os exames apresentavam um rigor excessivo. Eram constituídos de provas escritas e orais sobre os conteúdos de todas as matérias estudadas durante o ano letivo. As notas atribuídas obedeciam a seguinte classificação: 10 e 09, aprovação com distinção e louvor;

5 Jornal “A Época” nº 40 em 24 de novembro de 1928.

08 e 07, aprovação plenamente; 06, 05 e 04, aprovação simplesmente; 03, 02 e 01, reprovação.

Desenvolvemos até aqui uma ensaio de (re)contar a história da educação do Município até o período de 1930, recorrendo a fontes documentais e orais. As informações colhidas, ainda que carregadas de subjetividade, envolvendo sentimentos e emoções, apresentaram-se coerentes, nos possibilitando responder algumas indagações consideradas importantes, sobre a organização e funcionamento da rede escolar municipal, enfatizando questões que dizem respeito, aos seguintes itens: oferta do número de vagas; quem eram os professores e os alunos; a dinâmica pedagógica e administrativa das escolas; o perfil dos professores, destacando o respeito e a consideração dispensada a estes profissionais pela sociedade local.

Finalmente, é evidente que as autoridades locais e a sociedade civil organizada empreendiam esforços no sentido de criar condições para que as crianças frequentassem a escola. Contudo, ao nosso ver, é preciso reconhecer, que essa escola tinha um público alvo definido, os filhos dos coronéis, dos grandes comerciantes e dos funcionários públicos, enquanto os filhos dos trabalhadores ficavam excluídos do processo educacional, reproduzindo naturalmente as relações sociais que historicamente tem marcado a educação brasileira.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. 2. ed. São Paulo/SP: Moderna, 1996.

ANDRADE, José Dantas. **Documento Histórico Ilustrado de Itabuna**. Itabuna-Ba:Gráfica Editora Ltda, 1968.

ASSIS, Raimunda Alves Moreira de. A Educação em Itabuna: um estudo da organização escolar (1906-1930), Ilhéus/Ba: Editus, 2006.

ASMAR, Selem Rachid. **No País do Cacau**. Itabuna: Colograf. Editora. 1987.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMPOS, Silva. **Crônica da Capitania de São Jorge dos Ilhéus**. MEC, Conselho Federal de Cultura, Rio de Janeiro, 1981.

FERREIRA, José Alves de Souza. **Firmino Alves - Fundador de Itabuna**. Itabuna: Edições de Itagraf, 1943.

GONÇALVES, Ribeiro O. **Ensaio Histórico de Itabuna** - O Jequitibá da Taboca: 1948-1906. Itabuna: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial da Bahia, 1990.

SILVA, M.C.B. da Costa e. **O ensino primário na Bahia: 1889-1930**. Tese. (doutorado em Educação) Faculdade de Educação da UFBA. Salvador, 1997.

SILVEIRA, Adelino Kfoury. **José Firmino Alves: o fundador de Itabuna**. Prefeitura Municipal de Itabuna. s/Ed. S/d. (197?).

TAVARES, Luiz Henrique Dias. **História da Bahia Para o Curso Pedagógico**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S/A., 1963.

A Literatura e Nossa Identidade Negra

Jorge Luiz Batista dos Santos

Durante toda a vida, o sujeito passa por vários processos intensos de transformação, entre eles, as mudanças físicas, que ganham contornos culturais e identitários. Esses processos são dinâmicos e estão associados ao desenvolvimento do corpo físico e psicológico. Dentro desses processos de transformação, a formação da imagem corporal é um contínuo na vida humana; associada às vivências e à ideia do próprio corpo a partir do olhar do Outro, o esquema corporal como realidade de fato, mesmo que transitória, constitui a imagem do corpo como sendo uma síntese da experiência emocional desse sujeito.

Qualquer bom dicionário definiria o corpo como a parte material do homem, a essência física de cada ser, ou seja, qualquer objeto possível da ciência natural, como já indicava Aristóteles. O corpo humano, sabido pela medicina, é portador de vermes, de vísceras, de ossos. Em seu pleno desenvolvimento ele pode portar saúde ou doença, normalidade ou patologias; responde a gráficos, estatísticas; tem peso, temperatura, estatura, motricidade. A sua caracterização está associada às possibilidades de ações e relações com o mundo em sua organização e repressão social e política.

Os estudos da Biologia e da Genética demonstram que as pessoas são agraciadas com um corpo único, em sua formação, a partir dos genes. Os seres humanos, entretanto, dependem das vivências para a constituição do Eu, pressupostos elencados pela psicologia e psicanálise.

Formamos imagem do que somos a partir do que vemos refletido nos olhos/espelhos de nossos pais. É essa imagem que acompanha o pensar no que somos no mundo. A força dessa imagem carrega

dados que acompanham a vida do sujeito do olhar do outro, um olhar imbuído de ideologia, cultura e projeção. Para Merleau-Ponty (1994 p. 108) “perceber é tornar algo presente a si com a ajuda do corpo”. A imagem se projeta em um suporte psíquico e social que é definido nas relações do Eu com o Outro.

Nassio (2009, p. 69;75), ao interpretar o pensamento dos psicanalistas franceses François Dolto e Jacques Lacan, adota um conceito de imagem e da sua representação, por meio do corpo, associada ao inconsciente, que exprime o ideal e a imagem que são projetadas socialmente ao sujeito através da sua apresentação corpórea:

IMAGEM - É a representação, imitação de pessoas e coisas. “É o duplo exato ou aproximativo de um antecedente ou de um original, é duplo fiel ou semelhante de um ser”.

CORPO - Fonte de conhecimento; corpo instrumento; corpo de comunicação; corpo de relação e afeto. “Sou o corpo que sinto e o corpo que vejo”.

Nesse sentido, compreende-se que o esquema corporal é o mesmo para todos os sujeitos da espécie humana, diferente da imagem corporal, que é singular e própria a cada um.

Nos últimos anos, a temática relacionada ao corpo está impressa em todos os meios de comunicação, na vida, nas relações, tomando uma dimensão sem limites no que tange à questão da imagem corporal ou de como o corpo tem descrito, em suas manifestações, posturas reveladoras do mundo contemporâneo com seus sintomas de prazer/desprazer, doença/cura, e nas suas exposições vestido/despido; pintado/marcado; natural/siliconado.

No caso do Brasil escravocrata, o corpo também simboliza um momento da história do país, quando os senhores de escravos podiam exercer o direito de propriedade e uso do corpo do seu escravo. Sensações vividas e sentidas pelos negros antes mesmo do domínio da língua em território brasileiro projetavam uma história na qual a melanina dos seus corpos imprimia uma condição ao olhar antissocial na construção da sua imagem.

A construção da imagem do negro tem sido influenciada por fatores vários, ao longo da história do Brasil. O esforço colonial do europeu em reduzir a identidade negra ao espaço da invisibilidade impediu muitos progressos da etnia afrodescendente. A abolição do regime escravocrata só se dá no fim do século XIX e o período posterior não foi capaz de permitir a formação de uma visão identitária dissociada do ranço discriminatório.

Pinto (1987, p.62) afirma que:

Praticamente todos os autores que se dedicaram ao estudo do negro chamam a atenção para as imagens e as representações negativas vigentes na nossa sociedade a respeito desse segmento racial. O negro é desvalorizado, tanto do ponto de vista físico, intelectual, cultural, como moral; a cor /e os traços fenotipicamente negros/ são considerados antiestéticos; a cultura e os costumes africanos são reputados como primitivos; há uma depreciação da sua inteligência e uma descrença na sua capacidade; coloca-se em dúvida sua probidade moral e ética.

As teorias racistas desenvolvidas no século XIX viam o corpo sob uma perspectiva classificatória e imutável. Nesta perspectiva, o corpo é visto como descrição da pessoa, segundo uma relação inequívoca entre superfície da forma e profundidade da alma, binariamente opostas.

E o que dizer da relação entre literatura e identidade negra? Inicialmente, torna-se importante definir o que é literatura, embora essa não seja uma tarefa fácil.

Afrânio Coutinho (1978, p. 9-10) diz: “A Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade”.

Para Proença Filho (2007, p.8-9):

O texto da literatura é um objeto de linguagem ao qual se associa uma representação de realidades físicas, sociais e emocionais mediatizadas pelas palavras da língua na configuração de um objeto estético. O texto repercute em nós na medida em que revele marcas profundas de cultural do receptor.

Sendo assim, a Literatura é, em todo momento e em todas as épocas um diálogo. Diálogo que em nosso Brasil tem, na escola, a sua maior e mais importante mediadora. E quais têm sido os livros de diálogos escolhidos pelas escolas, capazes de representar uma identidade com os corpos e a cultura do povo negro e afrodescendente?

Galdino (2008 p.145) evidencia:

A escola é um importante espaço no qual também se desenvolve o tenso processo de construção da identidade negra. Infelizmente, grande parte dos discentes convive em espaços escolares em que o negro e seu padrão estético não são vistos de maneira positiva, daí a necessidade de desconstruir preconceitos que aparecem em muitas obras da Literatura Clássica e atual brasileira.

Não há como ocultar a presença de personagens negros na literatura brasileira, porém, é impossível não perceber, mesmo numa análise rápida, que as imagens do negro estão associadas à marginalização, inferioridade, sexualidade exagerada e submissão. De Gregório de Mattos ao movimento Modernista do Brasil, a imagem do negro é associada a animais selvagens ou seres marginalizados e conformados, vivendo em um "servilismo" natural e assustador. O desprezo vigente persiste inclusive nas obras dos autores abolicionistas e nos autores negros (não considerados escritores da literatura oficial), que apresentam personagens negros e invisíveis em seus livros.

Os escravos nobres, o mulato de olhos azuis, o negro-vítima, a mulata ardente, o negro infantilizado, ignorante, prendado e subalterno são facilmente encontrados nas obras de Bernardo Guimaraes, José de Alencar, Castro Alves, Aluísio Azevedo, que em uma leitura rápida, parecem possuir imagens positivas ou até mesmo uma representação real do negro na sociedade da época vigente. Ao serem investigadas com mais detalhes, no entanto, tais imagens mostram-se como exemplares que reforçam o pensamento racista classificatório da cultura escravista.

A verdade é que o discurso literário brasileiro foi, durante muitos séculos, e muitas Escolas literárias, influenciado fortemente pelos discursos escravocrata e científico do século XIX. Neste período a literatura tem a pior representatividade do negro, ao pregar a

inferioridade de uma raça sobre a outra reduzindo então, o negro, a uma inferioridade congênita e mitifica como seres semi-homens e semianimais.

Inferioridade percebida nas descrições fenotípicas feitas por Monteiro Lobato em seu vasto acervo literário. Especula-se inclusive que Monteiro Lobato não pertenceu a Academia Brasileira de Letras, (para a qual se candidatou por duas vezes) por conta de suas ideias sobre os mestiços e suburbanos, esquecendo que Machado de Assis, um dos fundadores e primeiro presidente da ABL, era mestiço.

Silva (2010) data o ano de 1978 como o ano em que, no Brasil, um grupo de autores negros começava a trabalhar de maneira positiva a imagem do negro através dos Cadernos Negros. Na Literatura teatral, o movimento que fundou o Teatro Experimental do Negro, em 1944, já apontava a necessidade de outro olhar sobre a imagem do negro na Bahia, através de questões levantadas por Abdias Nascimento. Na nossa literatura regional, devemos destacar *Corpo vivo* (1962), romance de Adonias Filho, no qual o personagem negro Setembro aparece sem camuflagem e com dimensões reais dos verdadeiros negros da região baiana.

Segundo Culler (1999), os leitores tratam algo como literatura, quando eles encontram no contexto uma identificação. Se o olhar é que permite situar-se no mundo, é o corpo que, por sua vez, oferece unidade no mundo, que conduz ao âmago das coisas e os possíveis prazeres que o mesmo tem ao ser apresentado positivamente. Quando, no espelho ou diante das páginas literárias, o olhar se pergunta, se vê e se descobre num mundo constituído por aberturas, correspondências, coexistências e entrelaçamentos, o ser humano negro reapropria-se de sua história e do seu direito de existir e pertencer a uma sociedade de relações mais igualitárias. “E como escreveu Compagnon (1999, p. 32)” a literatura é concebida em suas relações com a nação e com sua história. A literatura, ou melhor, as literaturas são, antes de tudo, nacionais”. A literatura brasileira parece que no início do século XXI começa a escrever sua nova história.

A Saga do Cacau em Terras Sul-Baianas

Lurdes Bertol

A região cacauzeira do sul da Bahia já se constituiu num espaço de referências aristocráticas: os coronéis do cacau faziam passeios constantes pela Europa, seus filhos estudavam nas principais capitais do país, suas esposas ostentavam roupas importadas. A seca do sertão nordestino, a migração dos camponeses sulistas, os destituídos de bens materiais eram problemas que passavam ao largo. A vassoura-de-bruxa (doença causada pelo fungo *Crinipellis Perniciosa*), ao acampar por estas bandas fez estragos, mas também acordou os que dormiam “eternamente em berço esplêndido”, lembrando que a vida, e o que dela faz parte, está em constante mudança, indo sempre para frente, obrigando a uma revisão de atitudes, de costumes, para que não se crie limo e não se obstrua o caminho dos que querem passar adiante, sempre mais desenvolvidos e mais humanos.

O cacau, um produto agrícola conhecido, cultivado e apreciado em várias partes do mundo, alimento sagrado de deuses e sacerdotes, objeto de desejo de muitos, tem uma trajetória humano-divina até aportar nas terras do sul da Bahia onde se espalhou criando uma nova “civilização”. Atravessou momentos de fausto e de crise, até, por último, mergulhar nos caprichos da vassoura-de-bruxa. Suas amêndoas, alimento, bebida e moeda de troca, criaram rotas comerciais internacionais, sustentaram economias, fizeram surgir instituições que delas se ocupassem, propiciaram desníveis sociais gritantes, estiveram presentes nos momentos de alegrias, sofrimentos e frustrações de proprietários de fazendas, exportadores, comerciantes, trabalhadores.

Os nativos americanos, principalmente os Astecas e os Maias, já conheciam o cacauzeiro e apreciavam seus frutos muito antes da chegada de Cristóvão Colombo desembarcar na América, visto que

suas amêndoas circularam como moeda corrente em alguns países americanos. O cultivo do cacau extrapolou as terras americanas, sendo levado para a Ásia, África e Oceania. As áreas em que mais se desenvolveu foram Gana, Nigéria, Costa do Marfim, Camarões e Ilhas de São Tomé e Príncipe. Devido à importância econômica de suas amêndoas e o sabor do chocolate dele extraído em forma líquida ou sólida, o cacauzeiro espalhou-se pelo mundo, gerou riquezas e miséria, freqüentou as elites, após ser cultivado e colhido por trabalhadores que só conhecem a lida do campo e não o sabor sofisticado das barras de chocolate refinadas produzidas em outras paragens.

No Brasil, o cacau, nativo da Amazônia, já era conhecido dos índios, que faziam dele um tipo de vinho fermentando as amêndoas. Seu cultivo, contudo, acredita-se, tenha se iniciado no Pará, em 1740, porém, de forma oficial, isto teria se dado em 1769, quando os colonos receberam autorização, pela Carta Régia da época, para plantar as amêndoas. Apesar dos indícios de que isto tenha ocorrido no Pará, contudo, lá, a tentativa de se cultivar o cacau não teve êxito.

A história da ocupação do espaço no sul da Bahia pode ser dividida em dois momentos: o primeiro, do século XVI à segunda metade do século XIX, caracterizado pela policultura, por uma sociedade composta pelo encontro do europeu e grupos indígenas. O segundo momento, da segunda metade do século XIX e todo o século XX, período em que foi definida a região cacauzeira.

O cacau, devido ao sucesso de sua cultura, trouxe à região as primeiras famílias, vindas dos mais diferentes recantos do Brasil e do mundo, mas, principalmente do estado vizinho, Sergipe. As diferentes famílias que ocuparam as terras propícias ao plantio do cacau passaram a travar lutas para ocupar cada vez mais terras, e, assim, foram surgindo fazendas, vilas, lugarejos e cidades, formando a *civilização do cacau*. A vinda dessas famílias era estimulada por propaganda do governo, as quais eram incentivadas pela possibilidade de progresso individual para os que se aventurassem a conquistar as terras virgens e ricas, descritas como um bem ilimitado e apropriável para qualquer pessoa que se dispusesse a trabalhá-las. Além da possibilidade de serem donas das terras, as quais existiam em abundância, as famílias que optavam pelo plantio do cacau no sul da

Bahia, faziam-no animadas pela possibilidade de terem sua produção inserida no comércio de exportação internacional. Acreditavam ser a lavoura do cacau altamente rentável, possibilitando ascensão econômica e social.

No início de sua saga no sul da Bahia, o cacau foi introduzido no litoral, mais precisamente no atual município de Canavieiras, em 1746. As primeiras mudas da “árvore dos frutos de ouro” foram trazidos do Pará, por Frédéric Varneaux. Mais tarde a cultura expandiu-se para o interior, numa corrida de disputa pelas melhores terras. Dessa forma, diversas cidades surgiram em função dessa cultura, desviando sua atenção da cidade de Ilhéus, que, à época, era a capital do cacau.

O cultivo do cacau, sua comercialização e exportação foram responsáveis pela modelagem da região cacaueira do sul da Bahia, onde se desenvolveu a burguesia cacaueira, inicialmente formada pelos grandes produtores e comerciantes exportadores. A primeira parte desse período foi marcada pelas correntes migratórias, pelo desmatamento da floresta, o plantio do cacau, a formação da estrutura comercial, viária, enfim, dos instrumentos que permitiriam o comércio e escoamento da produção do cacau. Introduzido na região sul da Bahia a partir do século XVIII passou a ser a razão da ocupação de novas terras e foi responsável pela formação de uma classe social constituída pelos coronéis, pelos trabalhadores das lavouras de cacau, e pelos jagunços, os quais seriam os guardiões das roças de cacau e de seus senhores.

Na década de 1940, a região já estava consolidada como produtora de cacau, formando uma economia monocultora, sofrendo, portanto, todas as consequências dessa condição: dependência do mercado externo, importação dos produtos de primeira necessidade, burguesia dominante, exploração da mão-de-obra dos trabalhadores rurais, desníveis sociais marcantes.

A lavoura cacaueira no sul da Bahia representava a solução para o pagamento das dívidas da Província que, desde a segunda metade do século XIX, fazendo parte do cenário nacional, passava por dificuldades causadas pela extinção do tráfico de escravos e consequente escassez de mão-de-obra, aumento do mercado interno, a urbanização e a imigração. Ao mesmo tempo, com a decadência

da lavoura canavieira, algodoeira e da pecuária do nordeste, a zona de cultivo do cacau seria um receptor natural do excedente da mão-de-obra dessas áreas.

Dos 70 municípios que compõem a Região sul da Bahia (Mesorregião Sul Baiano), o maior número deles está inserido na sub-área cacaueira, ou Microrregião Ilhéus-Itabuna (41 municípios), apesar de ocupar o segundo lugar em área (19.542 km²), depois da Microrregião do Extremo Sul (30.420km²). Aquela microrregião também se sobressai no que diz respeito ao total da população (52% do total regional, com uma população absoluta de 1.071.155 habitantes) e à densidade demográfica (55 hab/km²) contra 41 hab/km² da segunda área mais densamente povoada, o Baixo Sul.

Os principais estados brasileiros produtores de cacau, Bahia, Amazonas, Pará, Espírito Santo, Rondônia e Mato Grosso, viveram e vivem altos e baixos na produção e exportação deste produto agrícola. No caso específico do sul da Bahia, principal área produtora do Estado, a região vivenciou uma fase de prosperidade sem precedentes que se estendeu da segunda metade da década de 1970 até meados da década de 1980, período após o qual emergiu numa situação de grandes dificuldades. Os reflexos da crise que se instalou de forma mais aguda no início dos anos 1990, decorrem de uma série de fatores, tais como baixa de preços do produto, política cambial e, em especial, da doença que acometeu os cacauais da região, a vassoura-de-bruxa (*Crinipellis Perniciosa*), endêmica na Amazônia. Esses elementos, em conjunto, foram responsáveis pela origem de uma grave crise, cujos resultados, do ponto de vista social, econômico e ambiental se apresentam altamente danosos. Este fungo, verdadeira bruxa montada em sua vassoura, veio disposto a varrer dos cacauais a inércia, a inépcia, o comodismo. As árvores centenárias estavam em seu limite de esgotamento, sinalizando para a renovação. Contudo, a Comissão Executiva para o Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC), principal guardião dos frutos de ouro, os agricultores, os exportadores, não souberam ler os signos que apontavam para o iminente colapso da lavoura cacaueira.

O fungo da vassoura-de-bruxa, de há muito vem causando prejuízos à lavoura de cacau, tendo sido descoberto no final do século

XIX no Suriname. Pouco tempo depois, torna-se um grave problema para as lavouras do Equador. A doença aporta em Trinidad Tobago em 1928 e, na Bahia, as primeiras manifestações foram detectadas em maio de 1989, numa plantação localizada no município de Uruçuca, conforme amplamente noticiado pelos meios de comunicação.

Com esse fato a crise se aprofundou, os produtores de cacau se endividaram, houve abandono de plantações, aumento do desemprego rural e urbano. Muitos municípios chegaram a perder população nos anos 1990, como foi o caso de Camacan, entre outros. Junto com a descoberta da presença incômoda do *Monilophthora Perniciosa* nos cacauais, a região sul da Bahia despertou para uma outra realidade: o total despreparo para lidar com tal doença. Se, por um lado, os produtores em geral não estavam em condições de enfrentar o problema, por outro, a CEPLAC, órgão responsável para estar à frente com novas tecnologias, prevenção e combate às pragas da lavoura cacaueira, foi pega de surpresa, apesar de atuar também na Amazônia, onde o *Monilophthora Perniciosa* é endêmico e convive com os cacaueiros.

Desta forma, esses eventos foram responsáveis pela formação da região cacaueira do sul da Bahia, oficialmente denominada de microrregião Ilhéus-Itabuna. Uma região que tenta se reerguer após ter tido quase dizimada sua lavoura carro-chefe da economia regional, principal sustentáculo econômico-político-social. Contudo, várias alternativas estão sendo testadas para reerguer e dar novo impulso ao desenvolvimento, através de novas culturas convivendo com o cacau. Não há mais os coronéis do cacau, mas sim empresários da agricultura ao lado de pequenos produtores, muitas vezes em regime de parceria, além da ampliação de indústrias, construção civil, principalmente nas cidades de Itabuna e Ilhéus.

Máscaras

Consuelo Pondé

Herdei alguns livros antigos de familiares falecidos que teimo em preservar porque significaram muito para os seus donos e me dói descartá-los. Isto porque para quem gosta de ter livros e contar com objetos insubstituíveis, ainda que escritos em linguagem anacrônica.

Um deles é de Menotti Del Picchia, intelectual esquecido como muitos outros, um dos mais ativos organizadores da Semana de Arte Moderna de 1922.

Menotti era filho de imigrantes italianos e nasceu em São Paulo a 20 de março de 1892, ali falecendo a 23 de agosto de 1988. Poeta, jornalista, advogado, político, foi membro da Academia Brasileira de Letras, na qual ocupou a cadeira 28, em 1943.

O público do período acolhera com entusiasmo muitas das suas publicações, tais como: *Poemas do Vício e da Virtude* (1913), de feição parnasiana, *Juca Mulato* (1917), poema de feição regionalista, que, “pelo ritmo fácil e o estofo narrativo sentimental, logo se tornou sua obra mais lida e plenamente aceita até pelos medalhões da época”, conforme escreve Alfredo Bosi, na *História Concisa da Literatura Brasileira*. De 1917 são seus poemas Moisés e As Máscaras, segundo o mesmo autor, “viciados pelo decadentismo retórico”.

Recordo-me de minhas tias maternas que eram alunas da Escola Normal da Bahia e declamavam entre outros poemas, Juca Mulato e Máscaras. Encantava-me a maneira entusiasmada como diziam esses versos, muito conhecidos nos dias do passado, sendo provável que uma delas, a única sobrevivente da família Zenaide Montanha de Araújo Góes, ainda saiba recitá-las, pois era dona de excelente capacidade de memorização.

O exemplar que se encontra em minhas mãos não tem identificação de data nem editora, mas o nome da proprietária e a data - 1929. Trata-se de um livro pequeno, de capa dura, na cor azul, e contém ilustrações relacionadas com a folia do Carnaval. A abertura da obra é feita em quatro versos e esta contém os seguintes poemas: As Máscaras; Arlequim: um Desejo; Pierrot: um Sonho; Colombina: a Mulher. De uma dessas partes, permito-me extrair alguns versos ousados para a época.

Vamos a eles: "O beijo da mulher! O Sinfonia louca/da sonata que o amor improvisa na boca.../No contato do lábio, onde a emoção acorda/sentir outro vibrar, como vibra uma corda.../À vaga orquestração da frase que sussurra/ver um corpo fremir tal qual uma bandurra.../Desfalecer ouvindo a música que canta / no gemido de amor que morre na garganta.../ Colar o lábio ardente à flor de um seio lindo,/ ir aos poucos subindo...ir aos poucos subindo.../ até alcançar a boca e escutar, num arquejo, o universo parar na síncope de um beijo!

Do Arlequim, um verso que nunca esqueci: "Ingênuo uma mulher bela/ adora quem lhe diz o que é lindo nela / Ousa tudo porque todo o homem namorado,/ se arrepende, afinal, de não ter tudo ousado".

Fechando o longo poema, na voz da Colombina, hesitante entre o amor do Arlequim e do Pierrot, diz ao segundo: "O teu sonho é tão manso... Pudesse eu repartir-me e encontrar minha calma dando a Arlequim meu corpo...e a Pierrot minh'alma!/Quando tenho Arlequim, quero Pierrot tristonho,/ pois um dá-me o prazer, o outro dá-me o sonho! / Nessa duplicidade o amor todo se encerra: /Um me fala do céu...outro fala da terra! Eu amo porque amar é variar, e em verdade / toda a razão do amor está na variedade.../ Penso que morreria o desejo da gente / se Arlequim e Pierrot fossem um ser somente,/ porque a história do amor pode escrever-se assim. Um sonho de Pierrot/ E um beijo de Arlequim."

E, no desejo de descrever a dubiedade de sentimentos da mulher, Colombina diz, hesitante, a Pierrot: Eu amo-te, Pierrot e ao Arlequim declara...e adoro-te, Arlequim. A vida é singular! Bem ridícula, em suma. Uma só ama dois... e dois amam uma só!... Essa mesma indefinição amorosa está no que a Colombina diz ao Pierrot: O teu sonho é tão manso.

...Pudesse eu repartir-me e encontrar minha calma dando ao Arlequim meu corpo... e a Pierrot minh'alma! Quando tenho Arlequim, quero Pierrot tristonho, pois um dá prazer, o outro dá-me o sonho!

Nessa duplicidade do amor tudo se encerra: Eu amo, porque amar é variar, e em verdade toda razão do amor está na variedade... Penso que morreria o desejo da gente se Arlequim e Pierrot fossem um ser, porque a história do amor pode escrever-se assim. Pierrot – Um sonho de Pierrot... Arlequim. E um beijo de Arlequim!

Como soam antigas as declarações de amor e o comportamento dos amantes da década de 1920!...

O Adolescente em Conflito com a Lei

Marcos Bandeira

Ao definir o título do presente ensaio fico a questionar: será que é o adolescente que está em conflito com a lei ou é a lei que está em conflito com o adolescente. O tema se reveste de importância na medida em que aumentou assustadoramente em nosso país e em particular, em Itabuna, a delinquência juvenil. A população assustada com a violência oferece emocionalmente receitas prontas, como pena de morte, redução de maioridade penal e outras alternativas duras. Todavia, entendemos que a problemática é mais complexa e multifacetária, de sorte a exigir longo debate de ideias e decisões ponderadas, amadurecidas e racionais, capazes de semear em nossa sociedade uma cultura de paz, desiderato maior da Justiça.

Por muito tempo – desde 1927 até meados de 1990 – perdurou no Brasil a doutrina da situação irregular, que tratava os “menores” de dezoito anos como objetos de direito, como seres incapazes. Esta doutrina era destinada aos menores pobres, desvalidos e delinquentes. Caso esses menores fossem apreendidos pelos então temíveis “comissários de menores”, por ser pobre, vítima da alguma violação de direito, por ser rebelde com os pais, ou por praticar qualquer ato infracional, a resposta estatal, em regra, era uma só: privação de liberdade nos cárceres da FEBEM *ad eternum*, já que ficava a mercê do todo poderoso Juiz de Menores, que era revestido de amplos poderes, podendo inclusive legislar nessa área através de portarias. Na verdade, jogavam na mesma vala, menores delinquentes e carentes, privando-os da sua liberdade sem o devido processo legal. Os efeitos eram nefastos para “o menor”, para a sociedade e para a família, já que eram rompidos os vínculos familiares e comunitários. Muitos desses menores que permaneceram por muito tempo nos

cárceres das FEBENS submetidos a tratamento cruéis e desumanos acabaram ingressando definitivamente nas carreiras criminosas. Alguns passaram a engrossar as facções criminosas do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Essa situação chamou a atenção de vários segmentos de nossa sociedade organizada, como educadores, juízes, promotores, psicólogos, assistentes sociais, advogados e outros setores, indignados com essa situação. Vários movimentos sociais, como os Meninos de Rua do Rio de Janeiro passaram a protestar e a lutar pelo fim da doutrina da situação irregular. Foi criada uma frente suprapartidária, que colheu no país 1.200.000 assinaturas de crianças-cidadãos e conseguiu inserir na CF o art. 227, indicativo da opção pela doutrina da proteção integral, cujo dispositivo estabelece o seguinte:

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar comunitária, além de colocá-los a salvo de toda a forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Por Doutrina das Nações Unidas de Proteção Integral dos Direitos da Criança se compreende não apenas o próprio texto da Convenção, adotado pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 20.11.1989, e promulgada no Brasil através do Decreto 99.710 de 21 de novembro de 1990, como também as Regras Mínimas das Nações Unidas para a Administração da Justiça da Infância e da Juventude, conhecidas como Regras de Beijing (de maio de 1984); as Diretrizes das Nações Unidas para a Prevenção da Delinquência Juvenil, conhecidas como Diretrizes de Riad (de dezembro de 1990), as Regras Mínimas das Nações Unidas para a elaboração de Medidas Não-Privativas de Liberdade (Regras de Tóquio, Resolução nº 45/110, de 14.12.1990) e as Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade (Resolução 45/113, de abril de 1991).

O Estatuto da Criança e do Adolescente, esse ilustre desconhecido, que entrou em vigor no dia 13 de julho de 1990, apenas rompeu com o paradigma da doutrina da situação irregular, que tratava o

“menor” como “meias pessoas”, ou seres incapazes, meros objetos de Direito, e que perdurou entre nós brasileiros por quase um século, construindo uma tradição de fundas violações dos direitos infanto-juvenil. Se se tratasse de crianças bem nascidas, filhas de pessoas ricas e bem situadas socialmente aplicava-se o Direito de Família, entretanto, se se tratasse de pessoas pobres, desvalidas, carentes, aplicava-se do Direito do Menor, restringindo seus direitos ou privando a sua liberdade sem o devido processo legal e sem qualquer garantia processual, como ampla defesa e contraditório. Hoje, o adolescente só pode ser privado de sua liberdade em caso de flagrante delito ou por ordem escrita emanada de uma autoridade judicial.

Na verdade, o ECA inaugura um novo paradigma, uma nova maneira de tratar de crianças e adolescentes, agora considerados sujeitos de direitos e titulares de direitos fundamentais. O ECA, agora, é dirigido a todas as crianças e adolescentes, independentemente de sua condição social, etnia, cor ou outro critério discriminatório. As mesmas garantias atribuídas aos adultos são também destinadas aos adolescentes – qualquer pessoa entre 12 e 18 anos incompletos –, como o direito de ter ciência prévia da acusação que lhe é imputada, de ser julgado por um juiz imparcial, de ser defendido por um advogado, de não ser preso senão em flagrante delito ou por ordem escrita e fundamentada de um juiz de Direito, dentre outros. Também, em face de sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, tem alguns direitos específicos, como o de não ser identificado como adolescente infrator em qualquer publicação, e de sua apreensão ser comunicada imediatamente aos seus pais ou responsável, dentre outros. O Direito a um julgamento justo e equitativo, com a observância do princípio da ampla defesa e do contraditório é um imperativo de justiça. Não significa impunidade. O adolescente não nasce infrator, todavia, movido pelas circunstâncias e as dificuldades que se antepõe na sua vida acaba cometendo o ato infracional. Nesse caso, ele deve ser responsabilizado pelo Estado e, caso condenado, sofrer uma das medidas sócio-educativas previstas no ECA: advertência, reparação de danos, liberdade assistida, prestação de serviços à comunidade, semiliberdade e a mais drástica delas, a internação, que é reservada para os casos extremamente grave e praticados com violência ou

grave ameaça á pessoa, ou em caso de reiteração na prática de atos infracionais graves. Em face de sua condição de pessoa em desenvolvimento, o adolescente deve ser responsabilizado pelo Estado de forma diferente dos adultos, pois a sanção imposta além de ser retributiva, deve ser principalmente ético-pedagógica-emancipatória, no sentido de criar as condições necessária para afastá-lo da trajetória criminosa e inseri-lo no sistema de garantias de direitos, seja na inserção educacional, profissional, cultural ou social. Para tanto é necessário uma rede de atendimento sócio-educativo que seja capaz de promover socialmente o jovem infrator.

Cada adolescente tem sua própria história, algumas delas carregadas de violações graves de direitos fundamentais. O Adolescente precisa ser visto com outro olhar, aliás, normalmente ele se torna invisível e descartável ante a sociedade, e só nos chama a atenção quando comete um ato infracional. Aí, ele tem que ser afastado de nosso convívio e empurrado para os cárceres fétidos das Delegacias, como a dizer: estamos livres da sua nefasta presença. Será que é essa a resposta adequada? E a solidão e o luto experimentado pelo jovem? Precisamos entender que a adolescência é uma fase que passa rápida em nossas vidas, cheias de inquietações, revolução hormonal, sendo, segundo o educador Antonio Carlos Gomes da Costa, o tempo da moratória, pois a pessoa já não é mais criança tampouco é adulto. Por isso, que acredito que a “punição por punição” é inócua, pois somente a educação na linha freiriana, progressista e emancipatória, pode transformar um jovem em dificuldade num cidadão autônomo e participativo em nossa sociedade.

Redes Sociais e “Comportamento de Manada”

Celina Santos

“No passado, todos queriam 15 minutos de fama; no futuro, vão querer 15 minutos de privacidade”. A citação, embora sem autoria consensual, é um claro exemplo do rumo para o qual a sociedade pós-moderna se direciona. As redes sociais, com destaque para a maior delas – o *Facebook* –, fomentam e, conseqüentemente, ilustram o nível de exposição que permeia o cotidiano nos dias atuais.

Numa clara intenção de chamar a atenção de outrem, algo mensurado pela quantidade de “curtidas” (cliques com o *mouse* nas publicações daquele *site*), as pessoas *postam* (eis um dos “verbos” mais conjugados na atualidade) toda espécie de imagens e palavras. Assim, é possível encontrar fotografias do par de sapatos recém-comprado; da refeição exposta na mesa; dos pés a descansar na praia; do beijo apaixonado (ou não) de um casal sob o pôr-do-sol ou a luz da lua, dentre tantas outras.

Como se aderissem à contemporânea paráfrase “*posto, logo existo*”, donos de perfis no “*Face*” (apelido carinhoso do *Facebook*) informam os mais triviais detalhes do dia a dia. Tornou-se comum ler dizeres do tipo: “dor de cabeça chata!”; “partiu faculdade”; “partiu academia” e inúmeros mais. Parece fundamental registrar cada passo na *internet*, para avaliar a percepção – ou, melhor dizendo, a aceitação – alheia.

Completando o cenário aqui descrito, entram as *selfies* (fotos tiradas de si mesmo) no conjunto dos milhões de imagens diariamente *postadas* na rede social. Para não perder um só “*flash*”, cabem fotos fazendo caretas, poses, sorrisos, sozinho ou em meio a um grupo. O que importa é publicar e, em seguida, verificar quantas pessoas “curtiram”.

Além da superexposição do que outrora se denominou intimidade, as redes sociais são “terrenos” onde se constata o que a psicologia chama de “comportamento de manada” (termo para designar reações em grupo, sem uma aparente finalidade). Dessa forma, em poucos segundos, até uma informação (disposta em texto e/ou imagem) inverídica é disseminada entre milhares de pessoas por meio dos compartilhamentos. O primeiro a transmitir tal mensagem o faz propositadamente, ao passo que os demais somente transferem-na, sem questionar a procedência.

Admitindo a premissa de que “toda identidade é marcada pela diferença”, há de se indagar: até que ponto as pessoas se afirmam enquanto indivíduos, num contexto de mera repetição dos hábitos alheios? Ao prescindir da privacidade, jogando-a numa “vitrine” diária, fica a impressão de que as redes sociais tendem a produzir, nos *internautas*, seres meramente virtuais. Numa lógica fabril, lamentavelmente, eles voltam para o mundo real sem as necessárias diferenças que fazem uns se somarem aos outros nas relações interpessoais.

Violência Urbana

Sione Porto

Nasceu com a humanidade. Sempre existiu. Cresceu com a sociedade contemporânea. Faz vítima todos os dias. Cabe aos estados, no plano constitucional, o seu combate. Parte da sociedade mundial já foi atingida pela violência urbana, não somente o Brasil. EUA viveram tempos difíceis com as gangues de Nova Iorque, muito bem retratadas no filme homônimo de Martin Scorsese (*Gangs of New York*, 2002). A cidade de Los Angeles viveu momentos críticos quando o Tribunal do Júri, em 1992, absolveu três policiais brancos e um hispânico que espancaram o taxista negro Rodney King, após uma perseguição em alta velocidade. Revoltados, milhares de pessoas promoveram saques, incêndios, assassinatos e depredações, ao longo de seis dias após o veredicto, sendo necessária a intervenção do Exército nas ruas.

Vários estudos estão direcionados à violência urbana e ao combate à disseminação, que antes era privilégio dos grandes centros, eixo Rio-São Paulo, porém, chegou, hoje, à maioria das cidades da federação. O impacto decorre do crescimento populacional, má distribuição demográfica, privação da educação, desigualdades sociais, geração de emprego e renda. A explosão de revolta contra a miséria gerou laboratório de agressividade. Na atualidade é pauta de várias análises multidisciplinares. Esse caráter endêmico é abrangido por múltiplos aspectos, dentre esses, temos três fenômenos a considerar:

- a) Banalidade do delito (banalização de crimes): modalidade que evoluiu no tempo. Quando crimes corriqueiros ganham expansão: ameaças de morte aos cidadãos; agressões contra as integridades físicas dos indivíduos, amigos, conhecidos, inimigos ou rivais; *bullying* (trabalho e colégios), furtos; brigas

de gangues; ataques entre torcidas de futebol adversárias; pegas de carros, tiroteios em vias públicas; homicídios dolosos, consumados e tentados por motivo fútil ou sem motivo justificado; pequeno tráfico de drogas ilícitas, dentre outros crimes;

- b) Universalização dos crimes (êxodo federativo de maior potencial de violência). Esse fenômeno ocorre por conta da migração de meliantes altamente perigosos, procurados pela justiça de seus domicílios (foragidos) que saem de seus territórios com a finalidade de praticar crimes em outros locais, a exemplo de tráfico de armas, narcotráfico pesado de drogas de todas as espécies, naturais e sintéticas, que geram homicídios qualificados (execuções sumárias de desafetos, concorrentes, chacinas, toque de recolher, tiroteios entre quadrilhas, atos terroristas, como incêndios a empresas de viação, quase sempre a coletivos municipais); assaltos a mão armada, furto e roubo a instituições financeiras, agências bancárias, caixas eletrônicos, correios e lotéricas, com uso de explosivos, sequestro de pessoas, etc.;
- c) Comando prisional criminoso (líderes de facções criminosas, oriundas dos presídios e penitenciárias), hoje em grande evidência. Citamos o Comando Vermelho, com centro de atuação no Rio de Janeiro, e o PCC, em São Paulo, que se espalharam nos estados e cidades de médio e grande porte, reproduzindo atos criminosos de todos os gêneros, desafiando as instituições legais e toda sociedade, os quais são responsáveis pelas execuções sumárias, mortes de policiais e de pessoas do povo, com objetivo de enfrentamento contra os governos e demonstração de poder.

A ineficiência da segurança pública brasileira é responsável pelo quadro caótico em que vivemos. Não há controle de armas nas fronteiras do Brasil com países vizinhos. Não há controle interno e externo nas unidades prisionais, em razão da corrupção de agentes penitenciários e da fragilidade no controle de visitas dos internos e advogados corruptos, cujas ordens ilícitas saem através de celulares,

recados e bilhetes. Uso de menores nos homicídios, arregimentados por traficantes, após viciá-los e colocá-los no comércio ilícito de drogas, culminando, por fim, na execução desses adolescentes, quando não necessitam mais dos seus serviços, como queima de arquivo.

Enquanto as quadrilhas se organizam e proliferam, bem como os crimes crescem geométrica e aritmeticamente, a segurança encolhe. Temos em todo território nacional, algumas delegacias sem funcionamento, as existentes com estruturas precárias, sem veículos e combustível, armas, coletes balísticos, algumas sem delegados, outras sem escrivães e agentes investigadores; visíveis ainda, postos de polícias rodoviárias estaduais e federais desativados.

É desanimador o estado em que vivem os cidadãos, buscando o meio de sobrevivência a este cenário de violência, com seus imóveis repletos de grades, com portões eletrônicos, cercas elétricas e câmaras de segurança. Ninguém mais pode bater um papo nas calçadas como outrora, parar o carro para conversar com um amigo e, muito menos, ir a uma balada e voltar de madrugada. Isso nem pensar, pois levam seu carro e ainda há a possibilidade de ser assassinado.

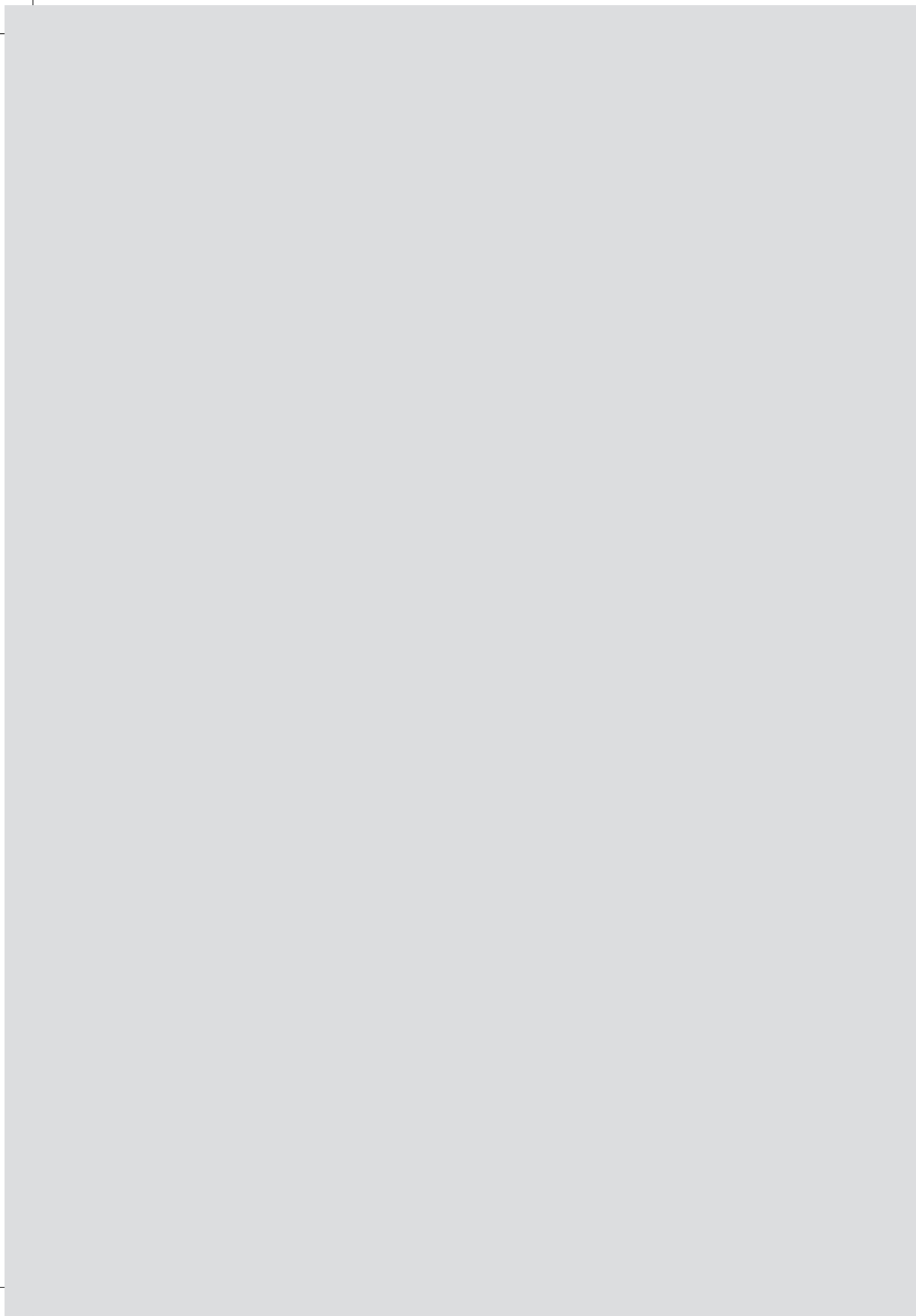
Essa é a realidade brasileira. A capital paulista saltou de 182 homicídios em 2011 para 329, em 2012, até fim de novembro. Na Bahia, somente capital Salvador e Região Metropolitana, houve 2.037 homicídios em 2011, enquanto Itabuna, quinta maior cidade do estado, já conta com 160 homicídios em 2012.

Um modelo novo de segurança se faz necessário para coibir a violência generalizada em todo território nacional.

Segurança eficiente para poder assegurar a paz social e melhorar a reputação do Brasil, urge para restabelecer a ordem, não deixando o poder paralelo tomar conta das comunidades, que pode chegar aos outros estados da federação, sendo necessária a criação de UPPs (vejam os custos que pagam os contribuintes).

Em sua obra célebre *A Peste* (1947), o escritor francês Albert Camus apregoa que as pessoas se acostumaram com a epidemia e os milhares de mortes, tornando para todos algo normal, assim como a população brasileira, já acostumada a tanta violência, sobretudo a midiaticizada, o que faz as páginas policiais dos jornais e programas de TV do gênero, campeões de audiência, com seu público fiel e cativo.

POESIA



Ao Rapaz Que Se Parecia com Deus

Florisvaldo Mattos

Homo sum: nihil humani a me alienum puto⁶
Terêncio (O punidor de si mesmo, comédia)

Nas vastas pradarias em que me converti nativo,
Em que, livre, desarmeí cercas e ergui um povoado,
Juntei nuvens, pássaros e animais de carga
E deles tirei um para percorrer o que era só campo
E mata fora. Mirei o horizonte com desconforto
Sensível. Pelas tardes juntei mais nuvens e mais pássaros
E, com eles, formei o meu rebanho; me recompus.
Por detrás do céu percebi luz de treva enamorada
E me contentei em saber e sentir que não estava só.
Dali parti para o nada com as cores de meu sonho,
Me adivinhei descoberto, porém jamais perdido. Logo,
Sigo os passos da luz, sem inimigos conhecer,
Porque todos me veem como um deus entre malvas,
Tiriricas, sensitivas, cansação e moitas de espinho,
Cerne de dor que torna a vida um jogo entre paixões,
E o corpo, um advento que ao destino nos transporta.
Não sei o que a água oculta; se ninfas, se anjos rebeldes;
Me percebo, me educo com respirações de olvidos
E não me revolto por ser súdito no reino do silêncio.
Não me atrevo a sorrir, mas a chorar me recuso.
Homem sendo e ouvindo dia e noite antiga voz,
No íntimo, guardo: nada que é humano me é indiferente.

6 *Sou homem: nada do que é humano considero alheio a mim.*

Poema Nada Executivo

Telmo Padilha

Circulas neste ar que respiro
E quase sinto teu hálito:
Não o confundam as rosas.
Poeira líquida e antiga,
Penetras o ar condicionado
Dos escritórios onde me suicido.
És meu pássaro, minha bússola,
Meu compromisso, circulas.

Súbito

Pousas no rosto
Do amortalhado chefe,
Seu bigode cores
Com mãos súplices
Mas o chefe
Já está morto.
No carmim de seu rosto
Adormeces
Espalhados nos papéis
Em estranho expediente.
A um canto
A cesta
Leve túmulo
Sepulta o gesto.

Canto a Nossa Senhora das Matas

Cyro de Mattos

Já estão alegres os bichos
da bem-amada nas serras,
chão de cardo brota a flor,
tronco morto vira árvore,
o gavião manso amanhece.
Tudo é canto pelos ares,
lábios que o beijo acendem
no seio fresco da mata.
Tom suave adorna o dia,
ramo de luz sempre verde.
Jasmim tecido no sonho,
fruta doce no colo virgem.
Riacho quando mina na pedra
passa sereno na baixada,
nave da noite com a lua
no areal derrama prata.
Formosa serrana, diáfana,
não há trégua nesses ais,
cardumes morrendo à toa,
a cachoeira chorando suja.
Sob as asas maternais acode
o sol pálido que tosse,
o índio extirpado da taba,
os passarinhos na gaiola.
Arminho protetor do filhote,
dia de flor de laranjeira,

na haste suspensa e leve
reabre, senhora, passo de baile
do beija-flor com a rosa.
Já não sai do oco a coruja,
do azul a garça como noiva,
carcará não pega, mata e come.
Jacaré não choca na lagoa
e a memória do couro abala
o meu ser ferido de desejo
das águas puras e profundas.
Mastruço, capim-santo, alfazema,
alívio de repetidas penas,
cura-me dos grandes clamores
nas visões da flora exilada,
nas ruínas da fauna sombras.
Desde nosso irmãozinho grilo
na relva da macia madrugada
ao rumor azul das andorinhas
quando vinha a Primavera
trissando a manhã luminosa.
A alma flamante dos girassóis
e o sabor das goiabas maduras.
Quando a mata for deserta,
não mais se colher a flor,
o rio se esconder da chuva,
a terra dormir amarga
e de Deus não cair a lágrima
será esta a triste música?
Nessa luta contra o mal
pelos quatro cantos do sol,
pelos quatro prantos da lua,
te fazendo verde nas nuvens
molha a vida fera e solitária.
Ó abelha misericordiosa,
pousa em mim a esperança,
em cada palma da mão

a operosa colmeia sonora.
Guardiã do mico-leão,
tamanduá-bandeira, chorão,
quero-quero, preguiça,
ararinha azul, anta.
Embora fujam do verde
odores do que me encanta
além o azul inocente ressoa.
Penetra-me de vento e chuva,
hora telúrica de outrora,
com que emoção bendizia
mão cheia de rações várias,
no crisper de casulo sopra
ajuste de brilho na fábula,
sinais de frescor na amora.
Afugenta o raio assassino
como a corça diante da onça.
Diz-me: nunca mais! nunca mais!
Equilibra frêmitos e lamentos,
os animais vivem à sua maneira
como simples notações do amor.
Em teu percurso de planta
o dia e a estrela clareia,
desarma na capoeira o alçapão,
apaga o fogo na queimada.
Ó seda levando voz perfumada,
sol, chuva, arco-íris, aurora.

Testamento

Valdelice Soares Pinheiro

Deixo aos sapos da lagoa escura
meus ouvidos dissolvidos no ar.
Deixo às esperanças que me visitaram
as paredes vazias do meu quarto verde.
Deixo meus livros
para as almas que os quiserem
e ficam meus discos
para o sonho dos meus amigos.
Deixo meu silêncio
para os vales azuis da minha infância
e minhas palavras más
para o perdão dos que me conheceram.
Deixo meus sonhos, feitos cinza,
para cruzeiros na testa dos cristãos.
Deixo minhas roupas
para as velhinhas rotas das esquinas
e meus sapatos...
(quero os meus sapatos cheios de Papai Noel,
postos na janela dos que não têm sapato.)
A sombra das minhas mãos inúteis
eu deixo para os pianos sozinhos das casas de penhor.
E deixo meu violão
para teus dedos longos,
teus dedos de poema,
que me buscarão nas cordas esquecidas.

Na Condição do Existir

Walker Luna

No impreciso universo
de ocultas tendências
à espontânea eloqüência.
Se implanta o temor
e os passos cativos
do ilógico indômito,
fecundando asperezas
 só levam à dor.
 Resta ao amor
 os âmbitos restritos
 onde postigos malditos
 resguardam as faces
 em diálogos ardentes.
É tempo de solidão
na condição do existir.

Conselho

Firmino Rocha

É olhar a flor que dança
É ouvir o passarinho
É sentir a grande paz
Destas sombras
No caminho.
O meu conselho,
Homem sozinho.

Longo Curso

Renato Prata

Não sei bem de portulanos
Mas oceanos de tempo
Venho gastando sem pressa
Para lavrar esses textos
Pois dão trabalho de filho
E nos impõem estribilho
Libertação já no transe
Licenças para voar.

Agora mapeio o tempo
Por manchas do tempo na pele
E me vejo ao traço paranoide
Que é o medo da perder poemas
Certo de que neles, excessivamente
Diluí a vida.

A Visita a Itabira

Aleilton Fonseca

Itabira era uma foto no desejo
que sempre tive de visitá-la.
Eis em volta a cidade que vejo,
da casa do poeta, à janela da sala.

Visito o amigo em fotos e poemas.
Converso com ele em pensamento.
Declamo seus versos à voz pequena
e os entrego aos cuidados do vento.

Recolho os cantos na alma da casa,
Percorro os cantos da casa do poeta.
E a cada passo um suspiro que exala
do peito – e da vida uma descoberta.

Saio às ruas, admiro a casa de longe,
Sigo as trilhas da manhã de domingo.
Ouço por perto um silêncio de monge,
e as rimas de um encanto que sinto.

Na praça, Drummond está nas alturas,
e eu, de mãos dadas, tão pequenino.
Em sua casa posei em idade madura,
E o poeta na foto ainda é um menino!

Passarinhando

Ceres Marylise Rebouças

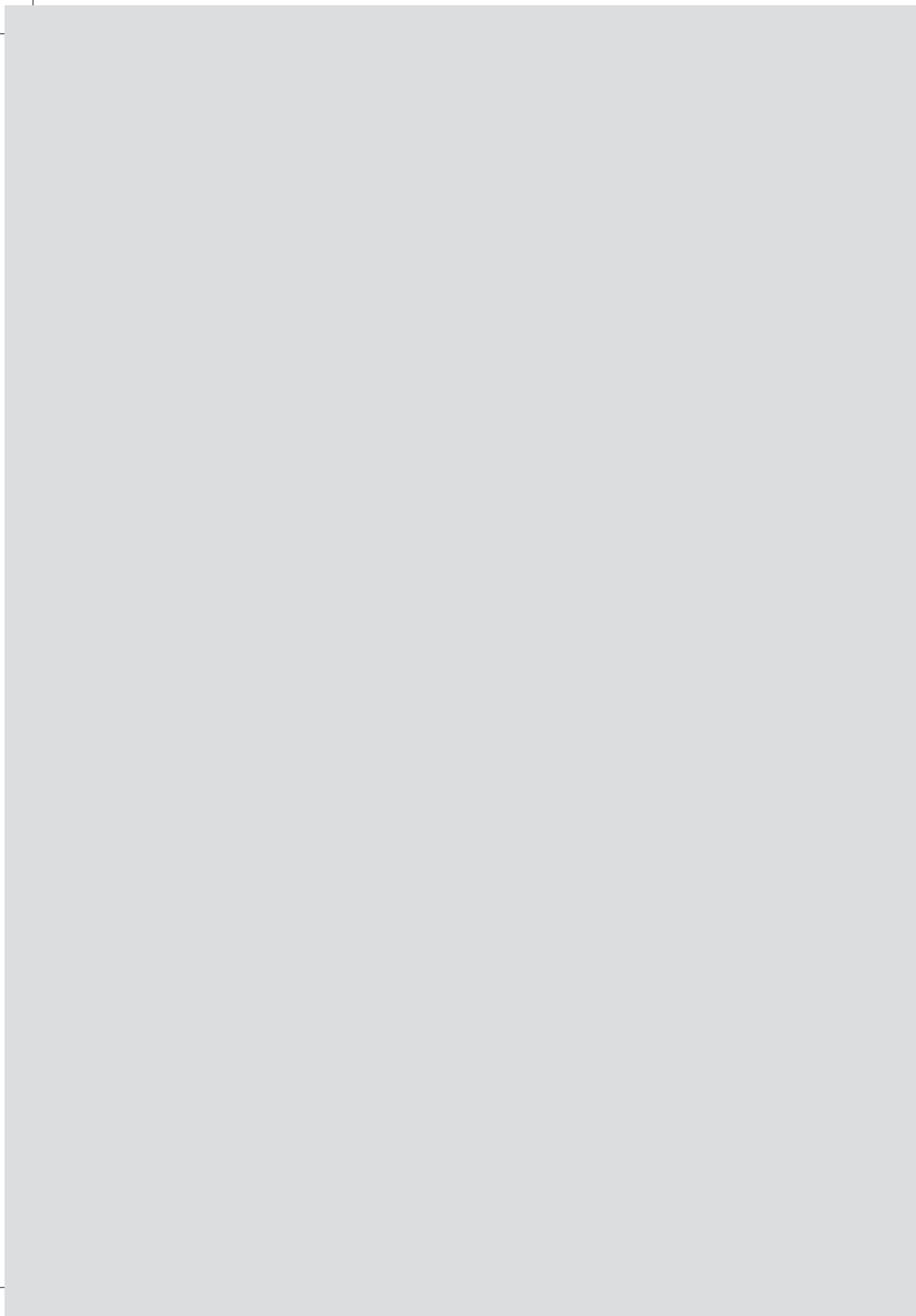
Se eu soubesse do teu nome, passarinho;
verdes prados nos meus dedos pra tua dança.
Tuas asas, meu refúgio insondável;
nos teus olhos, para sempre
minha lembrança.

Se eu soubesse dos teus sonhos, passarinho;
belas paisagens no meu rosto e no caminho.
Longos versos, ternos gestos,
pés descalços, cuidadosos,
no teu ninho.

Se eu soubesse de tua casa, passarinho;
pimenta doce na minha boca, tua morada.
Gosto nosso no teu jeito assim tão doce
pra ser sempre por teu bico
acarinhada.

Se eu soubesse do teu canto, passarinho;
minha porta novamente se abriria,
mão aberta, suavemente, te acolheria
e novamente iríamos voar,
voar.

FICÇÃO



Telefone de Dar Corda

Hélio Pólvora

É, o mundo mudou mesmo. E muito. Para melhor e para pior, já que toda mudança traz vantagens e desvantagens, como diria qualquer pessoa com ares conselheriais. No setor dos telefones, a tecnologia avança em velocidade de luz. Hoje, todo mundo anda de celular colado no ouvido e se exhibe em público enquanto dirige com uma mão só, esbarra em postes, cai em buracos negros ou é sequestrado antes de dizer “tudo bem”.

Celulares de última geração zombam de bloqueadores, de forma que os criminosos comandam das enxovias seus negócios no mundo exterior. Mandam matar, roubar, traficar, sequestrar. E pensar que este escriba dependia, alguns decênios atrás, de um telefone de dar corda... É para meter raiva.

O tal telefone consistia de uma grande caixa metálica, às vezes de madeira, reservada às empresas comerciais de maior prestígio. Para despertá-lo do seu sono, tinha-se de girar a manivela, nisso pondo força. O mesmo fazia-se com o gramofone, e quando a corda acabava, o disco de 78 rotações por minuto arrastava-se em 15 rotações; frenéticos fox-trots se transformavam em fúnebres valsas de dois tempos.

Dá-se que eu não tinha complicados assuntos financeiros a encaminhar. Queria apenas saber da companhia marítima em Ilhéus quando ia zarpar o Itabuna, o Aragipe ou outro vapor da Companhia de Navegação Bahiana ou de Corrêa Ribeiro. Precisava voltar com urgência a Salvador, as férias escolares tinham vencido. Uma vez, por terra, a viagem durou três dias, incluindo trem noturno em Jequié ou Poções, mais um pernoite em Cachoeira e a chegada triunfal a

Salvador, de iate pelo rio Paraguaçu e mares do Recôncavo. Pois houve tempo em que o Paraguaçu era navegável.

Época da Segunda Guerra Mundial. Os paquetes navegavam no escuro, bordejando a costa, com medo dos submarinos inimigos, e jogavam mais que o navio do imigrante Carlitos chegando a Nova York. A terrina de sopa que Carlitos dividia com um passageiro barbudo corria de uma a outra borda da mesa, de um para o outro, e demorava-se o tempo exato para uma colherada dos dois convivas. Eu não me arriscava a comer nas minhas odisseias marítimas porque, no camarote quente, fedendo a óleo queimado, ou em cima de rolos de cordas, no convés, respirando o óleo dos maquinismos, havia o risco de vomitar refeições presentes e futuras.

Fui a um armazém de cacau, creio que o Wildberger, em Itabuna, e obtive atestado liberatório do telefone na parede. Marchei impávido para o bruto, que me encarava mudo e frio. Pus mão à manivela e botei força. Dei corda durante uns cinco minutos, afinal a chamada seria a longa distância. O braço doeu-me, eu parecia girar aquela roda de ferro das casas-de-farinha que acionava o rolo denteado na faina de esfarinhar raízes de mandioca.

Dentre os chiados, tosses e pigarros do aparelho, julguei distinguir a remota voz que se identificava como Almeida Barros.

— É de Corrêa Ribeiro & Companhia? — bradei.

— Almeida Barros falando.

— Que Almeida Barros?

— Todo mundo me conhece em Ilhéus. O cavalheiro deseja...?

— Quero falar com Corrêa Ribeiro.

— O Itacaré naufragou em 1939 — informou Almeida Barros.

Houve uma sucessão de trovões no aparelho. Afastei temporariamente o bocal para não furar o tímpano. Voltando à linha indireta à distância, ouvi um riso feminino, de escárnio. O Sr. Almeida Barros divertia-se, namorador e atrevido.

— Escute aqui, Almeida Barros de uma figa podre...

Parti para o impropério, com espanto de gordos e pacatos coronéis que negociavam parte de suas safras futuras no escritório do exportador. Eu só queria saber se tinha pacote para Salvador e quando. Não queria arriscar a viagem, de marinete, só para ver o mar

e, junto ao morro de Pernambuco, na entrada da barra, o local onde o Itacaré embarcou cheio de passageiros. Eu sempre navegava por ali com um arrepio na espinha, mas precisava voltar logo a Salvador, as aulas do semestre já tinham começado.

Mas ao telefone, no meio de tosses asfisiadoras, Almeida Barros passava o grande trote de sua vida, certamente exibindo-se para uma beldade qualquer.

Pedras Redondas

Aramis Ribeiro Costa

Diante da mesa alta de trabalho, quase toda coberta por cortes de um mesmo tecido escuro, Radamés depositou com cuidado a grande tesoura que segurava firme na mão direita, colocou ao lado dela a fita métrica que trazia pendurada em volta do pescoço, e disse em voz alta, porém falando consigo mesmo:

— É uma encruzilhada. Tenho de decidir: ou uma coisa ou outra. Como está, não é mais possível continuar.

Em seguida, como se continuasse o pensamento, afirmou:

— Preciso discutir este assunto com Edelzuíta.

Era um dia quente de verão, um desses em que o velho alfaiate Radamés não costumava sair de casa, daquela casa pequena e antiga no bairro da Federação, e que era também a sua oficina de trabalho. Além disso, como bem se via, olhando aquela mesa alta de madeira coberta de panos, havia muito trabalho para fazer, muita encomenda urgente, muito cliente apressado e impaciente reclamando dos atrasos das datas combinadas para as entregas das encomendas. Mas isso também motivava o assunto que ele precisava discutir com Edelzuíta. Então, mesmo com todas aquelas obrigações, mesmo com o sol escaldante de verão que desestimulava sair de casa, Radamés largou a mesa de trabalho e foi para o banheiro barbear-se. Depois tomou um banho caprichado e, como sempre fazia, quando ia conversar com Edelzuíta, vestiu a sua melhor roupa, uma calça e um paletó de tropical cinza escuro, cuidadosamente confeccionados por ele próprio, o que era uma garantia de qualidade. Aliás, fizera aquela roupa sóbria e elegante exatamente para essas ocasiões. Colocou também a sua gravata preta, comprada para usar com a roupa, esmerando-se no laço.

Todo vestido, os sapatos pretos lustrando, saiu de casa trancando com duas voltas de chave a porta da frente, e caminhou, com seus passos ainda lépidos, para o ponto de ônibus que ficava a três ou quatro dezenas de metros da sua casa. Pelo seu gosto, ainda usaria o seu antigo chapéu de feltro, mesmo por que ficara careca, e o incomodava demasiadamente o sol batendo forte na cabeça nua de cabelos. Usara chapéu no tempo em que namorava Edelzuíta e também nos primeiros anos de casados, apenas nos primeiros anos, abandonando o hábito logo a seguir. Ficava, aliás, muito bem de chapéu. Infelizmente a moda se fora há muito, e ele não queria parecer um velho antiquado. Já bastava a roupa inteira em pleno sol de verão, que parecia a alguns vizinhos uma esquisitice de velho.

Por sorte não teve de esperar muito no ponto de ônibus, sob o sol escaldante. Ao tomar o coletivo, acomodou-se num dos primeiros bancos, ao lado da janela, e pôs-se a refletir sobre a conversa que estava prestes a ter com Edelzuíta. Era uma troca de ideias deveras importante, porque ia mudar a sua vida. Radamés sempre tinha medo de mudar de vida, toda mudança significava, para ele, uma temeridade e um sacrifício. Entretanto, como ele concluía diante da sua mesa de trabalho, como estava não era possível continuar. Passou o dedo entre o colarinho e o pescoço, abafado de tanto calor, tentando aliviar um pouco a pressão do nó da gravata, ao tempo em que enxugava o suor. Sentia que a camisa começava a empapar nas costas, a testa porejava, as mãos tornavam-se pegajosas. E ele era magro, esbelto como um coqueiro alto, sempre fora assim, mesmo sem nunca ter feito dieta. Imagine se fosse gordo, pensou ele. Mas felizmente o percurso não era longo, após a extensa avenida e a congestionada rua comprida depois do viaduto, ali estava o largo que era o fim da viagem. Saltou do ônibus e, como sempre fazia nessas ocasiões, dirigiu-se à floricultura. Ali já o conheciam. A mocinha vendedora recebeu-o com um sorriso:

— O de sempre?

— Sim — ele concordou, muito sério.

Nada de flores fúnebres. Edelzuíta gostava de rosas vermelhas, e ele comprou uma dúzia de rosas vermelhas que, devidamente embrulhadas pela florista, ficaram lindíssimas. Como sempre. Então,

com seus passos ainda fáceis e leves, segurando satisfeito a dúzia de rosas vermelhas, atravessou a praça e transpôs o grande portão de ferro do cemitério. Pisava aquelas pedras redondas com a segurança de um veterano. Sabia-as de cor, como sabia cada alameda, cada curva, cada escada, cada sepultura. Ia com passos ligeiros, quase correndo, como um adolescente que seguisse ansioso para encontrar-se com a primeira namorada. Finalmente, chegou ao local que procurava. Era um túmulo simples, de cimento, apenas com um tampo de mármore, sem esculturas ou enfeites, apenas um pequeno vaso de flores ao lado, mas bem cuidado, muito bem cuidado. Ali estava escrito o nome completo de Edelzuíta, nome que era também o seu, pois Edelzuíta acrescentara seu sobrenome ao dela, ao se casarem; também a data do nascimento e da morte. Bem que ele pensara escrever um epitáfio, algo simples e bonito que homenageasse Edelzuíta, mas nada lhe ocorrera. Afinal, ali também seria o seu próprio túmulo, quando chegasse a sua hora; então, o que fosse escrito, devia valer para os dois. E ele não tinha a menor ideia do que escrever. Sua arte era outra, da tesoura e da agulha, não das palavras. Tirou as flores murchas do vaso, colocou as novas, pôs as flores murchas no chão, ali ao lado, para que pudessem ser levadas pelos funcionários, e começou a falar:

— Então, Edelzuíta, como vai? Sim, eu sei. Você tem razão de reclamar. Mas é falta de tempo mesmo, não dá pra vir aqui todo dia. Aliás, é sobre isso que eu quero conversar com você.

Falava de forma pausada, gesticulando, como se estivesse conversando com Edelzuíta. Naquele momento tinha o semblante preocupado, e foi como se revelasse um grande problema que falou:

— Estou ficando velho, sabe? Felizmente não sinto nada, não tomo remédio nenhum, não preciso ir a médico. Você vai dizer que eu preciso ir assim mesmo. Paciência. Eu não gosto de médico, você sabe disso. Se não estou sentindo nada, não vou. Pronto. Mas estou ficando velho, sem forças e sem ânimo para certas coisas.

Sorriu.

— Não, nem pense nisto. Não precisa ficar com ciúmes. Desde que você se foi, não tive mais ninguém, nem quero ter. Acabou. Acabou com a sua partida. A questão é de outra ordem. Profissional, entende?

Voltou a contrair o semblante, deveras preocupado.

— Como eu ia dizendo, estou ficando velho. Já não aguento mais tanto trabalho. Você sabe que eu sou bom no que faço. Sempre fui. Quando eu estava aprendendo o ofício com meu pai, que foi meu mestre, ele me disse que eu ia ser melhor do que ele, que eu ia ser o melhor alfaiate da cidade. Não sei se sou melhor do que meu pai foi. Acho que não. Ele era bom, bom mesmo. Mas, seguramente, depois que ele morreu, eu me tornei o melhor alfaiate da cidade. Mesmo quando começou a facilidade da roupa pronta, comprada nas lojas, nunca deixei de ter a minha clientela elegante, e você sabe muito bem disso, pois acompanhou a minha vida. Clientes endinheirados sempre vieram e continuam chegando à minha alfaiataria, com suas encomendas, você sabe disso. Naturalmente isso tinha um preço, e o preço era e ainda é o meu trabalho contínuo, interminável, ininterrupto, sem férias, sem feriados, sem finais de semana, como uma máquina que não quebra nem se cansa de fazer trajes masculinos. Radamés, preciso deste terno para a próxima semana. Radamés, quando você pode me entregar essa roupa? Tenho pressa. Radamés, vou viajar na próxima terça-feira, preciso ir com esse paletó e essa calça na mala. Que é que eu posso fazer? Negar, ou não dar conta do recado no tempo certo, é decepcionar a clientela, é mandar a clientela embora. Não há nada mais exigente nem mais ingrato do que cliente. O cliente exige sempre cem por cento. Se você faz noventa e nove vírgula nove, ele fica insatisfeito e vai embora. E quando um cliente vai embora, ou vai levando outros tantos, ou impede que outros tantos se tornem clientes. É a lei da bola de neve que, no caso de quem presta o serviço, tanto pode aumentar como diminuir, até desaparecer. Para agravar, como você sabe, nunca confiei em ajudantes, sempre fiz questão de fazer, eu mesmo, todo o trabalho, como uma garantia de qualidade. Então, aí é que está o problema...

Fez uma pausa, franziu ainda mais o cenho, e anunciou:

— Estou numa encruzilhada. Sozinho, não dou mais conta do recado. Ou paro de uma vez, me aposento e vou viver do dinheirinho que guardei todos esses anos, ou contrato um ajudante e amplio a alfaiataria, recomeçando tudo na minha idade. Então, estou sem saber o que faço. Mais trabalho, mais responsabilidade, mais preocupação, mais cansaço. Também mais dinheiro, é verdade. Mas para quê? Um

dia eu morro e o dinheiro vai ficar para quem? Se eu tivesse um filho...

Radamés silenciou, embaraçado. De repente seus olhos ficaram molhados, mas ele procurou dominar-se.

— Desculpe, eu não devia ter falado, eu sei que você não gosta de lembrar que um dia tivemos um filho e deixamos de ter. Eu também não esqueço, Edelzuíta, também não esqueço, aquele menino tão bonitinho, tão inteligente morrendo daquela forma tão rápida, por causa do acidente.

Fez outra pausa, como se estivesse ouvindo Edelzuíta.

— Não, não foi culpa sua, eu já lhe disse isso uma porção de vezes, não foi culpa de ninguém, ele era muito inquieto, muito buliçoso, correu até a cozinha e virou a panela com água fervente por cima dele. Quem pode vigiar uma criança daquela idade vinte e quatro horas por dia? Mas não vamos falar nisso outra vez. Não foi para isso que eu vim hoje aqui.

Pôs as mãos nas costas, aprumou-se, mudou o tom da fala.

— Vim para decidirmos o que fazer da minha vida. Como eu ia dizendo, não dou mais conta do recado e preciso de um ou mais ajudantes. Isso significa ampliar a alfaiataria, aceitar um número maior de encomendas. E eu já estava pensando em descansar. Por outro lado, não me vejo sem fazer nada, sozinho naquela casa, sem ter com quem conversar, sem ter com quem sair, cochilando e vendo televisão o dia inteiro. Você sabe que eu detesto televisão. Então a vida vai ficar insuportável, você não acha?

Parou um pouco, como se estivesse ouvindo, e refletiu:

— Ainda bem que você concorda comigo. Bem se vê que você me conhece. Eu não posso ficar parado. Parar significa morrer. E eu não quero morrer vivo. Sabe como é morrer vivo, não sabe? É ficar vivo e morto ao mesmo tempo, vivo, mas como se estivesse morto, porque não tem mais nenhuma serventia. Isso eu não quero. Então, não tenho jeito, senão arranjar um ajudante, aceitar todas as encomendas, ampliar a alfaiataria. É o que você também acha, não é? Ainda bem. Sabe o filho de Zé Totonho, o da banca de revistas da esquina? Ele era bem pequeno quando você o conheceu, mas agora está um rapaz. No outro dia o Zé Totonho me disse que o rapaz estava querendo trabalhar e tinha muita simpatia pelo ofício de alfaiate.

Quem sabe se o filho de Zé Totonho não será um bom aprendiz e um bom ajudante? Não é uma boa ideia?

Ficou um tempo em silêncio, com um vinco na testa, depois concluiu:

— Então está decidido. Vou tomar as providências. Não se aborreça se eu demorar uns dias de vir aqui. Você sabe, é o trabalho.

Ajeitou as flores no vaso, baixou o olhar e disse:

— Vou indo. Até outro dia.

Levou os dedos aos lábios, soltou um beijo para a sepultura. Depois se virou e retornou lépido por entre as alamedas e os túmulos, pisando de volta aquelas pedras redondas que ele tão bem conhecia.

O filho de Zé Totonho era simpático, educado e parecia esperto. Se era verdade que ele queria ser alfaiate, podia dar um bom ajudante. Agora que tinha a aprovação de Edelzuíta, falaria com Zé Totonho para mandar o rapaz. O sol começava a esfriar, ainda bem. Resolveu tomar um refrigerante na praça em frente ao cemitério, antes de voltar para casa. Sentia-se ainda forte, muito cheio de energia, disposto a recomeçar a vida.

O Caso Maria Cearense

Cyro de Mattos

A pele murcha do rosto mostrava que tinha pra lá de setenta e cinco anos de idade. Morava numa casa velha de madeira, lá dentro a sala pequena, o quarto e a cozinha onde estavam duas panelas de barro em cima do fogão a lenha. O piso de terra batida, cheiro de madeira podre por todos os cômodos. Lá fora o pequeno quintal, onde mantinha um pequeno criatório de galinhas poedeiras. O galo pedrês funcionava como um relógio que acordava a velha na madrugada escura. Na sala, um Santo Antônio, pendurado na parede suja, tinha a moldura carcomida por cupim.

Fazia a oração, um pai-nosso, três ave-marias e uma salve-rainha. Pedia sempre a proteção de Nossa Senhora Perpétua do Socorro. Se tivesse em seu caminho alguma cilada, fosse desmanchada pela mão dos desprotegidos, porque a ti, Virgem Mãe Santíssima, chamarei para me desviar dos espíritos malignos, visíveis e invisíveis. Valei-me, minha zelosa protetora, nas horas de maior precisão! A boca murcha dizia isso várias vezes, a voz saindo baixinha.

Fazia o café, bebendo-o ainda quente, era adoçado com açúcar que tinha gosto de barata. Mastigava o pão dormido com os cacos de dente. Era esse o café pela manhã que a velha tomava todos os dias e repetia à noite. Almoçava em qualquer lugar da cidade onde tivesse uma sombra.

Sempre recebia de alguém com o coração bondoso resto de comida, de algum morador no bairro rico da cidade ou que fosse dono de pensão. Morava sozinha desde que a negrinha Zurita muito nova, ainda sem peito, resolveu abandoná-la para ir morar na roça com o negro Resendo, um homem corpulento, que era o capataz do

fazendeiro mais rico da cidade. Encontrara Zurita sem pai e mãe, andando sem rumo, pedindo esmola na rua.

A cabeça branca, a voz trêmula, os passos apoiados no cajado. Percorria a rua do comércio, passava na estação do trem, ia de casa em casa pedir a esmola. Só voltava à tardinha com a capanga cheia de dinheiro, a sacola com farinha, pão dormido, pedaço de carne cozida, feijão, arroz, alguma fruta. Às vezes recebia vestido usado, toalha e lençóis velhos. De uns anos para cá, mal percorria a rua do comércio, ficava embaixo de alguma marquise, esperando a esmola cair na cuia ao lado.

Eram vizinhos da velha Maria Cearense o sapateiro Jaó, pelo lado esquerdo, o barbeiro Isaías, pelo direito, depois de um terreno baldio, e na casa em frente o vendedor de peixe Agripino. Ela não sabia ler nem escrever, mas ainda enfiava uma linha na agulha sob a luz do candeeiro. Gostava de pedir a um dos vizinhos que contasse o seu dinheiro. Costumava esconder as cédulas debaixo do colchão de capim. Colocava as moedas no pequeno baú de couro.

No primeiro mês foi o barbeiro Isaías quem contou o dinheiro, no segundo o sapateiro Jaó e no terceiro o vendedor de peixe Agripino. Várias vezes no ano, ela pedia a cada um dos vizinhos que contasse o seu dinheiro ganho com as esmolas, já pensando em comprar uma casa atijolada, avarandada, piso de cerâmica, janelas e portas decentes, com iluminação e ventilação em todos os cômodos, dando para o nascente. Uma casa nem tão grande, pequena que fosse, mas as paredes com reboco, pintura toda nova.

De repente deu para falar sozinha coisas que ninguém entendia. Dizia gente do povo que já estava demorando para a caduquice chegar à sua porta, entrar e se alojar em definitivo na sua mente. À noite, às vezes gritava: “Querem roubar meu dinheiro! Acudam! Acudam!” Os três vizinhos apareciam rapidamente na casa da velha, armados de revólver e faca, para matar ou morrer, mas principalmente para salvá-la das garras do ladrão. Até que se acostumaram com os gritos dela e não lhe deram mais atenção.

Numa noite de poucas estrelas, uma pessoa entrou na casa da velha. Tentou roubar-lhe o dinheiro que estava debaixo do colchão de palha com cheiro ardido de urina, coberto com um lençol velho e

sujo. O ladrão pretendia também roubar o punhado de moedas que ela guardava no baú de couro. “Acudam! Acudam! Estão roubando meu dinheiro!” Várias vezes ela gritou. De uma só vez o ladrão vibrou-lhe o golpe com a navalha. Tanta foi a força que fez com o golpe desferido que a lâmina da navalha partiu-se e ficou encravada em uma parte do pescoço pelancudo da velha. Os vizinhos não foram socorrê-la porque ninguém neste mundo gosta de acreditar na pessoa mentirosa mesmo quando diz a verdade.

O sapateiro Jaó disse ao delegado que viu naquela noite um vulto saindo apressado da casa de Maria Cearense, parecia com o barbeiro Isaías, que disse que viu naquela noite um vulto saindo apressado da casa de Maria Cearense, parecia com o vendedor de peixe Agripino, que disse que viu naquela noite um vulto saindo apressado da casa de Maria Cearense, parecia o barbeiro Isaías ou o sapateiro Jaó, só não sabendo precisar se era um ou o outro.

Os autos do inquérito policial foram remetidos ao juiz, que interrogou os três vizinhos. Eles confirmaram em seus depoimentos o que haviam dito ao delegado. Sem prova testemunhal, documental, nem sequer indícios, dando um dos vizinhos como o autor do homicídio que vitimou a velha Maria Cearense, não houve julgamento do caso pelo tribunal do júri. Por mais que fosse investigado, não se encontrou uma pessoa na cidade que soubesse quem era aquele vulto saindo apressado da casa onde a velha morava, depois de matá-la com um golpe de navalha numa noite quente de verão..

Tempo depois, o sapateiro Jaó morria num desastre de carro. Um pedaço de ferro do carro que dirigia ficou encravado no pescoço dele. O carro em que ele viajava teve grande impacto quando entrou no fundo do caminho.

Como era uma pessoa bastante conhecida, muita gente lamentou a maneira como o sapateiro Jaó morreu. Durante a semana, o povo comentou aquela morte feia. Acontecera sem que alguém achasse uma explicação razoável para o fato. O carro que ele dirigia era novo, estava em perfeitas condições para fazer qualquer tipo de viagem. O motorista dirigia com atenção, costumava guiar o carro numa velocidade normal, a estrada dava boa visibilidade na manhã ensolarada. Aquela era a primeira vez que ele ia de carro para a cidade

vizinha onde aguardaria no porto a chegada de um irmão, que vinha do Rio no navio Capela.

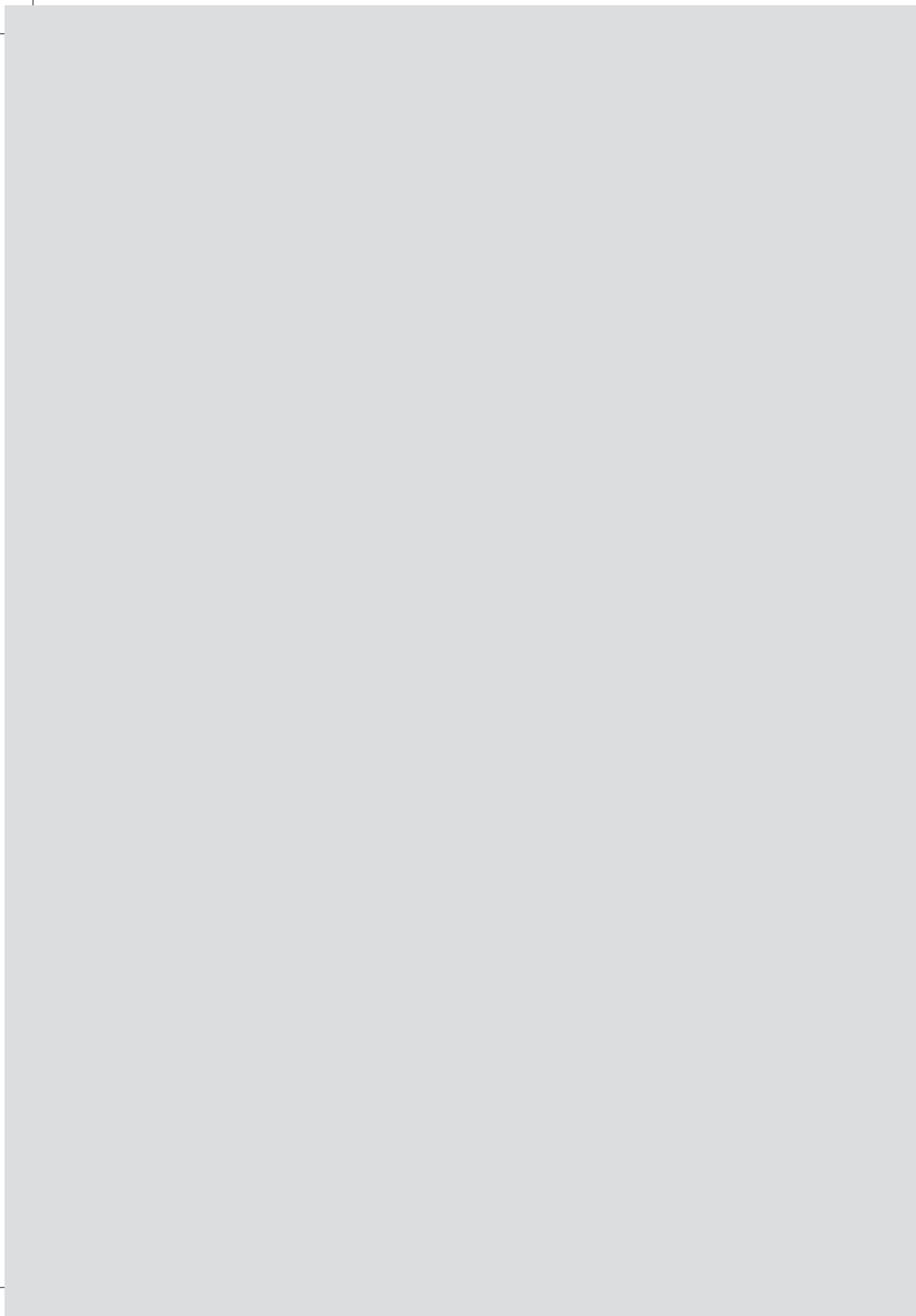
Alguns chegaram a observar que a morte chega em muitos casos sem avisar. Quando menos se espera, a indesejada dá o bote fatal e já levou o escolhido. Assim havia sido com o sapateiro Jaó. Quem poderia imaginar que ele estava marcado para morrer em desastre de carro, com um pedaço de ferro encravado no pescoço dele?

Só o cego Aparecido sabia como ele iria morrer naquele domingo de céu azul com poucas nuvens e sol quente. O cego vendia jornal nos principais pontos da rua do comércio. Tinha como guia um menino de cabeça pelada e olho azul. Era tido como alguém dotado de poderes sobrenaturais. Comunicava-se com as almas do outro mundo. Recebia notícias de lá avisando o que ia acontecer de ruim com alguém do lado de cá.

Naquela noite abafada de verão, ele sonhou com a velha Maria Cearense, que lhe disse estava na hora de acertar contas com o sapateiro Jaó. Alguns acreditaram, outros não deram importância quando ouviram no outro dia o cego Aparecido contar o sonho que teve com a velha Maria Cearense.

E tudo aconteceu exatamente como o cego Aparecido havia contado na plataforma da estação ferroviária. O desastre de automóvel em que morreu o sapateiro Jaó tinha ocorrido perto de Ilhéus. Com os três passageiros que estavam no automóvel dirigido pelo sapateiro Jaó não aconteceu nada. Nem ferimentos leves.

OUTROS TEXTOS



Adonias Filho, O Patrono da ALITA: Um Mestre nas Letras da Região do Cacau

Silmara Santos Oliveira

Quando surge uma era, valores de diversas ordens fundam-se submersos em diferentes planos da existência. Quando uma terra ainda é intocada, joias incontáveis fixam-se incrustadas nas suas intimidades de mato, água, ar, de natureza, enfim, é como olhar a mata virgem por cima, entregue à névoa da pureza e do frescor, um mundo por baixo.

A Mata Atlântica, paisagem onde se estabeleceu uma imponente beleza nos reinos mineral, vegetal e animal – em essência e concretude – guardou, no Sul da Bahia, todos esses bens, desde sempre, na composição desse painel de bucólica grandiosidade.

Mas eis que, dentre tantas idealizações e divagações possíveis, podemos refletir sobre uma beleza com intensa humanidade que também se concentra e desenvolve: o próprio lugar. E assim, como a semente que cai na terra e se abre, segundo a segundo, diante do sol e da chuva, também as rocinhas, enormes fazendas, vilarejos, ruas, cidades, homens e mulheres se transformaram na região do cacau.

Entre todas essas joias, nesse lugar, nasceu uma, que em meio ao verde, aos pássaros, e em breves mergulhos no rio Almada se firmou como um dos seus maiores ícones: Adonias Aguiar Filho. Apressado de sete meses – parto feito tendo como berço a floresta do cacau, pelo médico Dr. Soares Lopes – nasceu na noite de 27 de novembro de 1915. Apelidado por Niá, foi o terceiro dos sete filhos do casal. Amadureceu em suas prováveis confabulações infantis na zona rural para tornar-se universal com a arte da palavra.

Sim, Adonias Filho nasceu na fazenda São João, permanecendo aí, até os sete anos quando a família foi morar em Ilhéus para educar

os filhos. Daí foi para Salvador e, finalmente, Rio de Janeiro, onde passou a maior parte da vida. Captou dos tempos iniciais as outras tantas peças raras da vida vivida. Conheceu a natureza humana e a dissecou em seu mais amargo e doce fio de conduta. Sob o amparo da Mata Atlântica, soube bem como o sol foi testemunha do arrastar dos homens.

Dono de um apurado senso de observação, de justiça e de tensão criadora esse autor se fez com base em muita disciplina e organização interna. Adonias Filho utilizou seu *locus* como fonte primeira do que chamaria de *Civilização Grapiúna*. Tratou de um tempo que antecede à formação das cidades, sentiu a pulsação dos destemidos, sobre a gente toda que perambulava pelas estradas por meio da voz de arrieiros e homens do entorno na lida com o cacau.

A sua diversificada e notável cultura o engrandeceu de tal forma que foi o acadêmico indicado a acompanhar o Papa João Paulo II quando o pontífice visitou o Brasil, causando-lhe grande admiração pela cultura demonstrada, inclusive conversando em latim. A essa altura se faz necessário interrogar sobre o que divisa a grandiosidade num homem. A capacidade intelectual ou a simplicidade expressa; a coragem, o reconhecimento da sabedoria alheia, o não desviar de si mesmo?

O autor sobre quem discorro reúne raros valores e teve a coragem necessária para reconhecer a sabedoria dos homens e mulheres que desbravaram essa terra; afirmou que nada vale tanto quanto seu pedaço de chão, que não existe um rio mais bonito que o seu – o Almada; que a relação com o índio é de aprendizagem e não de ensinamento. Um homem que guardou, para nunca esquecer, Itajuípe, berço de adoção e amor. Isso de fato, é o que mede a estatura do homem.

Sua obra salta para o mundo com a visão crescente sobre estas paisagens e impressiona o seu estilo contundente, áspero, direto e absoluto. Engana-se, porém, quem imagina que seu leitor tenha como resultado o mesmo sentimento ao final de uma novela ou romance. Adonias o coloca diante da catarse, quem o lê não sai incólume, cresce, aumenta, expande pelo assombroso e universal contato com a natureza humana. Mais que isso, enxerga um pouco a si mesmo,

porque a sensação é de que se faz parte desse indissolúvel conjunto do destino.

Em cada personagem o traço psicológico, o indomável e incontido ser, mas não apenas ficcional. Nas análises que compõem *Jornal de um escritor*, o mestre Adonias, ao mesmo tempo em que se ocupa do aspecto formal constitutivo de obras de grandes autores estrangeiros, se lhes observa a vida e vaticina sobre a condição interior de cada ficcionista, em geral, características similares às de suas criaturas.

Assim, sobre Cervantes ele diz, "...convenço-me da observação de Menendez y Pelayo: *"Cervantes fué hombre de mucha lcturas"* - vejo-o sobretudo inspirando-se em si mesmo, em sua vida agitada, transfigurando o próprio destino. Guerreiro, escravo, poeta, Cervantes não deixa dúvida quanto a Don Quixote"⁷.

Ele também, homem de muitas, inumeráveis leituras; jornalista de profissão, estudioso incansável, produziu romances, ensaios, crítica literária, novelas; um avô de estrema dedicação escreveu livros infanto-juvenis, obras que perpetuam a intensidade do interior humano, sob o rigor da técnica ficcional buscada a cada passo é, finalmente, a quem podemos dizer um literato e acadêmico empossado com justeza, na Academia Brasileira de Letras, em abril de 1965.

Homenageado com o honroso título de Patrono da Academia de Letras de Itabuna -, Adonias será agraciado pela sua existência e trabalho, em 2015, ano do seu centenário, quando também serão comemorados os cinquenta anos de posse na Academia Brasileira de Letras.

Falar de Adonias Filho sem colocar a seu lado a carioca Rosa Galeano - Rosita como a chamava -, seria faltar-lhe a paixão e o amor da vida inteira. Um almoço que durou quatro horas, o noivado da moça que se desfez em quatro dias, um casamento quatro meses depois e como fruto da união dois filhos: Raquel Aguiar e Adonias Neto. E, ao fim de quarenta dias viúvo, emoldurado pela Mata Atlântica, na floresta do cacau, num dia chuvoso, faleceu Adonias Aguiar Filho - um mestre nas letras da região do cacau - na fazenda Aliança, no dia 02 de agosto de 1990.

7 ADONIAS FILHO. **Jornal de um escritor**. 3. Ministério da Educação e Cultura - Os Cadernos de Cultura, 1954. p. 3.

Os Códigos da Pele

Ruy Póvoas

Sejamos todos bem vindos com a graça de Deus. O Ilê Axé Ijexá Orixá Olufon, terreiro de candomblé de origem nagô, de nação ijexá, recebe a todas as pessoas aqui presentes ou representadas, de peito aberto e coração fluindo vida, saúde, paz e sossego.

Aqui, estamos realizando, pela primeira vez, em solo brasileiro um evento de tal natureza: uma parceria entre uma Academia de Letras e um Terreiro de Candomblé. O nosso objetivo é erguer pontes para que universos antes separados e considerados antagônicos possam, enfim, estreitar o aperto de mão tão necessário às criaturas humanas, para que o reino do céu se estabeleça na terra. Por cima do preconceito, a compreensão; acima do que nos separa, tudo aquilo que nos une.

Eis que celebramos os Códigos da Pele. A pele, esse tecido mágico que delimita a fronteira entre mim e o outro. Que permite a troca de líquidos com o exterior, sem deixar embebedar o corpo. Que não se encontra igual em loja alguma. Ela, a pele, dotada de consciência específica, sabe das sensações que o mundo externo pode lhe provocar. Entende o frio, lê o calor, percebe o pavoroso e rejeita o desagradável. Ah, os arrepios da pele pelo contato com a pele do ser amado. Ah, a ojeriza causada à pele se houver contato com a pele de quem rejeitamos.

A pele sabe ler e interpretar o mundo exterior, porque a Criação nela imprimiu códigos que lhe permitem isso. Se na pele das dobras dos braços e das pernas estão portas de saída para as toxinas, na pele do baixo ventre estão gravadas as entradas para o arrebatamento do sexo e seus prazeres. Ah, as vibrações da pele, quando mergulhamos na pele que reveste o corpo de quem desejamos. Bênção das bênçãos, felizes os que podem desfrutá-las.

Para além da consciência, a pele também se faz resistência. O outro não pode entrar em mim sem que minha pele permita, a não ser nos atos selvagens de desrespeito e de violência. Ela resiste ao sol e à chuva sem se derreter. Estica e encolhe com facilidade, principalmente na melhor idade, isto é, na juventude. E depois, com a morte, se desfaz e se desmancha sem deixar vestígios.

Neste nosso evento, Códigos da Pele, entre outras abordagens, falemos de consciência e resistência. Para o povo de religião de matriz africana, a pele lê o mundo antes dos olhos e dos ouvidos. Muita coisa bate nela e simplesmente não a impressiona. Outras tantas, mesmo de longe são percebidas e gravadas na memória global da pessoa. E faz parte dessa memória um acervo que já se faz milenar, atravessou o Atlântico no bojo do navio negreiro e aqui fez finca pé em consciência e resistência. Consciência porque nos sabemos diferentes e diversos: nem melhores, nem piores, mas outros, apesar de toda perseguição, difamação, rejeição e preconceitos de que temos sido alvos nesses mais de 500 anos. Resistência, porque sabemos qual é o nosso lugar no mundo, mesmo que nos rejeitem. E não aceitamos a ideia de ocuparmos o lugar que a opressão nos destinou. Traçamos até nosso próprio destino, porque aprendemos o valor do que seja a Liberdade.

E, dentre os valores cultuados no terreiro que forjam e estruturam esta consciência e esta resistência, avulta-se a nossa Literatura. Porque o nosso código de comunicação básico é a língua oral, também é oral a Literatura que preservamos e transmitimos. E o corpo dessa Literatura expressa sempre consciência e resistência, invariavelmente. Essa é a marca que a distingue e sua expressividade se compõe de casos, dizeres e itans.

Os casos são narrados a qualquer instante, em qualquer canto do terreiro e são motivados por conversa puxa conversa. A sua contação não é planejada e ela acontece, quando se faz necessária. Os casos falam dos feitos dos antepassados, dos ancestrais, das conquistas, da nossa relação de parentesco de axé desde os tempos imemoriais da África. Assim, posso contar:

No início da segunda metade do século XIX, chegou ao Engenho de Santana em Ilhéus uma negra reduzida à condição de escrava, de nome tribal Mejigã. Ela foi trazida à força da cidade de Ilhéus, onde era sacerdotisa de Oxum. No engenho, ela recebeu o nome cristão de Inês. E com um negro de origem angolana, ela teve uma única filha, de nome Maria Figueiredo. Maria casou-se com Antônio do Carmo, que veio de Nazaré das Farinhas para Ilhéus, nos tempos em que se juntava dinheiro a rodo na Região do Cacau. De tal união nasceu Ulisses do Carmo que se casou com Hermosa e tiveram 23 filhos. Entre eles, Maria do Carmo, que foi minha mãe. Este terreiro, fundado pelos descendentes de Mejigã, é herdeiro da tradição ijexá, implantada no Sul de Ilhéus, conforme se dizia antigamente.

E os dizeres? Ah, eles expressam sabedoria popular de origem africana, mas o terreiro também preserva dizeres de outras origens, de outras tradições religiosas, pois entendemos que o saber e o conhecimento não têm pátria, não têm dono. Os dizeres são expressos como lições e ensinamentos resultantes de situações de vida em que o mais velho enfatiza para o mais novo um conhecimento que ele precisa aprender. O objetivo visa à conscientização, a fim de que aquele que ouve aprenda a ser melhor consigo mesmo e com os outros. Alguns exemplos:

- *Enfrentar os monstros é para quem aprendeu a ouvir.*
- *A feiura e a boniteza estão nos olhos de quem vê.*
- *Os grandes são escravos de sua grandeza.*
- *Quem só vive às carreiras vai ter que voltar várias vezes para vencer a agonia.*
- *A lonjura e a demora têm o tamanho da preocupação.*
- *A verdadeira mudança tem acontecer primeiro no coração.*
- *O mal do invejoso é que, além de ele não ter, não quer que o outro tenha.*
- *Ao descuidado come o rendido.*
- *Não se vence batalha apenas com espada na mão. Também se vence com as armas do coração.*
- *Nem tudo é aquilo que parece ser.*

- *Ninguém julgue o bom por bom, nem o mau por mal.*
- *A gente não paga apenas o mal que pratica. Também paga muito caro as besteiras que comete.*
- *De nada vale o saber para quem não tem a sabedoria.*

Quanto à terceira marca, os itans, são histórias remanescentes do sistema oracular jeje-nagô. Eles encerram um ensinamento ético ou moral e são narrados oportunamente, para quem precisa compreender o mundo e a vida. A narrativa exige que o narrador saiba dar vida aos diálogos, às personagens e seja enfático na arte de ensinar. Há incontáveis itans preservados nos terreiros e são de domínio dos mais velhos, daqueles que aprenderam com a vida, mas precisam ensinar a quem ainda não sabe. Eis um exemplo:

O SEGREDO DO OUTRO

Contam os mais velhos que, naquele tempo, Oxossi ainda andava pelo mundo caçando. Um dia, ele encontrou um moço bem no fundo da mata virgem, completamente despido, embaixo de uma árvore enorme. Mas Oxossi é caçador e não é dado a conversa comprida, nem muito menos a querer saber da vida dos outros. Atento aos sinais como ele só, Oxossi viu que o moço tinha ares de nobreza. Também viu um ebó que o moço tinha depositado ao pé da árvore. No ebó, tinha as roupas e os pertences do moço. Tinha até uma faca, a única arma que o moço possuía. Esse moço era Otim.

Acontece que Otim estava ali, fugindo da civilização. Ele sempre foi arredo e não gostava de sair de casa, nem da companhia de ninguém. As pessoas viviam infernizando sua vida, criticando sua maneira de ser e numa eterna insistência para ele sair de casa, passear, fazer amizades. E não aguentando mais aquela situação, Otim resolveu partir às escondidas e se embrenhou na mata.

Tomado pelo cansaço e pelo sono, Otim passou uma madorna debaixo da árvore. Aí, ele teve um sonho. Uma voz dizia que ele fizesse um ebó com tudo que ele carregava e oferecesse debaixo daquela árvore. Assim mesmo ele fez, ficando despossuído de tudo. Foi quando apareceu Oxossi, o Grande Caçador, carregando várias caças abatidas.

Aí Oxossi apanhou a faca que estava no ebó, preparou uma roupa com peles das caças que trazia e deu para Otim se vestir. Cortou pedaços de

carne, fez fogo e preparou comida para ele e Otim. Depois, Oxossi fez uma cabana e ficou uns tempos por ali, caçando. Otim resolveu, então, permanecer com ele. Oxossi ficava calado e Otim, completamente em silêncio, observava tudo que Oxossi fazia.

Oxossi fazia arcos, preparava as flechas, treinava vezes sem conta, atirando em alvos difíceis. Fazia as armadilhas para pegar os bichos, preparava a comida, mantinha a cabana em ordem. Otim foi passando de simples observador a ajudante. Com o tempo, Oxossi passou a dividir as tarefas com ele.

Quando Oxossi percebeu que Otim já sabia fazer um bocado de coisas, partiu para outro lugar e Otim seguiu seus passos. O rapaz fino e educado, arredio, de gestos comedidos, foi se transformando num verdadeiro caçador, homem da mata. E Oxossi nunca lhe fez pergunta alguma sobre sua vida e por que tinha resolvido viver na mata. Nem sequer comentou nada, quando surpreendeu, um dia, Otim tomando banho num riacho. O mistério de Otim então apareceu: ele era homem, mas tinha um corpo de moça. Mais ainda: tinha quatro mamas. E isso tinha sido causa de seu sofrimento, se escondendo do mundo. Oxossi nada disse, nada comentou, nem mostrou espanto. Aí, Otim perdeu a vergonha de ser como era, se aceitou e passou a conversar.

Um dia, Otim disse a Oxossi que já estava pronto para seguir seus próprios caminhos. Agora, ele se conhecia e sabia lidar com os outros, porque tinha aprendido a lidar consigo mesmo. Ambos se despediram e cada um seguiu adiante, sozinho. Mas até hoje, eles se encontram de vez em quando, para caçar juntos. Por causa disso, muita gente confunde os dois como se fossem o mesmo caçador, apesar de serem tão diferentes.

Pois é: o outro deixa de ser estranho, quando é recebido com naturalidade.

Este é apenas um retalho mínimo de um patrimônio riquíssimo, preservado nos terreiros e que a sociedade hegemônica, por preconceito, varreu para os esconsos do Brasil para o fundo. E que este evento, Códigos da Pele, sirva de um abrir de portas, de um gesto que se faz ponte sobre o abismo da separação, para que este universo da cultura afrodescendente, em Itabuna, venha a ser admirado por quantos compreendam o gesto inusitado da ALITA, que se faz luz neste dia de hoje.

Carta para Valdelice

Sônia Maron

Minha Amiga

A responsabilidade de dirigente da Academia de Letras de Itabuna, onde ocupo a cadeira nº 14 que tem seu nome, conduz ao dever de apresentar um texto destinado ao primeiro número da revista *Guriatã*, que nasce com o objetivo de divulgar a produção literária dos membros da instituição.

Certamente você vem acompanhando os acontecimentos desta pobre dimensão de espaço- tempo. Dizem os entendidos que o lugar da sua atual e definitiva residência tem meios de comunicação mais aperfeiçoados. Verdade ou fantasia, não vou correr o risco. Até porque um amigo de Norberto Bobbio, de nome Guido Ceronetti, disse que “o homem que pensa de verdade escreve cartas aos amigos”. Ora, se você me ensinou a pensar aos dezessete anos, é justo que eu escreva uma carta. E considerando que estou escrevendo para leitores da revista e não somente para você, aí vai a referência: Bobbio, Norberto, *O Tempo da Memória*, 4ª ed., Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 4.

Há alguns anos não conversamos, embora você seja presença constante em minha vida. A mesma afirmação fez um amigo comum, Soane Nazaré de Andrade, na cerimônia destinada a formalizar o nome do pedaço de chão onde ele e você ajudaram a construir uma Universidade. Você não compareceu por motivo de força maior. Melhor dizendo, sua presença certamente não era visível para todos, exceto para mim e Soane. Posso provar que você compareceu lembrando as palavras do homenageado, no discurso de agradecimento:

“O que sinto, neste dia 30 de abril de 1994, é que nada se fez em vão. O passado se insere no presente. Até os nossos mortos convivem conosco e não raro apontam-nos o caminho. Quem ousaria dizer que Valdelice está morta? Valdelice está aqui. Sinto-a por inteiro no espírito e na força da Universidade, não só no Centro de Estudos Filosóficos Valdelice Soares Pinheiro, mas em cada pessoa, em cada espaço, em cada matéria deste Campus, todo ele espírito de Valdelice”.

E se Soane afirmava, é claro que você participou da cerimônia de batismo do Campus Soane Nazaré de Andrade, ocasião em que Josuelito Brito e eu fomos convocados para representar os ex-alunos docentes, assumindo o compromisso exigido pelo Diretor Geral “com a História e com a eternidade, porque a Universidade de Santa Cruz viverá por todos os tempos...”

Voltando ao assunto, fiquei indecisa sobre o que deveria escrever como homenagem à musa que empresta o nome à cadeira que escolhi para ocupar na academia criada graças à iniciativa de Cyro de Mattos, nosso velho amigo da rua Ruy Barbosa, e outros movidos pelo mesmo ideal. A dificuldade consistia em encontrar um tema que merecesse a aprovação dos confrades e confreiras do Conselho Editorial. Após algumas noites de sono interrompido por conta da preocupação, sonhei com Ping Ling Quitinho e Tia Mariana: estávamos na copa do apartamento da rua Etelvina Miranda (transversal da rua Ruy Barbosa) eu, você e tia Mariana, na mesa do café da manhã; Ping Ling, seu cãozinho pequinês, deitado embaixo da sua cadeira e Quitinho, o periquito, empoleirado em seu ombro. O conteúdo do sonho era manifesto. Para interpretá-lo não precisei da ajuda de Erich Fromm, na releitura do livro *“A Linguagem Esquecida”*. Conhecer Ping Ling e Quitinho e usar o tratamento de “tia”, para dirigir-me à sua mãe não é para qualquer um, por mais importante que seja.

Iniciada a carta, deparei-me com o problema do endereço. Refletindo um pouco decidi que bastaria endereçar ao lugar onde reside Val ou Lalá, a criatura doce, incomum que partiu ao som da *Nona Sinfonia* de Beethoven e hoje eu vejo no céu, como uma estrela. E sinto como se todas as estrelas estivessem sorrindo para mim, parafraseando Exupéry, que você colocou em minhas mãos como uma das primeiras leituras obrigatórias.

São incontáveis os registros que a memória preservou como um precioso *vídeo*, tão em moda na atualidade. Meus *pen drives* (linguagem moderna para denominar recordações) são tantos que a seleção fica difícil pela definição perfeita e alta qualidade da gravação. À frente, ocupando a telinha, o casamento de David e Zilda, em Ilhéus. Fomos na véspera porque o casamento seria pela manhã. Vejo minha imagem com um vestido estampado de *chiffon*, um *chemise* passeio fino, com gola e punhos de organdi branco; usei até um chapéu emprestado para valorizar e Gabi achou que eu estava muito elegante. Depois do casamento de Davi voltamos aos saraus em sua casa, reunindo amigos entre os quais distinguíamos Paulinho Lima (filho de Marília e João Fortunato). As discussões intermináveis, de vez em quando, tinham como fundo os acordes do seu violão marca Del Vecchio, ou escolhíamos alguns dos seus discos para ouvir.

Nem sempre nossas reuniões eram alegres. Vivemos momentos de dor e lágrimas com a partida de Tia Mariana e anos depois de Rafael. Estive ao seu lado nos dois momentos. Visitava Tia Mariana, todos os dias, na Casa de Saúde do Dr. Alberto Barreto, chegando à clínica na coroa da lambreta de Gabi. Quanto a Rafael, quero registrar que fui buscar em Ibicaraí um medicamento (dolantina) que ele necessitava usar para aliviar a dor; o Hospital Sta. Cruz não tinha e eu, até hoje, não sei explicar como consegui ir e voltar sã e salva, tal a velocidade que imprimi ao Scort XR3 da minha amiga Sony Freire. Felizmente Rafa permitiu a aplicação e viajou sem sentir a dor que não lhe dava trégua. E naquele dia adormeceu certo que tinha sido eu e não a enfermeira quem colocou a medicação no soro.

Eu sei, Val, que a vida é verso e reverso, claro e escuro, alegria e tristeza. Não foi diferente para nós. Agora mesmo, na telinha da memória, surge aquele São João na fazenda de Marília, em Coaraci. Eu e Gabi preparávamos “bombas relógio”. De mentirinha, é claro, colocando o cigarro aceso, pela metade, no estopim das bombinhas, escondidas na cancela para assustar os vizinhos que iam para o forró, convidados de João Fortunato e Marília para a festa de bandeirolas, canjica, pamonha, milho cozido e licor. Sem esquecer que o mandante era Paulinho, o anfitrião. Em nosso passado ingênuo e puro de festejos juninos, todos sorriam e os inocentes estampidos eram a

diversão maior. Nosso mundo era um mundo de paz e sua família foi, por muito tempo, a minha verdadeira família: aquela que o coração escolhe e onde residiu a minha reserva maior de carinho, estímulo e compreensão. As recordações que guardo da nossa convivência refletem o lado feliz e iluminado da minha vida, mais triste e sombria sem a sua presença benfazeja e dos seus irmãos, igualmente queridos. Não devo privilegiar Pinheiro e Gabi porque Davi, Rafael e Tote ficariam enciumados.

Quando foi fixada a sua partida e os preparativos para a viagem estavam adiantados, não estive ao seu lado como gostaria. Infelizmente não consigo enfrentar o sofrimento das pessoas que amo. Permaneço nos bastidores, sofrendo tanto ou mais do que os corajosos e presentes junto ao leito de dor do amigo que se despede. Talvez meu comportamento aparentemente omisso ocultasse o desejo de preservar a imagem sorridente e serena que você sempre ofereceu a todos que receberam a bênção da sua amizade.

Fiquei devendo esta carta embora as revelações não sejam surpresa para você. Ainda assim, exerço o direito de proclamar que você é presença permanente em minha caminhada. E exatamente hoje, dia 1º de novembro de 2014, como sempre faço, estive visitando seu endereço simbólico no latifúndio da Santa Casa de Misericórdia de Itabuna. A placa de identificação está belíssima e bem ao seu gosto. Presumo ter sido ideia de Heloísa. Seu verso, em letras douradas gravadas na placa negra, é sua voz e sua presença na afirmação que ninguém ousa discutir:

“...transpasso o tempo e no verso desse instante me eternizo.”

Até breve, minha irmã. Provisoriamente ocupo sua cadeira em uma academia de letras. Cuide de reservar a minha onde estiver, se eu merecer permanecer ao seu lado.

Todos os Miseráveis

Raquel Rocha

Antes de assistir *Os Miseráveis*, que concorreu ao Oscar 2013, resolvi rever todas as versões que já tinha visto no passado. A de 1935 de Richard Boleslawski, o filme de 1952 de Lewis Milestone, e a produção de 1998 de Bille August. Tive esse trabalho, por sinal muito prazeroso, como uma espécie de ritual preparatório para o que seria o Grande Filme a contar essa história que nunca ficará velha.

Minha expectativa não era gratuita, os motivos eram muitos: a direção de Tom Hooper, de “O Discurso do Rei”, que é um filme pelo qual tenho um apreço pessoal; o gênero musical que cai como uma luva nessa história; o elenco com nomes como Russell Crowe e Hugh Jackman; e a produção do filme que fez com que todos os atores cantassem ao vivo durante as gravações.

Mesmo com tanta expectativa, ou por causa dela, terminei o filme com a sensação de que lhe faltava algo. E ao analisar todos os detalhes que julgava terem ficado fora percebi que seria impossível um filme contar toda a história dessa grande obra prima de Vitor Hugo com quase 3000 páginas publicada em 1862. Descobri então que gosto mesmo é da história em si e por isso acabo gostando de todas as tentativas de contá-la, mesmo que no final fique sempre a impressão de que faltou algo.

Por esse motivo hoje vou falar mais da história de *Les Misérables* escrita por Vitor Hugo do que sobre essa versão de 2012. Porque, conhecendo ou relembrando essa história magnífica, todos os filmes sobre ela passam a ser mais que recomendados. E, acreditem, é uma história que vale a pena ser lida/assistida quantas vezes for possível. Como escreveu Vitor Hugo e Richard Boleslawski fez questão de colocar na abertura do seu filme de 1935: “*Enquanto houver neste*

mundo que chamamos de civilizado um sistema em que homens e mulheres, mesmo tendo pagado as suas dívidas perante a lei e expiado suas ofensas, ainda sejam perseguidos onde quer que estejam, essa história não vai ser contada em vão”.

A história se passa na França do século XIX. Jean Valjean, após procurar emprego e não encontrar, acaba roubando um pão para alimentar sua irmã e seu filho que passam fome. É levado a julgamento e condenado a 5 anos de trabalhos forçados na prisão de *galés*, que acabam se transformando em 19 anos devido às suas tentativas de fuga. Nessa prisão Jean perde sua identidade e passa a ser o condenado 24601. O vigia Javert é seu carrasco, implacável seguidor da lei e da ordem parece não ter compaixão pelos prisioneiros.

Jean Valjean entra na cadeia como um homem bom que cometeu um erro, mas é libertado com a maldade em seu coração, embrutecido, amargurado e envelhecido. Precisa se apresentar às autoridades mensalmente e se não o fizer ele volta para a prisão, dessa vez perpétua. Jean sai com a identidade amarela e o carimbo de ex-condenado e por isso não consegue emprego, nem abrigo, nem sequer comprar comida apesar de carregar consigo um pouco de dinheiro.

O único que lhe dá abrigo é Don Bienvenu, o bispo de Digne, que abre as portas de sua casa, alimenta-o e o chama de irmão. Mas Jean não entende mais o que é a bondade, pois nos últimos 19 anos só conheceu o seu oposto. Apesar de o bispo ter-lhe estendido a mão, Jean rouba-o de madrugada e foge. Não consegue ir muito longe, policiais prendem-no com a prataria do bispo e o levam de volta. Esse trecho é o ponto alto da história, todas as vezes que ela é contada. É aquela parte que dá vontade de reler e voltar no controle remoto, para ver o que realmente aconteceu.

O bispo ao ver os policiais entrando em sua casa com Jean detido ordena que o libere dizendo que lhe deu a prataria de presente. Olha para Jean, diz que ele esqueceu o mais valioso e entrega-lhe dois castiçais de prata. O gesto e as palavras do bispo são marcantes em todas tentativas de contar essa história.

“Eu que devo agradecê-lo, é quem dá que se beneficia mais, meu filho.” (filme de 1952)

“Há muito tempo Jean, eu aprendi que a vida é doar e não levar. Permita-me doar.” (filme de 1935)

“O caminho certo Jean, sempre está aberto a você.” (filme 1935)

“Deus te tirou da escuridão.” (filme 2012)

“Jean Valjean, meu irmão, lembre-se de que já não pertence ao mal, mas sim ao bem. É sua alma que acabo de comprar. Eu a furto dos maus pensamentos e do espírito da perdição para entregá-la a Deus.” (livro)

Jean sai da casa do santo bispo confuso, envergonhado, mas já é um homem transformado, decidido a fazer pelo outro o que o bispo fez por ele. Para se livrar do estigma de ex-condenado, Jean muda seu nome para Madeleine. Enriquece, torna-se dono de uma fábrica de cerâmica. Querido por todos, é nomeado prefeito da cidade. Tudo parece dar certo na vida de Jean até que ele se encontra com o inspetor de polícia da cidade, Javert, seu antigo carrasco em *galés*. Javert acha a fisionomia do novo prefeito conhecida, mas não o associa ao condenado 24601, que agora é fugitivo da lei por não ter se apresentado periodicamente às autoridades.

Um ato de generosidade denuncia Jean: um velho está preso embaixo de uma carroça, ninguém consegue levá-la, mas Jean entra debaixo e a levanta com as costas fazendo com que Javert desconfie de sua verdadeira identidade: *“Até hoje, só conheci um homem capaz de fazer isso. Era um forçado das **galés**”*. (livro)

Vou parar a narrativa nesse ponto da história, que é quando começa a saga de Jean, perseguido o tempo todo pelo inspetor Javert, obcecado em prendê-lo para cumprir a lei. No entanto, não posso fazê-lo sem falar um pouco sobre os personagens de Vitor Hugo com uma profundidade comparável a de Dostoiévski. A diferença está na ênfase que Vitor Hugo põe na história de cada personagem, e cada uma dessas histórias daria outro livro.

Javert, o vilão, no fundo não é um vilão. É um menino que nasceu em uma prisão, seu pai era um condenado. Javert aprendeu a dividir o mundo em duas categorias, os que seguem e os que não seguem a lei. Ele é implacável com quem comete erros, inclusive consigo mesmo. Devido ao seu excesso de rigidez, Javert não consegue compreender

as atitudes benevolentes de Jean Valjean. *"A lei não me permite ser misericordioso."* (Javert, filme de 1998).

Fantine é uma moça que foi abandonada grávida pelo homem que amava. *"Para o rapaz, Fantine foi só uma aventura. Para ela, foi seu primeiro amor. A ele se entregou completamente. Do romance, nasceu uma menina: Cosette."* Como sofreria retaliações, por ser mãe solteira, acabou por deixar a filha Corset em uma estalagem sob os cuidados de um casal. Sai em busca de trabalho para manter a filha. Fantine trabalha na fábrica do Sr. Madeleine até que seu segredo é descoberto, e ela é despedida, indo se prostituir nas ruas para continuar mandando dinheiro para que cuidem de sua filha.

Corset é a filha de Fantine. É uma criança e mora com os donos da estalagem que extorquem dinheiro de Fantine e maltrata a menina. É resgatada por Jean quando este descobre a situação de Fantine após ser despedida de sua fábrica.

O filme se passa em quatro fases: A primeira é a condenação de Jean pelo roubo do pão. A segunda é sua saída da prisão e o encontro com o Bispo. A terceira é quando Jean se torna próspero sob a identidade do Sr. Madeleine e a quarta é quando tenta cuidar de Corset, que se tornou uma bela moça. (Confesso que Corset é a personagem que acho menos interessante no livro e em todos os filmes.)

Os Miseráveis, de Tom Hoper, é um filme sustentado pela força dos atores. Hugh Jackman consegue dar vida e passar verdades como Jean Valjean. Achei que assistiria ao filme todo imaginando garras saindo de suas mãos, mas que Wolverine que nada, o que a gente vê em Jackman é o olhar daquele que se torna bruto e depois se torna bom, o olhar de Jean Valjean. Segundo o ator, esse personagem teria sido o maior desafio da sua carreira, e ele cumpriu bem a missão. Seu momento máximo no filme é quando ele sai da casa do bispo.

Russell Crowe como cantor é um excelente ator. A proposta do filme era realmente que as afinações não fossem perfeitas, para passar emoção e verdade. Mas não funcionou com Crowe que manteve a postura e expressão do personagem, embora quando começava a cantar não convencia. Helena Bonham Carter (Madame Thénardier) e Sacha Baron Cohen (Monsieur Thénardier) desempenharam excelente atuação, no entanto o clima das cenas deles destoava do filme. Amanda

Seyfried não chamou minha atenção, talvez tenha sido pela minha falta de simpatia pela personagem Corset adulta.

A grande interpretação do filme, que realmente me surpreendeu foi a de Anne Hathaway. E não é porque ela emagreceu, cortou o cabelo e ficasse feia (fórmula para se ganhar o Oscar), mas porque ela conseguiu transmitir todo o desespero de Fantine que tem sua vida devastada e precisa encontrar forças onde já não existe. Foi uma atuação magistral, emocionante, cantando "I Dreamed a Dream": *"Mas há sonhos que não podem ser. E há tempestades que não podem passar. Eu tive um sonho que minha vida seria tão diferente deste inferno que estou vivendo"*.

Nunca é demais lembrar que esse é um musical e a recomendação é para quem gosta de musicais. Porque esse é um musical na acepção do gênero, é cantado do começo ao fim, diferente daqueles filmes que o povo conversa, aí para e se tem uma cantigazinha, aí conversa de novo e para e se tem outra cantigazinha.

Os Miseráveis, de Tom Hoper, é mais uma tentativa de contar essa história de injustiça, coragem, sacrifícios e redenção. Uma tentativa imperfeita, como todas foram e todas serão, mas que tem seus méritos e merece ser vista e sentida de alma aberta.

DISCURSOS

Recepção a Aramis Ribeiro Costa

Antonio Lopes

Senhor presidente da Academia de Letras da Bahia,
Aramis Ribeiro Costa:

Um escritor não vale pelo que é, mas pelo que faz. Não conta o produtor, conta o produto. Eça de Queiroz, que vossa senhoria confessa ser dos seus autores preferidos, quando era instado a falar de si, dizia com certo enfado não ter história: “Quem quiser saber de mim – salientava o autor de *A cidade e as serras* – leia os meus livros”.

No Brasil, muitos seguiram este modelo: talvez seja o caso de Raduan Nassar, Dalton Trevisan, Rubem Fonseca e outros que não gostam de expor sua vida pessoal e preferem guardar distância de plumas, paetês, confetes, serpentinas e lantejoulas.

Logo, senhor Aramis Ribeiro Costa, esta novel casa de cultura – que saúda vossa senhoria por um dos seus mais humildes integrantes – pede licença para, ainda que a voo de pássaro, estender o olhar – neste dia histórico para as letras de Itabuna – menos ao presidente da Academia de Letras da Bahia e mais ao poeta, romancista, contista e novelista de amplos recursos que nos concede a honra da visita.

Antes, por justiça, há de se acrescentar a faceta de ensaísta, que deixa de ser exercida por escolha, por preferência, talvez até por má vontade – pois vocação para a análise crítica profunda e minuciosa, porém lúcida, isenta e descompromissada, é que não falta a este Aramis mosqueteiro das letras.

Se dúvidas persistirem a este respeito, que se veja o estudo introdutório de *Os galos da aurora*, obra fundamental do contista, e agora romancista, Hélio Pólvora, com assento entre nós. Revela-se ali, num artigo de belo título – “O caminho da eterna autora” – o homem

de leitura ampla e domínio absoluto dos meandros dessa narrativa desafiadora que é conto – não fosse o próprio ensaísta bissexto mestre nesse gênero.

Prova tal maestria o recente *Contos Reunidos*, lançado pela Editus/Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, uma coletânea de quarenta e sete narrativas “enfeitiçadas” ou “enfeitiçantes” – se os puristas me permitem a invenção – ou talvez seja mais correto dizer narrativas sedutoras, capazes de capturar o leitor na primeira linha e levá-lo, subjugado, até a derradeira frase.

Sua temática é a cidade da Bahia, a velha Bahia das tradições, mas também a nova Bahia das aspirações contemporâneas. É notável como obra e autor se fundem e se confundem numa simbiose aparentemente contraditória de velho e novo: o estilo de Aramis Ribeiro Costa combina o formato clássico, com remessa a mestres renomados como Tchekov, mas sempre com um pé, às vezes os dois, na modernidade.

O presidente da Academia de Letras da Bahia, cuja presença aqui hoje nunca louvaremos suficientemente, é bom exemplo daquele condutor da tocha olímpica, imagem recorrente no crítico Hélio Pólvora.

Aramis Ribeiro Costa segue os mestres, mas não abre mão de traçar sua própria trajetória, identificar seu caminho, respeitar os clássicos, prestar-lhes homenagem, mas fixar as balizas do seu próprio terreno.

Para Hélio Pólvora, a literatura é como uma tocha olímpica que passa de mão em mão, de um escritor para outro. E os verdadeiramente criadores recebem esta herança estética, a conservam, a respeitam, a veneram até, mas a submetem a novos paradigmas que, longe de prejudicá-la, a rejuvenescem, a atualizam.

Marcos Santarrita, um amigo que não me poupou sofrimento ao morrer, há exatamente um mês, e que será lembrado aqui hoje, dizia, em momentos de desencanto, que escritores pregam no deserto – pois sua mensagem chega a muito poucos; o já citado Hélio Pólvora, com outras palavras, repete algo parecido: o escritor é um ser em extinção – o mundo agora é das estrelas do rock. (As estrelas do *rock* provavelmente dirão que os donos deste velho mundo sem porteira são as estrelas do arrocha).

Senhor Aramis Ribeiro Costa, o senhor, felizmente, escapou da indiferença cruel a que muitos criadores foram condenados sem julgamento. E nesta Casa o senhor é mais conhecido do que imagina, senão vejamos, primeiro as damas: a confreira Baiza Nora ficou encantada com as histórias de *Contos Reunidos*, à frente de qual publicação ela esteve, como diretora da Editus/Editora da UESC; o confrade Hélio Pólvora entusiasmou-se com *A Assinatura Perdida*. “Aleluia! Ainda se escrevem contos que são contos. O conto que se exprime pela linguagem e pelos significados recolhidos. O conto na tradição dos clássicos, mas tocado pelo espírito da modernidade.”

E o confrade Cyro de Mattos, que tem Aramis Ribeiro Costa na alta conta de “escritor competente, verdadeiro e ético”, o antologiou (que o professor Ruy Póvoas não me puxe as orelhas por este neologismo) no livro “O conto em vinte e cinco baianos”.

Aliás, creio que houve muita felicidade na escolha de “Dez Anos Depois” para a antologia. O bom humor com que a narrativa se inicia segue o modelo de abertura, abufelar o leitor e conduzi-lo ao fim do texto.

(Improviso: *O Conto em 25 Baianos* inclui um artigo fundamental de Cyro, de Mattos em que ele identifica os caminhos da narrativa curta, desde o século XIX, passando por Machado de Assis, situando os grandes narradores baianos, mas com espaço reservado aos contistas da região Sul da Bahia Lá estão Ruy Póvoas, Jorge Medauar, Hélio Pólvora, Elvira Foeppel e, naturalmente, Adonias Filho).

Aquele coronel Otaviano Cerqueira, que tem um infarto fulminante na terceira garfada de um camarão *à doré* com arroz à grega, regado com finíssimo vinho alemão, é inesquecível. Informo aos que não tiveram a ventura de ler este conto, que o coronel Otaviano Cerqueira, em pleno almoço, empalideceu, deixou cair o garfo sobre a toalha de linho branco e pendeu a cabeça para sempre, mergulhando o nariz pontiagudo entre os camarões e o arroz.”

“Dez Anos Depois”, com final surpreendente, em destaque dona Marilena, que já tivera olhos pestanudos e muito belos, tem um tom finamente irônico – algo na linha do humor machadiano ou, quem sabe, Eça de Queirós.

Premido pelo tempo, me mantive na sugestão da confreira Baiza Nora e me cingi, sobretudo, a *Contos Reunidos*, numa visão panorâmica da contística de Aramis Ribeiro Costa. Não há como falar de sua inteira obra literária, para o que me faltaria engenho, arte, fôlego e tempo – pois são mais de quinze títulos, em diferentes gêneros.

Permitam-me acrescentar que nossa ilustre visita é médico militante, especializado em pediatria (fico pensando que a vivência com crianças o tenha estimulado a escrever livros infantis). É também diplomado em Letras Vernáculas com Inglês, e é pós-graduado em Administração Hospitalar.

Mas me arrisco a afirmar que, escrevendo desde a infância, se alguém lhe perguntar sobre a profissão ele dirá, como renunciando a toda a riqueza do seu currículo, “sou escritor”. Vossa senhoria, senhor Aramis Ribeiro Costa, não tem salvação possível, porque o senhor é daquele tipo que Cyro de Mattos, com assento nesta Casa humilde, define como “condenado a escrever”.

Creio que já abuso da bondade dos convidados e da rigidez do protocolo, mas lhes rogo por uns poucos instantes, sem o que cometeria a injustiça de, sequer a *vol d’oiseau*, aquele voo de pássaro dos franceses, mencionar o poeta em Aramis Ribeiro Costa. O *Soneto do sol da madrugada* me impressiona, me emociona, me toca o coração. Permitam-me dividir com uns e recordar com outros esta maravilha que nem cabe neste auditório.

Soneto do sol da madrugada, nas mãos de um Antônio Cândido, viraria aula, palestra ou conferência. Mas não se engane, senhor Aramis Ribeiro Costa, nosso convidado ilustre: nesta casa há nomes que fariam a exegese de *Soneto do sol da madrugada*, em toda sua inteireza poética. Afinal de contas, o chão que produziu Jorge Amado, Telmo Padilha, Euclides Neto, Jorge Medauar, Valdelice Soares Pinheiro, Sosígenes Costa e Adonias Filho – patrono da ALITA – é o mesmo que abriga analistas do porte de Margarida Fahel, Jorge de Souza Araujo, Baiza Nora, Cyro de Mattos, Ruy Póvoas, Tica Simões, Hélio Pólvora e outros, assentados nesta Casa e capacitados à exegese do vosso soneto.

É noite, tudo escuro, silenciado, frio. A esperança já se esvaiu, o desejo morreu, não há futuro, não há caminho. “Parece que adiante

não há nada”, diz o poeta. De repente, uma ressurreição, no meio do nada faz-se a luz, o sol brilha e a vida é, num segundo, iluminada.

Poucas vezes vi tão esteticamente bem conduzida esta dicotomia do claro-escuro, noite-dia, luz-penumbra, desespero-esperança. E a metáfora no verso “Há um desejo morto na calçada” é antológica.

Dito o que, vamos ao *Soneto do sol da madrugada*.

É noite — como as noites são vazias
E faz silêncio à volta, em toda a estrada
As mãos já não procuram, são tão frias
É noite — e nem sinal de uma alvorada.

Há cruzeiros espalhadas — tão sombrias!
Há um desejo morto na calçada
As esperanças passam, fugidias
Parece que adiante não há nada.

E de repente o fim que se procura
Após a longa e triste caminhada
E finalmente a luz na noite escura

O sol brilhando em plena madrugada
O desejo de ser — sem ser loucura
A vida, num segundo, iluminada.

Senhor escritor Aramis Ribeiro Costa, presidente da Academia de Letras da Bahia, considere que, simbolicamente, lhe foi estendido aquele tapete vermelho da nossa imaginação e da nossa cortesia. O presidente Marco Bandeira me manda dizer, em nome de todos os confrades e confradeiras, que considere sua esta ainda tão modesta Casa, a Academia de Letras de Itabuna. Seja bem-vindo.

Discurso do Rio Cefiso

(Na Instalação da Academia de Letras de Itabuna)

Aramis Ribeiro Costa

Senhores Fundadores da Academia de Letras de Itabuna:

Precisaríamos ir muito longe, uma excursão no espaço e no tempo, para encontrarmos as vertentes históricas desta solenidade que nos reúne para a fundação de uma nova academia de letras. Teríamos, antes de tudo, de percorrer vagarosamente os jardins que abrigavam o túmulo do herói ático Academo, às margens do Rio Cefiso, próximo de Atenas, nos quais Platão dialogava com seus peripatéticos discípulos, a perquirir questões do saber, nas tardes ensolaradas da Grécia esplêndida. E depois, quase quatro séculos atrás, transportando-nos de um momento luminoso da humanidade a outro, visitar a academia de Richelieu, nos tempos gloriosos da França de Luís XIII.

Não era a primeira academia dos tempos modernos. O poderoso cardeal e primeiro-ministro, com sua *Académie Française*, praticamente dava continuidade a duas outras, ambas criadas em Paris: a *Académie de Poésie et de Musique*, em 1570, e a *Académie du Palais*, em 1576, esta última para cuidar da língua e da literatura francesas. E houvera também, na Itália, entre 1582 e 1583, certa *Accademia della Crusca*, instituída por cinco florentinos para proteger e purificar o idioma italiano. Mas a iniciativa do Cardeal de Richelieu em 1635 seria tão importante e tão prestigiosa que passaria a inspirar as demais academias de letras, sempre com o objetivo de cultivar a língua e a literatura, além de definir o vocabulário.

Só após essas duas visitas, à Grécia de Platão e à França de Richelieu, é que voltaríamos ao Brasil, onde a inspiração da *Académie Française* foi decisiva para o sodalício que Machado, o admirável

Bruxo do Cosme Velho, fundaria com seus ilustres pares no ofício de escrever e amar a cultura.

Era no apagar das luzes do século XIX, na Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, porém capital da República e referência cultural da nação brasileira. Fundada em 1897, quando a humanidade jamais poderia vislumbrar, nem mesmo com a exorbitante imaginação de um Jules Verne, os maravilhosos avanços da ciência e da tecnologia do século seguinte, a Academia Brasileira de Letras, longe de apagar-se no obsoletismo e no desprestígio, cresceu em importância e consideração, a ponto de tornar-se um objetivo glorioso dos que aspiram à imortalidade literária no Brasil.

Como na França a *Académie Française*, entretanto, não foi a ilustre Academia Brasileira a primeira a ser instituída em nosso país. Esse privilégio coube à Bahia. Chamou-se Academia Brasílica dos Esquecidos, e foi fundada em Salvador, em 7 de março de 1724, reunindo quarenta e quatro poetas e prosadores, uma iniciativa do vice-rei dom Vasco Fernandes César de Meneses, Conde de Sabugosa. A esta se seguiram a Academia dos Felizes, no Rio de Janeiro, em 1736, e a Academia dos Renascidos, outra vez em Salvador, em 1759, agora com quarenta acadêmicos, no modelo da *Académie Française*. Todas de vida curta. Como de vida curta, curtíssima, foi certa Academia Baiana de Letras, agremiação literária formada por vinte e cinco jovens escritores em nosso estado, pouco antes da fundação da Academia de Letras da Bahia.

A data de fundação da Academia de Letras da Bahia, 7 de março de 1917, não foi um acaso, porém propositadamente escolhida para lembrar a Academia Brasílica dos Esquecidos. Isso levou o quase perpétuo presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Athayde, que via na concordância das datas de fundação um propósito de continuidade, a nos recomendar que inscrevêsemos no brasão de nosso sodalício: “Primeira Academia de Letras do Brasil”. Não o fizemos, não o faríamos, preferindo a recomendação histórica e altamente louvável de nossos fundadores: “Servir à Pátria honrando as Letras”. E não fazemos mal, quando também honramos a Pátria, servindo às letras.

É justamente o que me parece tenham se transformado as modernas academias de letras, a começar pela nossa, a Academia de Letras da Bahia, uma instituição permanentemente a serviço das letras. A velha concepção de uma agremiação fechada, a reunir quase secretamente quarenta idosos acadêmicos, que entre um gole de chá e uma fatia de bolo discutem a chave de um soneto, ficou definitivamente no passado, se é que, em algum lugar e em alguma época, alguma academia de homens de letras tenha se resumido a tão inúteis reuniões. O fato é que, hoje, não se pode conceber uma academia de letras que não seja um núcleo disseminador de cultura, aberto ao público e muitas vezes voltado para esse público.

A Academia de Letras da Bahia possui uma intensa programação cultural, e por que não dizer educativa, que abrange cursos, seminários, colóquios e encontros de literatura, concursos literários, publicações, exposições, palestras, conferências, lançamentos de livros, além das atividades acadêmicas, como sessões ordinárias, reuniões de diretoria, eleições de novos membros, posses, sessões de saudade, comemorações de centenários e outras sessões especiais comemorativas. A nossa biblioteca, cada vez mais especializada no livro baiano, e nosso arquivo, que guarda a memória da instituição e de seus membros, encontram-se permanentemente à disposição dos pesquisadores, além de atuarem em programas educativos e re-socializantes, por meio do sistema de estágios com orientação e fiscalização de nossos funcionários. Nosso *site* e nossa sala de informática nos colocam na linha de frente na informação da cultura e na pesquisa.

Entendemos que já não cabem, e principalmente não cabem em nossa realidade baiana contemporânea, instituições culturais isoladas, que as iniciativas culturais se fortalecem com as parcerias, e hoje temos, na Academia de Letras da Bahia, parceiros importantes para as nossas realizações, como a Secretaria de Cultura da Bahia, a Fundação Pedro Calmon, a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, a Fundação Casa de Jorge Amado, a Universidade Federal da Bahia, a Universidade Estadual da Bahia, a Universidade Estadual de Feira de Santana, a Braskem, a Eletrogás, e o Goethe Institut.

Então, senhores fundadores da Academia de Letras de Itabuna, o que fazeis nesta noite solene, e esperamos todos que de fato assim seja, é inaugurar não uma agremiação reservada aos seus eleitos, mas instituir, por meio de vosso compromisso acadêmico, um poderoso instrumento de disseminação das letras, da literatura e da cultura em seu sentido mais amplo, a favorecer não apenas a vossa encantadora cidade de Itabuna, mas toda a vossa ampla, bela e fecunda Região do Cacau, a beneficiar a própria Bahia e o próprio Brasil, já tão enriquecidos ambos por vossa preciosíssima literatura.

A vossa academia – se me permitis, a nossa academia, já que me concedeis o privilégio e a honra de me tornar vosso membro correspondente – herda a tradição de uma literatura poderosa, tão poderosa que valeria, ela isolada, por toda uma literatura nacional. Bem mais que pelo poder econômico do cacau, tantas vezes assolado pela devastadora praga da vassoura-de-bruxa, terá sido a força impressionante e a excepcional qualidade da vossa literatura a inspirar Adonias a proclamar estas terras sul-baianas de Nação Grapiúna. Cedesse eu, neste momento, à tentação de citar, um por um, todos os grandes escritores e poetas, mortos e vivos, que nasceram nestas terras cacaueiras do Sul da Bahia, os chamados grapiúnas, e certamente transformaria estas breves palavras de abertura de vossa solenidade, numa interminável proclamação de nomes notáveis. Permitti-me, entretanto, citar apenas quatro dos que partiram e jamais partirão, e que se encontram entre os patronos desta nova academia: o próprio Adonias Filho, Jorge Amado, Sosígenes Costa e Jorge Medauar. Por meio deles, homenageio todos os outros, inclusive e principalmente os que estão vivos e produtivos, a nos surpreender a cada instante com o vigor do seu talento. Permitti também, e eu o reivindico como um favor pessoal, que eu agradeça à minha editora e amiga Maria Luiza Nora, e ao meu amigo e confrade, poeta e escritor Cyro de Mattos, e por extensão a todos vós por vossa generosa concordância, o privilégio do título que esta noite me é concedido.

Ditas estas palavras, só me resta vos desejar que vosso Rio Cachoeira vos inspire, como inspirava o Rio Cefiso a Platão e seus discípulos, e que possais realizar com vossa academia, com nossa academia, todos os altos desígnios que honram a vossa tradição literária.

Uma Nova Academia de Letras

Marcos Bandeira

Gostaria, antes de qualquer incursão, de agradecer a distinção com que fui agraciado pela escolha de meu nome para presidir os destinos desta importante instituição de homens e mulheres de letras, no seio da qual, certamente, outros, por méritos próprios, galgariam com maior justeza tamanha honraria. Sinto-me profundamente honrado e ao mesmo tempo preocupado com as graves responsabilidades do cargo, principalmente porque a Academia de Letras de Itabuna já nasce grandiosa pela qualidade indiscutível de seus confrades e confreriras, e reconheço minhas limitações pessoais para enfrentar tal desafio.

O grande escritor Machado de Assis, quando fora investido no cargo de Presidente da Academia Brasileira de Letras, na sessão inaugural de 20 de julho de 1897, asseverou:

Investindo-me no cargo de Presidente, quisestes começar a Academia Brasileira de Letras pela consagração da idade. Se não sou o mais velho dos nossos colegas, estou entre os mais velhos. É simbólico da parte de uma instituição que conta viver, confiar na idade para funções que mais de um espírito eminente exerceria melhor.

Agora, no ano de 2011, analisando as palavras memoráveis do maior escritor brasileiro e fundador da Academia Brasileira de Letras, bem como as transformações ocorridas ao longo de mais de um século, posso afirmar que os ilustres confrades da Academia de Letras de Itabuna também consagraram a idade, simbolicamente, para confiar a sua paraninfia, só que a idade do mais jovem. Sim, porque dentre todos os confrades e confreriras, creio que sou o mais novo, o mais jovem acadêmico. Essa consagração à idade do confrade mais jovem na função de presidente desta Academia certamente tem a ver com a

energia, a maior disposição, o entusiasmo, o olhar inovador, o sonho de alçar voos mais altos, servindo assim, os espíritos luminares e experientes dos demais confrades e confreiras, para canalizar melhor essa energia, amainar a disposição e conter um pouco o entusiasmo para transformá-los em serenidade, determinação e perseverança, e guiá-los, mostrando o melhor caminho para transformar os sonhos do presidente jovem em realidade.

A Academia de Letras de Itabuna foi fundada no dia 19 de abril de 2011, nas dependências da Fundação Itabunense de Cultura e Cidadania de Itabuna, numa aspiração genuína de 8 homens e 7 mulheres em criar, em Itabuna, um centro referencial de cultura, a exemplo do que já ocorrera em Ilhéus, cuja academia foi fundada em 1959. Nascia ali, naquela manhã de abril – dia do índio –, de forma tão natural como o canto de um guriatã, a Academia de Letras de Itabuna, inspirada no modelo da academia francesa, formada por pessoas devotadas às letras e as ciências humanas, mas voltada precipuamente para a dignidade da pessoa humana e sua capacidade infinita de construir conhecimentos nas áreas da literatura e das ciências humanas. É verdade que a ALITA nasceu da dissidência com a AGRAL, quando cinco membros fundadores desta, Cyro de Mattos, Marcos Bandeira, Ruy Póvoas, Carlos Passos e Antonio Laranjeira se desligaram dela, por divergências localizadas no elevado campo das ideias no âmbito de uma sociedade plural, e resolveram, com o concurso de Maria Luíza Nora, Ary Quadros, Geny Xavier, Marialda Silveira, Sonia Maron, Rilvan Batista, Dinalva Melo, Gustavo Veloso, Sione Porto e Lurdes Bertol, fincar o alicerce da ALITA, que já nasce forte pela qualidade de seus membros e, sobretudo, pela sua inescondível vocação de ser uma entidade soberana e livre. Esse fato narrado é histórico e será sempre lembrado pelas gerações vindouras. O ser humano é a criação mais extraordinária que Deus colocou sobre a face da terra. Nem a beleza do mar, da natureza, dos animais irracionais, das estrelas, nada, nada é comparável à grandeza do ser humano. Grandeza que é medida não pelo que ele tem, mas pelo que ele é. Nada me encanta mais no ser humano do que os seus valores éticos, sua inteligência, sua sensibilidade, e sua sede desmedida pela busca do conhecimento, bem como sua conduta social e profissional

coerente com os valores éticos que guarda consigo. Movido por esse saudável propósito e inspirado nos ideais daquelas pessoas que fundaram a Academia Francesa de Letras, quedávamos a perquirir, a indagar uns aos outros, ou a nós mesmos: Por que uma cidade polo da Região Sul da Bahia, cuja produção literária de alguns de seus prosadores e poetas está disseminada por várias academias de letras e circula no mundo, sendo traduzida em vários idiomas, não possui ainda a sua própria academia de letras? Por que nossa co-irmã Ilhéus possui uma academia de letras desde 1959, em cujo corpo acadêmico estão muitos itabunenses, e Itabuna, com uma plêiade de mulheres e homens devotados às Letras não poderia ter sua própria academia? Essas indagações e perguntas passaram a ser compartilhadas com o escritor Cyro de Mattos que, nesse processo de construção da ALITA, foi o nosso grande timoneiro e líder. Ele, escritor reconhecido em outros países também, com vários de seus livros traduzidos em outros idiomas, pertencente a várias academias de letras, inclusive a Academia de Letras da Bahia e à Academia de Letras de Ilhéus, queria, no fundo de sua alma de poeta, pertencer à academia de letras de sua querida Itabuna, cenário mágico e inspirador para suas prosas e poesias que atravessaram a fronteira do Brasil. E assim, do verbo se fez a vida, e assim nasceu a Academia de Letras de Itabuna.

Hoje é um dia histórico. Itabuna instala a sua Academia de Letras. O sonho de alguns homens e mulheres se transforma em realidade, mas o dia de hoje, por uma dessas felizes coincidências, provavelmente preparada pelos espíritos superiores, quis que a instalação da ALITA acontecesse precisamente no dia cinco de novembro de 2011, data de aniversário do mais ilustre dos baianos, Ruy Barbosa, que é patrono da cadeia nº 1, aquela que tenho a subida honra de ocupar. Esta solenidade, que acontece num dia tão especial, para nós, baianos, transcende no tempo e no espaço, pela grandeza do momento, simbolicamente representado pelo gesto altaneiro do Presidente da Academia de Letras da Bahia, Aramis Ribeiro Costa, a me investir na posse do cargo de Presidente da Academia de Letras de Itabuna. Pretendo dirigir a Academia de Letras de Itabuna com os ideais da alma e os olhos do coração, de que nos fala o inesquecível Águia de Haya, quando na oração aos moços vaticinou:

Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco, este suavíssimo nome); não: o coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal quanto se cuida. Há, nele, mais que um assombro fisiológico: um prodígio moral. É o órgão da fé, o órgão da esperança, o órgão do ideal. Vê, por isso, com os olhos d'alma, o que não veem os do corpo. Vê ao longe, vê em ausência, vê no invisível, e até no infinito vê. Onde para o cérebro de ver, outorgou-lhe o Senhor que ainda veja; e não se sabe até onde. Até onde chegam as vibrações do sentimento, até onde se perdem os surtos da poesia, até onde se somem os voos da crença: até Deus mesmo, invisível como os panoramas íntimos do coração, mas presente ao céu e à terra, a todos nós presente, enquanto nos palpita, incorrupto, no seio, o músculo da vida e da nobreza e da bondade humana.

A nossa Academia tem como patrono o grande escritor Adonias Filho, que ocupou por muito tempo a cadeira nº 21 da Academia Brasileira de Letras, e que deixou um legado precioso para todos nós, como grande romancista e crítico literário, sendo um dos principais responsáveis pela riqueza cultural da nação grapiúna. Ele também nasceu no mês de novembro, precisamente no dia 27, dia que se encerram simbolicamente as atividades acadêmicas da ALITA. A nossa Academia, seguindo a tradição da Academia Francesa e da Brasileira, é composta de 40 membros efetivos e respectivos patronos, além de membros correspondentes e honorários. A Revista da ALITA chamar-se-á *Guriatã*, em homenagem ao pássaro que leva as cores de Itabuna e que é muito conhecido por imitar o canto de outros pássaros.

Desta forma, e com a verve do bom sertanejo que não foge do seu destino e enfrenta todos os desafios que o Criador coloca na sua frente, espero, com o auxílio inestimável dos ilustres confrades e congreiras, presidir esta Instituição com a serenidade inspirada nos espíritos superiores de todos os seus membros e embalado pelos ventos da sã democracia, de sorte a empreender esforços para a elevação da cultura regional em todas as suas manifestações, independentemente de preferências políticas, religiosas ou filosóficas, voltados única e exclusivamente para o bom debate no saudável campo das ideias e da elevação do saber, além do convívio fraterno entre os confrades e as congreiras. Finalmente, quero agradecer a todos os familiares e amigos, especialmente a minha esposa, Rosana, pelo apoio, compreensão e estímulo.

Adonias Filho Lembrado

Ruy Póvoas

Senhoras e Senhores convidados,
Sejamos todos bem vindos com a graça de Deus.

A Academia de Letras de Itabuna instala-se hoje, aqui e agora, tendo como patrono o escritor Adonias Filho. Senhor das Letras, Adonias nos deixou uma vasta obra literária que ultrapassou as fronteiras grapiunas e ganhou o mundo. Estivesse ele aqui, hoje, conosco, certamente teria ensinamentos para nos dar. Ainda que desde dois de agosto de 1990, ele tenha nos deixado, basta que leiamos alguma página de seu legado, e ele estará falando conosco novamente. Então, permitam que, pela minha voz, na leitura de um fragmento de uma de suas obras literárias, o nosso patrono se manifeste nesta noite de júbilo.

Tenho aqui, comigo, um de seus romances, *As velhas*, publicado pela Editora Civilização Brasileira, em 1975. Leiamos a página 42 do referido romance:

Compraram os cavalos e, como tinham que entrar no arruado para fazer a feira, Paulão Paturi pediu a Odílio que os mantivesse ali até a manhã seguinte. Dormiriam em Almadina e os levariam pela madrugada. E para a conversa, saindo da palhoça, foram chegando os Pratibus. Não, não eram muitos! Odílio e a mulher, o cunhado que do nome já não me lembro, um magrelão chamado Vicente e o mocinho Quintino que, pela cara, devia ter uns vinte anos. Os homens, que pareciam esperar qualquer encrenca, não largavam as armas um só minuto. E por isso mesmo, porque não tinham como largar os rifles e os punhais, ali estavam alojados fora do arruado.

– Há um barraco vazio – Odílio disse, convidando – e vosmecês podem dormir aqui.

A coisa aconteceu naquele momento. Os Paturis não iam voltar para dormir mas, quando já recusava o convite, Chico Paturi viu a moça. Vinha do rio, pote na cabeça, alpercata nos pés, saia de chita e cabelos soltos. Redondos e pequenos os seios. Olhos cor de pólvora e a pele morena acentuavam certa beleza. Baixinha, porém, pouco mais de um metro. Pôs o pote no chão, aproximou-se e, porque ria, ao homem pareceu alegre.

– É Zefa, minha filha – Odílio apresentou.

– Voltaremos para dormir – Chico Paturi decidiu.

Todas as pessoas têm a sua sina, todas, isso eu digo e juro. A moça demorasse mais dois minutos no rio e tudo teria sido diferente. Chegou no instante marcado como se aquele encontro estivesse resolvido desde que nasceram. As sinas dele e dela mandaram que se vissem naquela manhã de sábado, um gostando do outro, quanto o homem quanto a mulher aguardando a noite com ansiedade. **Força misteriosa acompanha o que tem de acontecer.** (Grifos meus)

A força misteriosa a que Adonias se refere tem muitas denominações. Os religiosos chamam-na “Desígnio do Altíssimo”; os incrédulos, “acaso”; a maioria das pessoas a identifica como “destino”. Os fieis do candomblé dizem tratar-se do “odu”, isto é, “caminho a ser seguido”. Os mais sofisticados dizem que é mera coincidência, isto é, “pseudônimo de Deus, quando ele não quer assinar”.

Seja como for, trata-se de *força*. E como quer Adonias Filho, ela é “misteriosa”. Essa força nos trouxe a todos nós até aqui, nesta noite em que nos juntamos para uma ação de elevado espírito. É justamente dessa força misteriosa que precisamos lançar mão, pois a sociedade grapiuna vive tempos de medo. Já não podemos mais sair às ruas para um passeio depois que o sol se põe. Estamos proibidos de ver a lua cheia refletida nas águas do Cachoeira. Enquanto isso, o marginal pode gozar da liberdade de ir e vir a qualquer hora da noite. Transformamos nossas casas e apartamentos em cadeias particulares, com grades possantes, câmeras acopladas a sistemas de TV, cercas elétricas, seguranças musculosos e cães furiosos. Nas nossas garagens, dormem carros suntuosos, enquanto pessoas desamparadas pernoitam sob marquises, árvores e viadutos. E no engano dessa falsa segurança, vamo-nos acostumando aos padecimentos da desistência.

Hoje, no entanto, nós nos juntamos em torno de homens e mulheres que se associam numa Academia de Letras. Salvamos o nosso sábado. Sinal de que ainda há esperanças para esta nossa sociedade encolhida sobre si mesma, com medo da violência. E é Adonias Filho que nos ensina: **Força misteriosa acompanha o que tem de acontecer.**

Aos convidados e convidadas aqui presentes, nossos sinceros agradecimentos

Em Nome dos Fundadores

Cyro de Mattos

Meus Senhores, minhas senhoras,

Faço dois registros. O alegre vem do presidente da Academia de Letras da Bahia, escritor Aramis Ribeiro Costa, para quem o jornalista e cronista Antonio Lopes já teceu as merecidas referências e homenagens. Ressalto que a cada dia percebo mais como a vida precisa de pessoas como Aramis Ribeiro Costa. Homem de finos tratos, culto, cordial, sincero. Formado em Letras, médico conceituado em Salvador. Participativo presidente da Academia de Letras da Bahia. Sobretudo, é um escritor, que transita com facilidade no conto, romance, poesia e literatura infantil. Não posso deixar de considerar que, para mim, é no conto que desponta sua obra como uma das perpendiculares das letras brasileiras contemporâneas. Sou seu leitor e admirador, desde muito tempo, daí incluir um de seus contos, “Dez Anos depois”, um primor de narrativa curta, na antologia “O Conto em Vinte e Cinco Baianos”, livro que organizei e que foi adotado para o vestibular da Universidade Estadual de Santa Cruz, durante o período de três anos. Aramis Ribeiro Costa possui uma fluência admirável na escrita que seduz. Imaginação fecunda quando desenvolve uma história para flagrar instantes críticos da vida. Sua prosa de ficção curta movimenta-se na linhagem do conto tradicional, à maneira de Guy de Maupassant e do norte-americano O. Henry, até certo ponto, com uma linguagem de apreensão fácil, que no seu escorrer espontâneo vai erguendo pequenos e grandes mundos. Ele é sutil nas observações lúcidas que faz da vida, através de personagens, frutos de um legítimo criador de gente, por quem conhece os seres e as coisas no lado invisível da alma, no ilogismo das ilusões e decepções, mas ainda

assim auscultados com ternura. Expõe bem a psicologia das criaturas que pretende situar no discurso coeso. Uns autores preferem armar a história com a palavra transgressora que recria a vida. Outros, como Aramis Ribeiro Costa, preferem criar uma história com a linguagem simples e comunicativa da vida. Senhor escritor Aramis Ribeiro Costa, amplo e denso ficcionista, competente presidente da Academia de Letras da Bahia, Itabuna sente-se honrada com a sua presença, que abrilhanta e enriquece muito este momento.

O registro triste vem do escritor, tradutor e jornalista Marcos Santarrita. Pertenceu à minha geração, em Salvador, naqueles idos de 1959 a 1964, juntamente com o Alberto Silva, Carlos Falck, Adelmo Oliveira, Fernando Batinga, Ildásio Tavares, Oleone Coelho Fontes, Maria da Conceição Paranhos e Ricardo Cruz, entre outros. No final de cada semana, lá estavam alguns desses companheiros em algum bar, na Rua da Ajuda, para, entre goles de cerveja e muita conversa, percorrermos os jardins quentes da noite. Falava-se e discutia-se sobre Kafka, Sartre, Brecht, Proust, Joyce, Faulkner, Camus. Machado de Assis, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Autran Dourado, Aníbal Machado, Lúcio Cardoso, Lima Barreto, Adonias Filho, Jorge Amado, Maiakovsky, Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro, Carlos Drummond de Andrade, Garcia Lorca, Robert Frost, Aristóteles, Carlos Bousoño, Dámaso Alonso, Kurtius, Oto Maria Carpeaux. Marx, Garaudy, Lukacs. Ficávamos inflamados quando comentávamos algum livro desses grandes escritores. Nossos quase deuses no mundo. Nem sabíamos que estávamos sendo escolhidos pela orquestração do destino para exercer, tempos depois, o solitário e solidário exercício da vida com a arte da palavra. De todos nós, Marco Santarrita era o mais revoltado com as traições da vida. Leitor voraz, buscando equilibrar-se entre as crenças e os vazios do desespero. Eu dizia que ele era o nosso Lima Barreto. Ele não gostava. Completava que ele seria o nosso Dostoievski, ele tinha aquele sorriso que alargava o rosto. Não havia outra opção para ele, a não ser o de se tornar um grande escritor. Ah, o tempo, que sabe todos os transes e trânsitos, une e dispersa. Cada um de nós depois tomou o seu rumo, empreendeu o seu voo nos caminhos da vida. Pensando naqueles anos adolescentes é que fiz esse poema:

Passarinhos

Eram passarinhos
No frescor dos sonhos,
Na lâ da aurora.

Eram passarinhos
Bicando os gomos da noite
Na aventura da madrugada.

Eram passarinhos
De cantares afoitos
No arco-íris das horas.
Eram passarinhos
Dispersos nas penas
Das rações duras.

Marcos Santarrita foi para o Rio de Janeiro, aos 25 anos de idade, e lá sobreviveria como jornalista e tradutor, sem esquecer seu sonho maior, que pulsava dentro dele como desejo flamejante. Tornou-se tradutor de grandes escritores, redator de jornais importantes, como *Última Hora* e *Jornal do Brasil*. E estreou com as novelas de *A solidão dos homens*, livro que teve o prefácio de Adonias Filho. Enfrentando os instantes da chuva, nos dias adversos da cidade grande, persistiu na construção de uma obra pujante no corpo das letras brasileiras. E conseguiu. Cresceu, amadureceu, impeliu-se com talento e sensibilidade para ser, de fato, um romancista expressivo, que elaborou seu discurso, de livro para livro, com o foco na ossatura histórica, social e existencial dos que carregam duros conflitos em seu estar no mundo. Os seus romances *Lady Luana*, *Danação dos justos*, *A Santa de Itajuípe* e *Mares do sul*, por exemplo, mostram que a literatura possui um discurso poderoso para perceber o espírito do mundo com as vestes da aventura humana, entre o jogo e o drama, o desespero e o precipício. O mais verdadeiro de todos os discursos, que tantas vezes é feito com dor, muita dor, não para agradar a grupos, mas para fundamentar a vida com as suas verdades essenciais. E ser útil ao outro e o mundo. Ele nasceu em Aracaju, residiu em Itajuípe e faleceu, há poucos mais de 30 dias, no Rio de Janeiro. Falei com ele

antes de partir, dei-lhe coragem, mostrei o quanto a vida precisa dele como romancista. Ele me respondeu que estava vencendo a crise. Foi indicado por mim e aprovado por unanimidade pelos membros fundadores para ser um dos nossos membros efetivos da Academia de Letras de Itabuna. Sua ausência traz uma perda enorme para a nossa academia.

Senhores, senhoras.

Programaram-me para que eu, representando os membros da ALITA, falasse acerca da importância dessa academia de letras, que ora está nascendo. Não deviam fazer isso. Eu não queria. A solenidade ficaria cansativa. Além disso, sempre gostei de ouvir quem sabe proferir o discurso com a palavra oral, sábia, sonora e castiça. Ouvir para aprender. E sempre me senti à vontade com a palavra escrita. Foi com a palavra escrita que, bem ou mal, cheguei até aqui. Lembro, nesse momento, que meu personagem Tidoramim, da narrativa *Os brabos*, começa seu monólogo assim:

Você veja, Capivari, se o Pai Grande botou a gente nesse conforme duma boca e dois ouvidos é pra menos falar e muito mais ouvir. E sendo assim eu mesmo me bendigo: sou de menos falar, menos palavrar, menos discutir. Sou de mais olhar, mais ouvir, mais pensar, mais sonhar, mais sentir.

Tidoramim é uma criatura inocente, ensimesmada, acha que a vida é melhor e intensa para quem a lê em silêncio. Nasceu no campo, cresceu e aprendeu a se comunicar com os seres e as coisas, ouvindo a linguagem dos pássaros e dos bichos

Meus senhores, minhas senhoras.

É preciso compreender a criatura humana com a sua índole introspectiva e não confundi-la com o pedante. É preciso não ser leviano e compreender o ser humano em sua loucura lúcida, não concebê-lo como um bicho diferente, perigoso sonhador, um caso sem jeito, não faz nada de proveito real, trata-se de um rancoroso, inconsequente ameaçador do sistema. É preciso amar as pessoas como elas são e o que têm a nos dizer, quando saem de dentro de si,

com os sentimentos puros e verdadeiros. Aparentemente, todos nós somos iguais, mas cada qual, dentro de si, carrega uma fera ou raramente um anjo. Cada cidade, que se quer civilizada, precisa reconhecer e estimar seus homens de letras, seus escritores, seus poetas, seus artistas. Beber o suco melhor de sua inteligência. Porque o que vale mesmo não é a casca, o verniz, que simula os artifícios e as mazelas, transmite sem esforço a corrupção e a mentira. O que vale é a verdade com sua ética, que nos alimenta de humanidades sem as fronteiras do preconceito e nos impinge o sentido rico da existência. E nos devolve aquilo que é próprio de nós mesmos: braço ao abraço feito de compreensão e sentimento.

Nessas circunstâncias sempre me perguntei: O que é uma academia de letras? Para que serve? Todo intelectual, para que seja completo, deve ingressar em uma academia de letras? Para que, então, se sinta realizado como um ente que pensa e sente? O poeta Carlos Drummond de Andrade resistiu durante anos aos assédios do presidente Austragésilo de Athayde, para que ele fosse membro da Academia Brasileira de Letras. O trivial lírico de Itabira não suportava falar nesse assunto. Já outro poeta maior, pleno de ternura e mansidão, porque acreditava na existência das flores como meio para inaugurar novos sentidos na permanente paixão da vida, o gaúcho Mário Quintana, tentou várias vezes ingressar na Academia Brasileira de Letras e sempre foi derrotado. Certa vez, um jornalista perguntou-lhe por que insistia tanto em ser membro da Academia Brasileira de Letras, quando, na verdade, ela era que precisava dele e de sua obra para se tornar mais rica. Ele respondeu com esses versos:

Todos estes que aí estão
atravancando o meu caminho,
eles passarão.
Eu passarinho!

Quando fui receber o Grande Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Artes, em São Paulo, no Memorial da América Latina, em 1992, por meu livro *O menino camelô*, conheci Rachel de Queiroz, que naquela oportunidade iria receber a mesma láurea por seu monumental romance *Memorial de Maria Moura*. Aproximei-me dela e disse que

era de Itabuna, cidade onde ela havia passado os primeiros anos de casada. Estava feliz por conhecê-la. Quando adolescente, havia lido seus romances *O quinze*, *Caminho de pedras* e *As três Marias*, disse. Seu ingresso na Academia Brasileira de Letras, como a primeira mulher que rompia as barreiras do preconceito de uma instituição cultural rígida, deixava centenas de brasileiros sorrindo de contente e, em especial, as mulheres. Ela observou que não acreditava nisso de legado e de imortalidade em academia de letras. A gente aparece e desaparece, fica tudo na poeira do tempo, muita coisa acontece por acaso, como num lance de dados, porque tem de acontecer, completou.

Nesses três casos que agora relato, percebe-se que as posturas diferentes estão entrelaçadas de verdade com relação à maneira de conceber o que é e para que vale uma academia de letras. O poeta Carlos Drummond de Andrade dá a entender que o que vale mesmo é a obra, o escritor sustenta-se é com o que produz no reino da sensibilidade. Não é uma academia de letras que faz que eu seja um bom escritor. Já Mário Quintana, com os seus versos que se tornaram célebres, diz que o espaço duma academia de letras é também a campina onde passarinhos podem comer o alpiste para cantar e encantar. E voar. É ali também o lugar dos sonhos, que circulam e se propagam pelas cidades do imaginário. Enquanto a romancista cearense Raquel de Queiroz, com leve ironia, penso, pretendeu me dizer que um legado literário não é tudo, até pode perdurar mais do lado de cá, na vida, mas é pouco, muito pouco. É o ínfimo no macro, frágil e incapaz de decifrar o mistério insondável da morte. Sabemos que nesse mistério cósmico, que nos habita e nos envolve, o sol, a lua, as estrelas não dependem de nós. Isso dói, faz mais triste a vida, nessa noite sem amanhã, que nos acompanha desde tempos imemoriais.

Meus senhores, minhas senhoras.

Uma academia de letras tem por objetivo o cultivo da língua e da literatura nacionais, em suas relações com as artes e as ciências humanas consideradas como ideais. Vale lembrar que a Academia Brasileira de Letras inspirou-se no modelo francês e que, no início, funcionava para expressar o sorriso da sociedade. Importava-lhe apenas o cultivo das belas letras porque vivíamos numa época em que os nossos intelectuais pensavam o Brasil com o pensamento na

França. A nossa Academia Brasileira de Letras era, assim, fiel ao modelo que lhe deu origem, flutuante e perfumada ao estilo de vida francesa na bela época, no final do século XIX e começo do XX. Suas atividades estavam sintonizadas com o adorno do literário através da récita, a cantata e o sarau dos salões aristocráticos. Nas trilhas dessa valsa repetitiva, a Academia Brasileira de Letras caminhou por muito tempo e inspirou outras academias nas capitais e interiores brasileiros. A partir da segunda metade do século XX, teve que mudar de comportamento, pois a sociedade exigiu-lhe essa mudança de hábito. Teria de ser um espaço criativo e dinâmico, se não quisesse ficar à margem do processo da vida com sua evolução permanente. Então, passou a participar da vida em sociedade, para o bem melhor e intenso das letras. O mesmo fez a Academia de Letras da Bahia de uns anos para cá, promovendo cursos, oficinas, concursos, simpósios, ciclo de estudos, fazendo a inserção da universidade em seu espaço de bases acadêmicas.

Em um mundo em que os valores espirituais cada vez mais se tornam descartáveis, os valores materiais tomam conta de tudo, as gerações correm e voam numa automação incrível, o que nos deixa estarecidos, cabe às Academias de Letras cultivar, como nunca, a importância da língua, da literatura e da comunicação, como manifestações inerentes aos seres humanos no elogio da vida. Por isso mesmo, é que, através de atividades múltiplas, literárias, artísticas e culturais, podemos dizer que, hoje, perenizam aqueles que as personalizam, quando, então, usam os sinais visíveis da escrita e da oratória como instrumentos úteis para a compreensão da existência. Mas isso só se faz real, eficaz e abrangente, duradouro e de alcance maior na vida, se houver nas suas atividades e projetos a parceria dos setores importantes da sociedade.

Como tudo na vida, uma academia de letras precisa de recursos para sobreviver com dignidade e executar com seriedade e trabalho suas atividades e projetos. Necessita da ajuda positiva das pessoas, da sociedade, dos setores empresariais, dos poderes legislativo e executivo do nosso município. Ela será sempre trôpega, se depender apenas do esforço e do idealismo de alguns membros abnegados. É preciso que, no orçamento do legislativo e do executivo, exista uma

cota ideal, decente, para ajudar a nossa academia de letras, que agora está nascendo com o propósito firme de levar o bem literário e cultural para os outros, os que fazem essa comunidade ser progressista. Gente da elite, mediana e pobre. Para que seus passos sejam largos e o sorriso que compraz o rosto esteja sempre no semblante de nossa querida Itabuna. É preciso que essa parceria se torne um costume consciente, lei que ajuda a reger a vida como um corpo social coeso e equilibrado. Para que assim nossa amada região e nossa querida Bahia se orgulhem de nossa Academia de Letras. Reconheçam que a ALITA de fato propicia meios para a valorização da autoestima dos outros no mundo. Isso contribui, em parte, para retirar o homem grapiúna do ócio e da zona de risco. Repito, uma entidade dessa natureza é, de fato, atuante, marcante, quando ao seu lado existe uma parceria de amigos e patrocinadores.

É do pernambucano João Cabral de Melo Neto esse poema:

Tecendo a Manhã

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

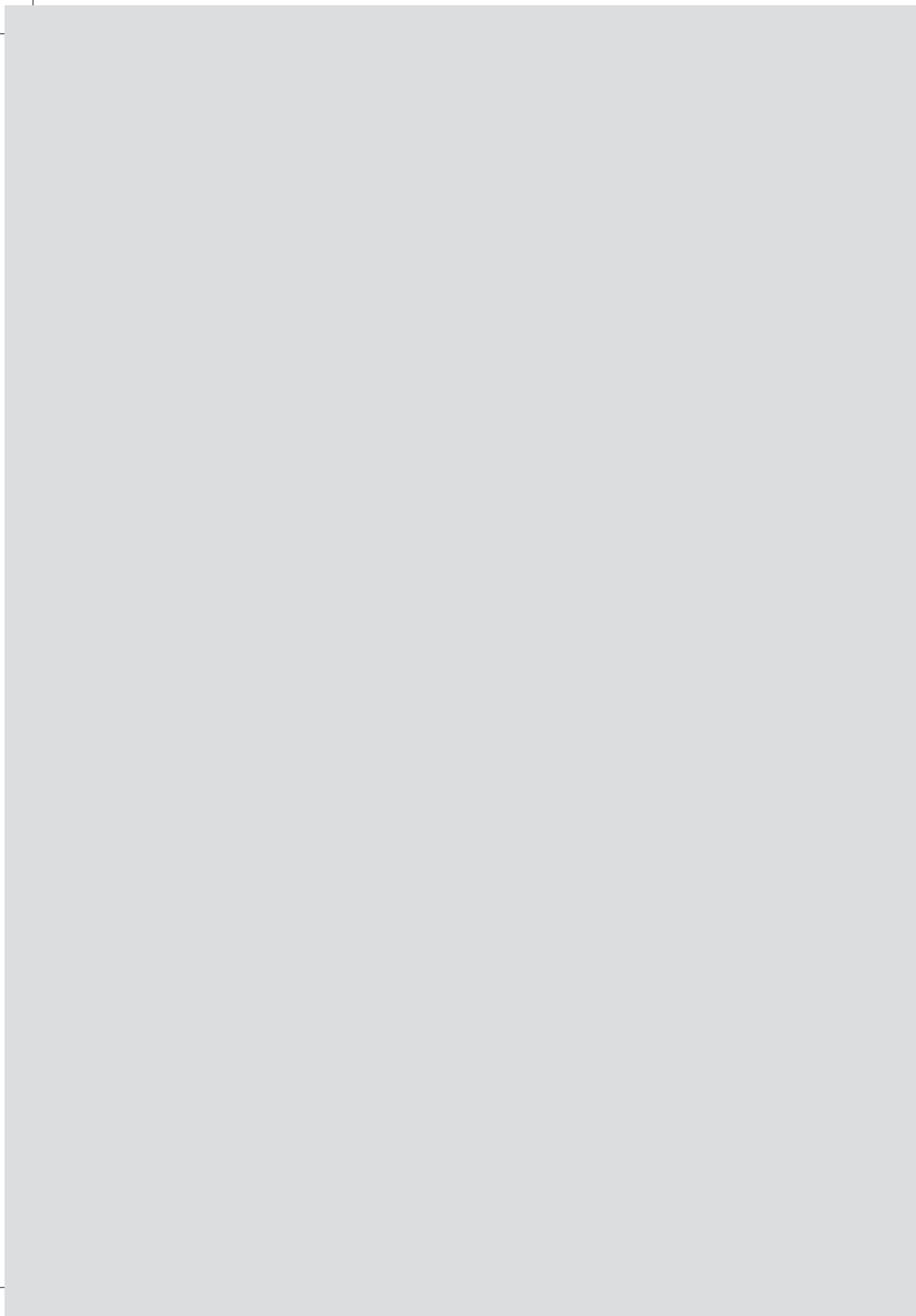
E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

É de minha autoria esse pequeno poema que fiz ontem e que agora transcrevo para encerrar a minha fala:

O Milagre da Poesia

Lá longe o velho sol
Não pintava os desertos
Com as cores da manhã.
A lua não espalhava dores,
A chuva não fecundava
O ventre mineral da terra.
O vácuo inútil era tudo.
A razão e a emoção
Estenderam a palavra
No vazio do mundo.
Com suspiros e pesares,
Embora existam as flores,
A vida deu-me os sabores.
A poesia, os rumores.

REGISTRO



ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA E O CENTENÁRIO DE JORGE AMADO

A Academia de Letras de Itabuna comemorou o Centenário de Jorge Amado com a exibição de documentário do cineasta João Moreira Sales sobre a vida do grande romancista, no salão nobre da Faculdade de Tecnologia e Ciências, e com um ciclo de palestras ministradas pelos acadêmicos da própria ALITA: Cyro de Mattos, Antonio Lopes, Ruy do Carmo Póvoas e Margarida Fael. Jorge Amado nasceu na Fazenda Auricídia, em Ferradas, no dia 10 de agosto de 1912.

Transcrevemos abaixo a programação da ALITA no Centenário de Jorge Amado:

27/08 - 19h

Cyro de Mattos, advogado, poeta e contista

Palestra: Jorge Amado em Itabuna
Exibição do documentário Jorge Amado do cineasta
João Moreira Sales

Apresentação de performance pelos alunos da FTC
Local: auditório da FTC

28/08 - 9h

Margarida Cordeiro Fabel, professora, analista literária,
especialista em Literatura Brasileira

Palestra: Jorge Amado: um humanista nas terras do cacau
Local: Colégio Militar

29/08 - 9h

Antônio Lopes, escritor e jornalista

Palestra: Jorge Amado: o pão e a liberdade
Local: UNIME

ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA DÁ POSSE A ALEILTON FONSECA, JORGE LUIZ BATISTA DOS SANTOS E SILMARA SANTOS OLIVEIRA

A solenidade de posse dos novos acadêmicos realizou-se na noite de terça-feira, às 19h de 27 de novembro de 2012, na sede da Loja Maçônica Acácia do Sul, em Itajuípe, sendo a sessão solene presidida por Marcos Antônio Santos Bandeira, presidente da ALITA, em parceria com o Memorial Adonias Filho, representado por sua diretora Silmara Santos Oliveira, com a presença de autoridades e convidados.

COMEMORAÇÃO DO DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA NO TERREIRO ILÊ AXÉ IJEXÁ ORIXÁ OLOFUN

De mãos dadas com o terreiro administrado pelo confrade e babalorixá Ruy Póvoas, professor da UESC, a Academia de Letras de Itabuna comemorou o Dia da Consciência Negra em 28 de novembro de 2012, em momento importante no qual foi ressaltado ser possível a união das letras e o universo da religião dos negros para o desenvolvimento da condição humana e o bem-estar da vida.

Transcrevemos abaixo fragmento da Fala do escritor e babalorixá Ruy Póvoas sobre o tema Histórias de Sábios e Sabidos:

“Senhoras e senhores, estamos aqui, com a graça de Deus, comemorando o Dia da Consciência Negra. E me vem à mente que a nossa cultura local também tem suas raízes calcadas na africanidade, tendo em vista a história da formação do Brasil, principalmente da Bahia.

É notório que a nossa cultura regional não criou valores exclusivamente nossos. Não temos canções, brincadeiras, pratos típicos, festas folclóricas e substâncias alimentares que sejam uma exclusividade do Sul da Bahia. Evidentemente, tal fenômeno nos leva a indagações de diversas ordens, do ponto de vista da Sociologia e da Antropologia. No entanto, arrisco-me, aqui, a um recorte mais generalizado, pois os eventos que envolveram os afrodescendentes nesta nossa região não são assim tão diferentes do que aconteceu em todo o nosso país.

Por isso mesmo, me restrinjo à área da memória ancestral, buscando o que nos dizem, ou nos disseram os mais-velhos. Então, escolho ficar com a memória e rever histórias que herdamos de nossos ancestrais.”

São muitas as histórias que fazem parte do acervo afro-brasileiro, conservadas entre os vários segmentos que elaboram um fazer e um viver afrodescendentes. Uma história sobre o ato de alimentar-se, coisas dos humanos, estes seres tão singulares da Natureza, que somos nós todos, foi contada por Ruy Póvoas no itan chamado: A COMIDA E O REGALO.

ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA NA ABERTURA DO ANO ACADÊMICO DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

A Academia de Letras da Bahia retomou os trabalhos no dia 7 de março de 2013, na data de seu aniversário, quando completou 96 anos de atividades para o desenvolvimento das letras na Bahia. A entidade foi fundada pelo engenheiro e professor Arlindo Fragoso, em 1917, tendo como lema “Servir à Pátria Honrando as Letras”.

Ao evento, dirigido pelo presidente da Casa, Dr. Aramis Ribeiro Costa, compareceu a Doutora Sônia Maron, representando o presidente da Academia de Letras de Itabuna, doutor Marcos Bandeira. O Presidente Aramis Ribeiro Costa apresentou o Relatório de sua gestão, no biênio 2011-2012, e tomou posse, como presidente reeleito, com sua nova diretoria, para o biênio 2013-2014. Assim, a ALB abriu mais uma jornada anual de cursos, encontros, colóquios, palestras, conferências, concurso literário, publicações e lançamentos de livros, conforme realiza todos os anos, em parceria com empresas, entidades culturais e universidades baianas. A principal novidade de 2013 será a realização do “Colóquio Internacional de Cultura – Por uma literatura ecológica”, em parceria com a Associação Internacional da Crítica Literária (da França), a Universidade Estadual de Feira de Santana, sob a coordenação executiva do escritor e professor Aleilton Fonseca.

As Academias de Letras são co-irmãs e, como tal, começam a buscar uma maior aproximação, visando criar laços de parceria e

cooperação, a fim de melhor cumprirem seus objetivos de manter viva e atuante a literatura, dando maior visibilidade às obras e aos autores do nosso estado. As presenças de Sônia Maron e Soane Nazaré na ALB reforçam essa busca, lembrando que, além de possuírem objetivos semelhantes, essas academias também cultivam e compartilham autores que são membros ou patronos de uma e de outra, como Hélio Pólvora, Aleilton Fonseca, Florisvaldo Mattos, Consuelo Pondé, Luís Henrique Dias Tavares e Cyro de Mattos.

ENCERRAMENTO DO MANDATO DO PRIMEIRO PRESIDENTE MARCOS BANDEIRA

No encerramento de seu mandato, em 19 de abril de 2013, no salão nobre da Faculdade de Ciências e Tecnologia, o Dr. Marcos Bandeira salientou em seu discurso que a Academia de Letras de Itabuna - ALITA foi fundada em 19 de abril de 2011, e em seus Estatutos, no primeiro artigo, diz que tem por finalidade congregar intelectuais da região grapiúna, prestando-lhes apoio fraternal, cultural e material - cooperando assim, para o desenvolvimento da literatura, das ciências e das artes pátrias. Desde seu início entendeu a necessidade de reunir pessoas que realmente são preocupadas com nosso desenvolvimento amplo e sustentado nos valores literários e artísticos grapiúnas.

Na missão que foi confiada ao primeiro presidente sobressaiu a instalação da entidade na sua sede, no Edifício Dilson Cordier, na rua Rufo Galvão, posse dos primeiros acadêmicos, comemoração ao Centenário de Jorge Amado, com magistras palestras de confrades e confreriras sobre ângulos diversos da vida e obra do famoso escritor grapiúna nas universidades locais, nas escolas de Ensino Médio e no museu da Casa de Jorge Amado, em Ferradas; homenagem à Semana da Pátria com poesias dramatizadas, com apresentação da Filarmônica Euterpe de Itabuna; encontro pioneiro no mundo, a Academia de Letras foi acolhida pelo Terreiro de candomblé ILÊ AXÉ IJEXÁ ORIXÁ OLUFON, do confrade e babalorixá Ruy Póvoas, desnudando e revelando para a sociedade toda a riqueza da sua cultura, firmando

uma forte parceria para consagrar o dia da Consciência Negra, todos os anos naquele local; posse a mais um acadêmico, João Otávio de Macedo, conhecido e lido por toda a comunidade; comemoração do Dia do Índio com palestra do professor da UESC – Dr. José Ferreira; em novembro do 2012, no dia do aniversário de nosso patrono, Adonias Filho, foi dado posse aos novos membros, em Itajuípe, na sede da maçonaria, Silmara Oliveira, Jorge Batista e Aleilton Fonseca. Foi firmada parceria com os proprietários e administradores do Museu da Casa Verde, Wanderley Rodrigues e Romilda Nobre, e com a Filarmônica Euterpe de Itabuna.

POSSE DO ESCRITOR HÉLIO PÓLVORA

No dia 19 de abril de 2013, o escritor Hélio Pólvora tomou posse na Academia de Letras de Itabuna, ocupando a cadeira 17, de Machado de Assis. No seu discurso, o novo acadêmico salientou: *“Todos cantam sua terra, também vou cantar a minha.* O poeta Casimiro de Abreu louvou nestes versos juvenis os esplendores da sua terra fluminense. Eu, a caminho dos 85 anos, sigo o seu exemplo a propósito da minha terra de Itabuna, com os resíduos de lirismo que a idade avançada porventura ainda guarde.” O discurso de posse foi lido pela acadêmica Ceres Marylise.



Hélio Pólvora, escritor duas vezes premiado na Bienal Nestlé do Livro, é jornalista, cronista, crítico literário, tradutor de inúmeros volumes de contos, romances e ensaios. Já publicou mais de trinta livros. É membro da Academia de Letras da Bahia, Academia de Letras de Brasília e Academia de Letras de Ilhéus. Colaborador assíduo do jornal A Tarde com artigos e crônicas. É considerado hoje pela crítica como o melhor cronista vivo do Brasil.

ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA HOMENAGEIA RUY PÓVOAS POR SEUS 70 ANOS



*No Confrade
Ruy do Carmo Póvoas*



*O reconhecimento dos seus pares, membros da
Academia de Letras de Itabuna - ALITA, pela contribuição
intelectual que muito a enobrece e o agradecimento pela mensagem
permanente de fraternidade e paz, que consagra sua imortalidade.*

Feliz Aniversário!

Itabuna, 19 de maio de 2013

NOVOS MEMBROS TOMAM POSSE NA ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA

Novos acadêmicos tomaram posse na Academia de Letras de Itabuna em 20 de setembro de 2013. Os acadêmicos e mestres de cerimônia, Lurdes Bertol Rocha e João Otávio Oliveira Macedo, deram início aos trabalhos convidando inicialmente a presidente da instituição, Sônia Carvalho de Almeida Maron, para compor a mesa e presidir o sodalício. Após a execução do Hino Nacional pelo maestro Heleno José da Silva, da Filarmônica Euterpe de Itabuna, a presidente proferiu o discurso de saudação aos membros que seriam empossados convidando-os depois para a leitura do juramento. Concluída a saudação e a leitura do compromisso, foram chamados para a diplomação e assinatura no Livro de Posse. Cada acadêmico, ao tomar posse, teve um breve espaço de tempo para discorrer sobre o significado daquele momento em sua vida. Após a cerimônia, foi oferecido um coquetel ao público presente. Uma noite histórica com o recinto da Faculdade de Ciências e Tecnologia tornando-se pequeno para acolher autoridades, professores, jornalistas, intelectuais da terra e familiares dos novos empossados.

CADEIRAS, NOVOS OCUPANTES E SEUS PATRONOS

Cadeira	Membro efetivo	Patrono
24	Celina Silva dos Santos	CLODOMIR XAVIER DE OLIVEIRA
37	Gideon Alves Rosa	LUIZ GAMA
28	Maria Delile Miranda de Oliveira	FIRMINO ROCHA
36	Maria Rita Coelho Dantas	JOSÉ BASTOS
38	Naomar Monteiro de Almeida Filho	MANUEL SAMPAIO LINS
25	Raquel Silva Rocha	ELVIRA SCHAUN FOEPPPEL
32	Sérgio Alexandre Menezes Habib	ITAZIL BENÍCIO DOS SANTOS
MEMBROS CORRESPONDENTES		
Cristiano Lôbo da Silva		
Edvaldo Pereira de Brito		
Ivete Alves do Sacramento		

A MAGIA DO ENCONTRO NO DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA: ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA E TERREIRO ILÊ AXÉ IJEXÁ ORIXÁ OLOFUN

Aconteceu na tarde deste domingo, dia 18 de novembro de 2013, a interação entre o universo das Letras – Academia de Letras de Itabuna – ALITA e o espaço de resistência negra de afrodescendente, Terreiro Ilê Axé Ijexá Orixá Olufon, dirigido pelo confrade Ruy Póvoas, quando em parceria celebraram sua homenagem ao *Dia da Consciência Negra*. Na oportunidade, o evento Códigos da Pele constou de apresentação literária e artística, reunindo músicas, poesias dramatizadas, palestras e contação de itan. Foram momentos de magia e êxtase, estampados em cada rosto dos que compareceram ao evento, de natureza única no mundo.

Na abertura, a Presidente em exercício da ALITA, Sônia Maron, afirmou que todos os convivas estavam sendo “recebidos por um dos nossos confrades, na casa que é dele e também nossa, que trouxe da África a semente da fé, dos símbolos e rituais do seu povo sofrido e discriminado. Nesta casa, podemos dizer que as cicatrizes foram esquecidas e o perdão, a tolerância, a compreensão e a fraternidade são as palavras de ordem.”

A PRESENÇA DE IVETE SACRAMENTO NO DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA EM ITABUNA

A Professora Ivete Sacramento, Mestre em Educação, Prêmio Nacional de Direitos Humanos – 2003, Troféu Raça Negra Afrobras/SP e fundadora do Movimento Negro Unificado da Bahia, primeira Reitora negra no Brasil, na tarde daquele domingo, dia 18 de novembro, quando ocorreu a interação entre o universo das Letras – Academia de Letras de Itabuna –ALITA e o espaço de resistência afro Terreiro Ilê Axé Ijexá Orixá Olufon, brindou a todos, discorrendo sobre o tema Literatura e Consciência Negra no Brasil. Sua abordagem primou por enfatizar aspectos fundamentais da Literatura Negra: uma literatura sobre o negro e uma outra, produzida pelo próprio negro, sendo essa

última, de modo geral ignorada pela sociedade hegemônica. Veemente defensora da ocupação de espaços e das conquistas do povo negro, a educadora foi a primeira reitora negra do Brasil a assumir a gestão da UNEB (Universidade do Estado da Bahia). Foi exatamente na época em que a instituição começou a implantação do sistema de cotas.



Em um falar bastante reflexivo, Ivete Sacramento observou ser a Academia de Letras de Itabuna a primeira do país, quiçá do mundo, “a reconhecer a importância da literatura negra para a Consciência Negra” e, com isso, escolher um terreiro de candomblé para sediar uma comemoração desse tipo. “Esse encontro de hoje é inédito, hoje aqui é uma vitória”, celebrou. Premiada e respeitada por sua militância em favor dos “não-brancos”, ela ressaltou a importância de se abrir espaço também para a literatura negra. E citou autores renomados, como Adam Ventura, Boaventura Santos, Luiz Cuti e Oliveira Silveira, que se tornaram famosos no exterior antes mesmo de serem conhecidos no Brasil.

“Só com as ações afirmativas isso começa a aparecer; com a lei 10.639, aparece essa literatura de resistência, de denúncia, de resgate, é a literatura de um sujeito marcado pela discriminação. Essa literatura é uma nova forma de libertação negra, é de um povo

que se liberta. Antes o negro só era visto de forma pejorativa; hoje o pejorativo é crime”, comentou. Mencionando palavras do escritor Luiz Cuti, ela frisou que “negro é quem se sente negro”. Daí a razão pela qual foi utilizada a alcunha de afro-brasileiro para que as pessoas se autodeclarassem – sem preconceitos – merecedoras de ser beneficiadas pelas cotas na Uneb. “Ser negro é sentir-se negro”, ratificou, antes de receber efusivos aplausos das 150 pessoas ali presentes.

LANÇAMENTO DO LIVRO DE POESIA CORPO E ALMA DE SIONE PORTO

Em noite de autógrafos concorrida, no dia 21 de novembro de 2013, acompanhada de elegante coquetel e cumprimentos efusivos da sociedade e literatura grapiúnas, aconteceu o lançamento de *Corpo e Alma*, segundo livro de poesia de Sione Porto, que pertence à Academia de Letras de Itabuna, entidade que organizou o evento, realizado no Tarik Fontes Plaza. A poetisa integra o quadro social da Academia de Letras de Itabuna como diretora de comunicação.

O prefácio do livro é do Juiz de Direito Marcos Bandeira. Para o prefaciador, a poetisa, que é também Delegada de Polícia, diz com sensibilidade sobre as manifestações da alma em suas relações afetivas e do corpo quando a linguagem que dele emerge é o amor físico.

ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA E MEMORIAL ADONIAS FILHO EM ITAJUÍPE PRESTAM HOMENAGEM AO SEU PATRONO



A Academia de Letras de Itabuna e o Memorial Adonias Filho prestaram homenagem ao escritor Adonias Filho, em 27 de novembro de 2013, no Casarão da Praça, em Itajuípe. Compareceram ao evento

os acadêmicos da ALITA, e, entre eles, a diretora do Memorial Adonias Filho, Silmara Oliveira, além de autoridades da educação e da cultura locais, professores e estudantes. Em suas falas, o Juiz de Direito, Marcos Bandeira, e a presidente da Alita, Sonia Maron, destacaram a importância do trabalho que vem sendo realizado pelo Memorial Adonias Filho em prol do conhecimento da obra do grande romancista e da cultura local. O professor Eduardo Oliveira apresentou o seu projeto de ensino da obra de Adonias Filho com base no livro juvenil “O Menino e o Cedro”.

O escritor e poeta Cyro de Mattos, um dos idealizadores da ALITA, discorreu sobre a vida e a obra de Adonias Filho, que tem como motivação a infância da região cacaueira baiana, na época do desbravamento e conquista da terra. Observou o conferencista que o ciclo do cacau na ficção adoniana é permeado de um fundo trágico, que lembra os gregos, enquanto Jorge Amado em seus importantes romances representa o social e o histórico na saga empreendida pelo homem grapiúna nas terras do sul do Estado.

CERES MARYLISE LANÇA PRIMEIRO LIVRO DE POESIA EM UBAITABA



Em parceria com a Academia de Letras de Itabuna - ALITA, o Rotary Club de Ubaitaba sediou no último sábado, dia 16 de agosto de 2014, o lançamento do livro ATALHOS E DESCAMINHOS,

de autoria de Ceres Marylise Rebouças. Compareceram ao evento a secretária de educação de Ubaitaba, professora Adélia Mendes, membros da academia, rotarianos, autoridades, professores, ex-alunos, colegas e familiares da autora. Discursaram na oportunidade, ressaltando as qualidades da homenageada e poetisa, o presidente do Rotary Club de Ubaitaba, Cledenor Soares, a presidente da ALI-TA, Sônia Maron, e os alitanos Marcos Bandeira e João Otávio.

A noite de festa com poesia, música e teatro teve na abertura os atores Gideon Rosa, Raquel Rocha e Elaine Bela Vista declamando poemas da autora. Em segundo momento aconteceu a apresentação teatral do grupo Trilhas Teatrais sob coordenação do diretor Jorge Batista, também diretor cultural da Academia de Letras Itabuna. O músico e compositor Roque Luy abrilhantou a noite com poemas da autora, musicados por ele próprio.

CYRO DE MATTOS LANÇA NA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA SEU PRIMEIRO ROMANCE



O escritor Cyro de Mattos (baiano de Itabuna) lançou o seu primeiro romance, *Os ventos gemedores*, na Academia de Letras da Bahia, em Salvador, no dia 2 de setembro de 2014, às 18 horas. O livro é uma publicação da Editora LetraSelvagem (SP) e traz

posfácio assinado pela ensaísta Nelly Novaes Coelho, doutora em Letras e professora emérita da USP.

Em *Os ventos gemedores*, Cyro de Mattos penetra vulcânicos labirintos no coração da terra e transmuda o território do sul da Bahia no condado imaginário do Japará. Desenvolve nesse território bárbaro o conflito movido por dramas, ambições, opressões e misé-rias da terra, vividos por Vulcano Brás, Edivirgem, vaqueiro Genaro, Almirinha, os irmãos Olindo e Olívio, entre outros personagens marcantes cujas ações conferem permanência ao romance, terminada a sua leitura.

Autor de ampla escrita, entre volumes de contos, novelas, poemas, crônicas e livros infantojuvenis, Cyro de Mattos é publicado com livros pessoais em Portugal, Itália, Alemanha e França. Sua obra vem sendo aclamada por escritores e críticos, no Brasil e exterior, além de ter o reconhecimento através dos vários prêmios expressivos, conquistados no Brasil e no exterior.

ROMANCE OS VENTOS GEMEDORES DE CYRO DE MATTOS LANÇADO EM SÃO PAULO NA CASA DAS ROSAS

O lançamento do primeiro romance de Cyro de Mattos pela Letra Selvagem ocorreu no dia 12 de novembro de 2014, na Casa das Rosas, em São Paulo. Além de *Os ventos gemedores*, foram lançados também os livros *Uma garça no asfalto*, de Clauder Arcanjo (crônica) e *Rainhas da antiguidade: sedução e majestade*, de Dirce Lorimier Fernandes (biografia).

Abrindo o evento, o escritor, jornalista e professor universitário Joaquim Maria Botelho, presidente da União Brasileira de Escritores (SP), apresentou os três autores ao público, salientando que com *Os ventos gemedores* o escritor Cyro de Mattos alcança a marca de 51 livros publicados, durante quase cinquenta anos dedicados à vida literária.

Nesse romance de ritmo ágil, o leitor irá escutar a fúria de ventos compulsivos, que assim abalam e deixam-nos perplexos, de tal sorte os gestos de criaturas primitivas, de anseios tão densos e chocantes, em meio a situações de desespero. Observou que, na trama desenvolvida em ambiente bárbaro, sobressaem como personagens marcantes Vaqueiro Genaro, Almirinha, Vulcano Brás, Edivirgens, os irmãos Olindo e Olívio e Abelardo Pança-Farta.

**ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA
COMEMORA O DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA
NA SEDE DO MONTEPIO DOS ARTISTAS**



A Academia de letras de Itabuna (ALITA) comemorou em novembro de 2014 o Dia da Consciência Negra, na sede da Sociedade Montepio dos Artistas, com leitura de textos sobre o universo do negro realizada pelas acadêmicas Sônia Maron, Sione Porto e Ceres Marylise, além de contação de histórias por Jorge Batista e Ruy Póvoas. A narrativa Natal das Crianças Negras, de Cyro de Mattos, foi lido pela acadêmica Celina Santos. O evento foi dirigido pelo acadêmico Jorge Batista, diretor cultural da ALITA, que, na oportunidade, contou a história “A Onça e a Criação do Mundo”.

A PARTIDA DO ESCRITOR HÉLIO PÓLVORA



Com pesar, a Academia de Letras de Itabuna comunica o falecimento, na madrugada de quinta-feira, 26 de março, do eminente escritor e crítico literário Hélio Pólvora, ocupante da Cadeira nº 17, que tem como patrono Machado de Assis. Natural de Itabuna, sul da Bahia, onde nasceu em 1928, Hélio é autor de 26 títulos de obras de ficção e crítica literária, além de uma atividade jornalística intensa. É considerado um dos mais importantes contistas brasileiros do século 20, com destaque para obras consagradas pela crítica e pelo público, a exemplo dos livros *Os galos da aurora* (1958), *Estranhos e assustados* (1966) e *Mar de Azov* (1986). Doutor *honoris causa* pela Universidade Estadual de Santa Cruz, atuou como editor (Edições Antares, Rio de Janeiro), crítico literário do *Jornal do Brasil*, *Veja* e *Correio Braziliense*, cronista e crítico de cinema do *Jornal do Brasil*, *Shopping News* e outros jornais e revistas. Fundador e editor do jornal *Cacau-Letras* e de *A Região* com o jornalista Manoel Leal.

Foi também cronista do jornal *A Tarde* onde publicava um artigo semanal, na página *Opinião* e aos domingos. Conquistou prêmios literários de nomeada, entre os quais os da Bienal Nestlé de Literatura, anos 1982 e 1986, para contos (1º lugar), e mais os prêmios da

Fundação Castro Maya, com o livro *Estranhos e assustados*, e Jornal do Comércio, para *Os galos da Aurora*. Assina cerca de oitenta traduções de livros de ficção (romances e contos) e ensaios. Como crítico literário é considerado um dos melhores analistas da obra de Machado de Assis. Pertenceu à geração dos escritores itabunenses Telmo Padilha, Cyro de Mattos, Sonia Coutinho, Walker Luna, Firmino Rocha e Valdelice Soares Pinheiro.

A foto mostra Cyro de Mattos autografando seu livro de estreia, *Berro de fogo*, contos, para Hélio Pólvora, na Galeria Goeldi, em Ipanema, Rio de Janeiro, 1966.

ECO DA POESIA DE VALDELICE SOARES PINHEIRO

O escritor e poeta Cyro de Mattos, que projetou e organizou o livro *O canto contido*, coletânea de poemas de Valdelice Soares Pinheiro, recebeu manifestações positivas acerca da obra. Assinadas por expressivos representantes da literatura e da crítica literária, as mensagens enaltecem o talento da poetisa itabunense, falecida em 1993. Para citar dois exemplos, um dos e-mails foi enviado por Helena Parente Cunha, doutora em letras, professora emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro, escritora com mais de 20 obras publicadas, entre livros de contos, romances, poesias e ensaios. Ela afirmou: “A leitura dos poemas de *O canto contido* me encantou com a descoberta dessa poetisa, que não precisa de muitas palavras para revelar a delicadeza de seu ser e a sabedoria, às vezes triste, com que ela vê o mundo e a vida individual e coletiva”. Já o poeta peruano Alfredo Pérez Alencart, professor da Universidade de Salamanca, na Espanha, anunciou durante 20 minutos, na TV e Rádio Al Dia, de Salamanca, o lançamento do livro. Além de ressaltar que a obra tem “prefácio, notas e organização do destacado poeta brasileiro Cyro de Mattos, que integrou a delegação brasileira no XV Encontro de Poetas Iberoamericanos, ele deixou claro o porquê de mencionar a referida coletânea: “Por

se tratar sua autora de uma poeta de verdade, merecedora de ser conhecida por quem gosta de apreciar a boa poesia, construída com saber e sensibilidade”. E observou, antes de traduzir para o espanhol vários poemas da itabunense: “O livro é constituído de poemas que são verdadeiras pérolas”.



Segundo o organizador do livro, a repercussão mostra que está sendo alcançado o objetivo embalado desde o surgimento do projeto: “Tinha desejo de fazer uma coletânea reunindo os poemas publicados em vida por Valdelice para que sua poesia não ficasse relegada ao exílio e esquecimento, pois se trata de boa poesia. Certa vez, ouvi da presidente da Academia de Letras de Itabuna, a Juíza de Direito Sônia Maron, seu desejo de publicar nova edição do livro *De dentro de mim*, o primeiro de Valdelice, publicado há 49 anos, hoje uma raridade bibliográfica. Revelei a ela que meu desejo era mais amplo, consistia na edição de um livro contendo todos os poemas publicados em vida por Valdelice. Foi assim que nasceu a ideia da coletânea *O canto contido*, que conseguiu sair do desejo para se tornar realidade.

O lançamento da coletânea poética, que lotou o auditório da Faculdade de tecnologia e Ciências (FTC), ocorreu na última quinta-feira de março, dia 26. Emocionada na sua fala, a presidente

da Academia de Letras de Itabuna (uma das entidades patrocinadoras do livro) recordou o quanto aprendeu com Valdelice Soares Pinheiro, que conheceu aos 17 anos de idade e de quem era amiga próxima. O professor universitário e babalorixá Ruy Póvoas, também membro da Academia de Letras de Itabuna, em sua fala, ressaltou que “ela construiu-se e propiciou aos que viveram ao seu redor, num viver de prudência igual às cobras e de simplicidade igual aos pombos”.

QUADRO SOCIAL DA ALITA - PATRONO ADONIAS FILHO

PATRONOS MEMBROS FUNDADORES

Cadeira	Patrono	Titular
01	Ruy Barbosa	Marcos Antonio Santos Bandeira
02	Sosígenes Costa	Silmara Santos Oliveira
03	Nestor Passos	Carlos Eduardo Lima Passos da Silva
04	Helena Borborema	Dinalva Melo do Nascimento
05	Jorge Amado	Cyro Pereira de Mattos
06	Milton Santos	Lurdes Bertol Rocha
07	Telmo Padilha	Sione Maria Porto de Oliveira
08	Euclides Neto	Maria Luiza Nora de Andrade
09	Walker Luna	Rilvan Batista de Santana
10	Amélia Rodrigues	Ary Quadros Teixeira
11	Minelvino Francisco da Silva	Marialda Jovita Silveira
12	Afrânio Peixoto	Antônio Laranjeira Barbosa
13	Plínio de Almeida	Ruy do Carmo Póvoas
14	Valdelice Soares Pinheiro	Sônia Carvalho de Almeida Maron
15	José Haroldo Vieira	Gustavo Fernando Veloso Menezes

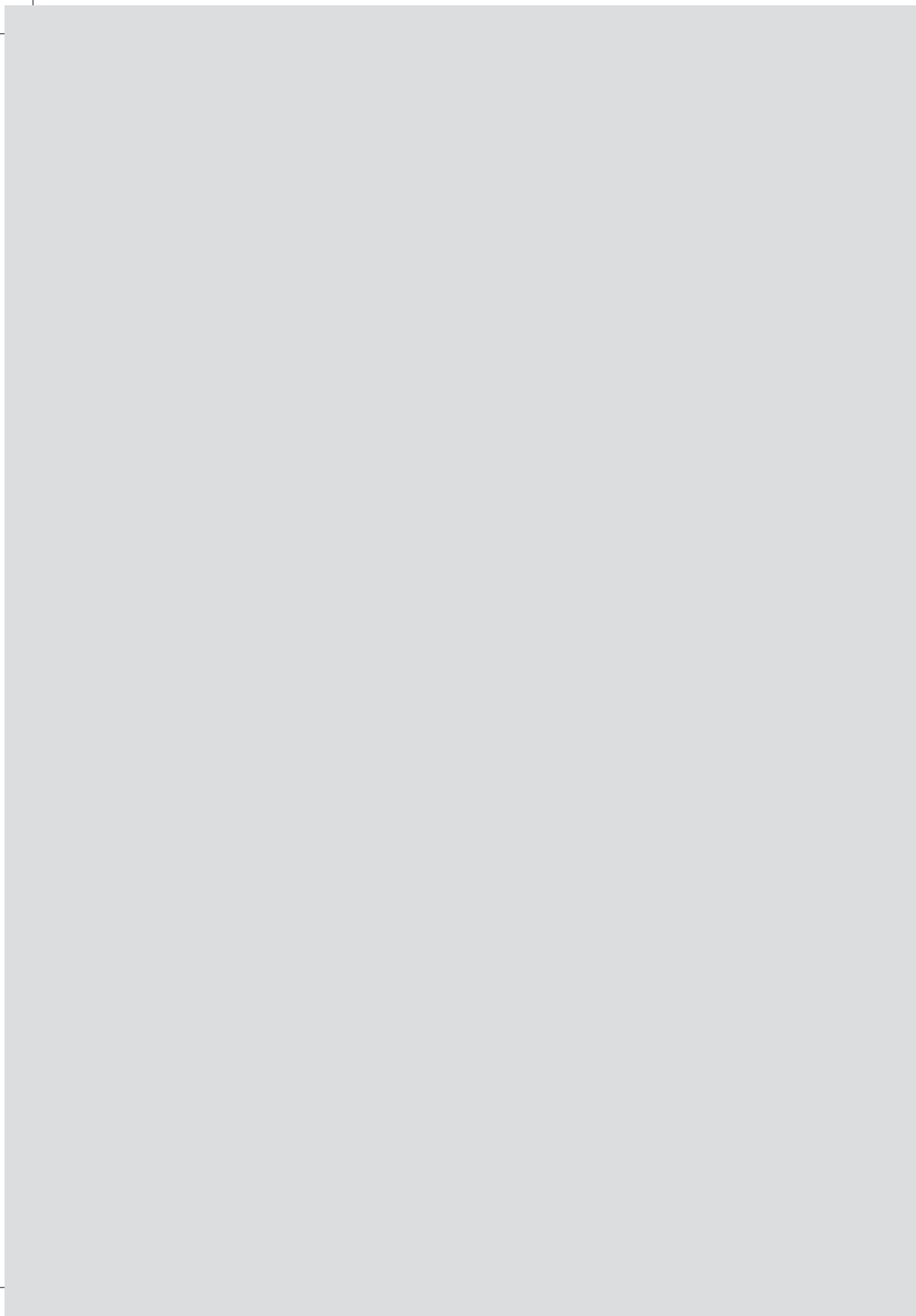
PATRONOS MEMBROS EFETIVOS

Cadeira	Patrono	Titular
16	Abel Pereira	Ceres Marylise Rebouças de Souza
17	Machado de Assis	Hélio Pólvora
18	Anísio Teixeira	Raimunda Alves Moreira de Assis
19	Aracyldo Marques	Ricardo Cruz
20	Ariston Caldas	Renato Prata
21	Augusto Mário Ferreira	
22	Castro Alves	Aleilton Fonseca
23	Saboia Ribeiro	Carlos Válder do Nascimento
24	Clodomir Xavier de Oliveira	Celina Silva dos Santos
25	Elvira Foepel	Raquel Silva Rocha
26	Fernando Leite Mendes	Jorge Luiz Batista
27	Fernando Sales	Maria Palma Andrade
28	Firmino Rocha	Delile Miranda de Oliveira
29	Gil Nunesmaia	Margarida Cordeiro Fahel
30	Hélio Nunes	João Otávio Moreira Macedo
31	Ildásio Tavares	Maria de Lourdes Netto Simões Tica
32	Itazil Benício	Sérgio Alexandre Menezes Habib
33	João da Silva Campos	
34	Jorge Calmon	Luiz Antonio dos Santos Bezerra
35	Jorge Medauar	Florisvaldo Mattos
36	José Bastos	Maria Rita Coelho Dantas
37	Luiz Gama	Gideon Alves Rosa
38	Manoel Lins	Naomar Monteiro de Almeida Filho
39	Manoel Fogueira	Janete Ruiz de Macedo
40	Natan Coutinho	Soane Nazaré de Andrade

MEMBROS CORRESPONDENTES

Aramis Ribeiro Costa	Cristiano Lobo
Consuelo Pondé	Edivaldo Pereira Brito
Roberto Sidney Macedo	Ivete Alves Sacramento

PESQUISA ICONOGRÁFICA





**OS MEMBROS FUNDADORES DA
ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA (ALITA),
EM 19 DE ABRIL DE 2011**

Dr. ANTONIO LARANJEIRA BARBOSA
Prof. ARY QUADROS TEIXEIRA
Dr. CARLOS EDUARDO LIMA PASSOS DA SILVA
Dr. CYRO PEREIRA DE MATTOS
Dra. DINALVA MELO
Prof. GUSTAVO FERNANDO VELOSO MENEZES
Dra. LURDES BERTOL ROCHA
Dr. MARCOS ANTONIO SANTOS BANDEIRA
MARIALDA JOVITA SILVEIRA
MARIA GENNY XAVIER CONCEIÇÃO
MARIA LUIZA NORA DE ANDRADE
Prof. RILVAN BATISTA DE SANTANA
Dr. RUY DO CARMO PÓVOAS
Dra. SIONE MARIA PORTO DE OLIVEIRA
Dra. SÔNIA CARVALHO DE ALMEIDA MARON

**PRIMEIRA CERIMÔNIA DE POSSE DOS MEMBROS
DA ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA (ALITA)**



ALGUMAS FOTOS DE ALITANOS E EVENTOS



